

1. Introdução

2. Oração, frase e período

3. Sintagma e sequência

3.1. Sintagma nominal

3.2. Sintagma verbal

3.3. Sintagma adjectival

3.4. Sintagma preposicional

3.5. Sintagma adverbial

3.6. Sequência/coordenação

4. PERÍODO SIMPLES

4.1. TERMOS ESSENCIAIS

4.2. Sujeito

4.2.1. Sujeito simples e composto

4.2.2. Sujeito argumental explícito

4.2.3. Sujeito argumental implícito

4.2.4. Sujeito arbitrário

4.2.5. Sujeito inexistente

4.3. Predicado

4.3.1. Estrutura de predicado

4.3.2. Verbos plenos

4.3.3. Verbos auxiliares

4.4. Tipos de predicados

4.4.1. Predicado nominal

4.4.2. Predicado verbal

4.4.2.1. Verbos intransitivos

4.4.2.2. Verbos transitivos

4.4.2.3. Voz verbal/diátese¹

4.4.2.3.1. rações passivas verbais

4.4.2.3.2. Orações passivas pronominais

4.4.2.3.3. Orações passivas reflexas

4.4.3. Predicado verbo-nominal

4.4.4. Seleção dos argumentos

4.5. TERMOS INTEGRANTES

4.5.1. Complemento directo

4.5.2. Complemento indirecto

4.5.3. Complemento oblíquo

4.5.4. Agente da passiva

4.5.5. Complemento nominal e adjectiva

4.5.6. Complemento adverbial

4.6. TERMOS ACESSÓRIOS

4.6.1. Adjuntos adverbiais

4.6.2. Adjunto adnominal

- 4.6.3. Aposto
- 4.6.4. Vocativo

5. PERÍODO COMPOSTO

5.1. Orações coordenadas

- 5.1.1. Coordenação copulativa
- 5.1.2. Coordenação adversativa
- 5.1.3. Coordenação disjuntiva
- 5.1.4. Coordenação explicativa
- 5.1.5. coordenação conclusiva
- 5.1.6. Polissemia das conjunções.

5.2. Orações ou períodos interferentes

5.3. Subordinação

5.3.1. Subordinação completiva

5.3.1.1. Classificação sintáctica

- 5.3.1.1.1. Orações completivas de sujeito
- 5.3.1.1.2. Orações completivas de objecto directo .
- 5.3.1.1.3. Orações completivas de objecto indirecto
- 5.3.1.1.4. Orações completivas oblíquas
- 5.3.1.1.5. Orações completivas predicativa, apositiva, de agente da passiva
- 5.3.1.2. Modo nas orações completivas

5.3.1.2.1. Indicativo

- 5.3.1.2.1.1. Consecutio temporum – dependência temporal
- 5.3.1.2.1.2. Discurso relatado

5.3.1.2.2. Conjuntivo

- 5.3.1.2.2.1. Consecutio temporum
- 5.3.1.2.2.2. Consecutio temporum

5.3.1.2.3. Infinitivo

- 5.3.1.2.4. Tempo dependente e tempo independente
- 5.3.1.2.5. Ordem de palavras nas orações não finitas

5.3.2. Orações relativas

- 5.3.2.1. O modo e os tempos nas orações relativas
- 5.3.2.2. Consecutio temporum
- 5.3.2.3. As orações relativas reduzidas/pseudo-relativas

5.3.3. Orações adverbiais

- 5.3.3.1. Orações comparativas, consecutivas e proporcionais
- 5.3.3.2. Orações temporais
- 5.3.3.3. Orações finais e resultativas
- 5.3.3.4. Orações concessivas
- 5.3.3.5. Orações condicionais
- 5.3.3.6. Orações de circunstância negativa
- 5.3.3.7. Orações de modo
- 5.3.3.8. Orações de lugar
- 5.3.3.9. Orações conformativa e de comentário
- 5.3.3.10. Orações contrastivas e contrapositivas

5.3.3.11. Orações substitutivas e acrescentativas

5.3.4. Orações reduzidas de participio e de gerúndio

5.3.4.1. Orações participiais

5.3.4.2. Orações gerundivas

6 Pontuação

7 Referências bibliográficas:

1. Introdução

Sintaxe é uma palavra de origem grega (no grego clássico σύνταξις "disposição", de σύν, transl. *syn*, "juntos", e τάξις, transl. *táxis*, "ordenação"). É uma disciplina linguística estuda a organização das palavras na frase e das frases no discurso. Ao mesmo tempo, inclui no seu estudo a relação lógica entre as palavras e as frases, a qual condiciona a transmissão e a percepção do significado completo e compreensível da mensagem. A inobservância das regras de sintaxe chama-se *solecismo*.

Na linguística, a sintaxe é o ramo que estuda os processos generativos ou combinatórios das frases das línguas naturais, tendo em vista especificar a sua estrutura interna e funcionamento. O termo "sintaxe" também é usado para referir o estudo das regras que regem o comportamento de sistemas matemáticos, como a lógica, e as linguagens de programação de computadores.

A sintaxe tradicional

os primeiros passos da tradição europeia no estudo da sintaxe foram dados pelos antigos gregos, começando com Aristóteles, que foi o primeiro a dividir a frase em sujeito e predicado. Um segundo contributo fundamental deve-se a Gottlob Frege que criticando a análise aristotélica, propõe uma divisão da frase em função e argumento. Deste trabalho fundador, deriva toda a lógica formal contemporânea, bem como a sintaxe formal.

Só no final do século XIX, a Sintaxe tornou-se uma disciplina linguística independente começando a fazer parte da Gramática que estuda a organização das palavras na frase e as relações que as orações estabelecem entre si.

Na **gramática tradicional** a Sintaxe é trabalhada como "análise sintática", que consiste, basicamente, em classificar os vocábulos de acordo com as suas funções sintáticas em três

grupos: essenciais, integrantes e acessórios. Aos termos essenciais pertencem o sujeito e o predicado, aos termos integrantes pertencem o objeto direto, indireto, complemento adverbial, agente da passiva, complemento nominal, e entre os termos acessórios da oração contam-se o adjunto adnominal, adjunto adverbial, aposto e vocativo. A Sintaxe tradicional retoma os princípios da análise estrutural, saussuriana² da frase e representa um método consistente e sólido e mais adequado ao estudo da estrutura da frase. (Kury: 1984:6).

A **sintaxe transformacional** é uma teoria gramatical lançada por Noam Chomsky³ em 1957 quando publicou *As Estruturas Sintáticas* em que se propõe a elaborar uma formalização lógico-matemática dos métodos sintáticos. Ocupa-se do aspecto criativo da faculdade da linguagem e aborda os processos de transformação pelos quais passa o sintagma. A sintaxe transformacional, introduzida por Noam Chomsky, renovou completamente a investigação nesta área do conhecimento, e em 1965 publica a sua obra *Aspectos da Teoria da Sintaxe* em que sintetiza os problemas relativos aos conceitos de competência e de performance (desempenho), da estrutura de superfície (realização das frases) e da estrutura profunda (caminho a seguir para criar frases). Assim nasceu uma nova corrente designada Linguística Gerativa.

A rápida difusão do movimento gerativista na Europa pode explicar-se não só como uma tendência muito geral de abertura da Europa às concepções americanas, mas igualmente por certos aspectos da própria teoria generativa, os quais retomam algumas tradições antigas da gramática, ao mesmo tempo que redescobrem, sob novas formas, conceitos ligados ao desenvolvimento da linguística estrutural europeia.

Apesar de a descrição generativista constituir um ramo prevalecte no contexto da linguística geral e portuguesa, decidimos incluir, no presente estudo, sobretudo o modelo de descrição funcional que nos parece mais apropriado para os fins didáctico-pedagógicos. A *Sintaxe da língua portuguesa* é dedicada aos alunos do segundo ano do curso de Língua Portuguesa da Universidade de Masaryk de Brno, da República Checa e procura oferecer aos

² **Ferdinand de Saussure** (1857-1913) linguista e filósofo suíço, autor de *Curso de Linguística Geral*, cuja teoria sobre o signo linguístico (relação arbitrária entre um significado e um significante) serviu de base para o desenvolvimento do estruturalismo no século XX.

³ Avram Noam Chomsky (1928) é um linguista, filósofo e activista político norte-americano. O seu nome está associado à criação da gramática ge(ne)rativa transformacional. É também autor de trabalhos fundamentais sobre as propriedades matemáticas das linguagens formais.

leitores uma visão global e coerente das funções sintácticas dos elementos que constituem uma oração ou um período. Apesar de ser nosso objectivo descrever as propriedades sintácticas da oração sobretudo do ponto de vista funcional, será incluída na presente obra também uma breve descrição estrutural.

É de destacar que não se trata de uma obra completa e definitiva. Estamos conscientes de que há nela questões não respondidas. Por outro lado, estas lacunas poderão alimentar o interesse dos leitores em aprofundar os seus conhecimentos que aqui tiverem adquirido.

2. Oração, frase e período

Frase é todo o enunciado linguístico capaz de transmitir uma ideia. Pode ser uma palavra ou todo um conjunto de palavras. O mais importante é o propósito da sua transmissão e não a sua extensão, constituindo um enunciado de sentido completo. O conceito de frase, portanto, abrange várias formas: desde as estruturas linguísticas muito simples até enunciados bastante complexos. Na frase pode, muitas vezes, ser omitido o verbo. Na linguagem oral, cada frase possui uma melodia, um ritmo, uma entoação peculiar que a escrita procura sugerir por meio dos sinais de pontuação, que lhe emprestam um sentido completo.

Existem vários tipos de frases: do ponto de vista da entoação, a frase é classificada em tipos **primários**:

- **frase exclamativa**, a qual possui uma exclamação: *Que dia tão bonito!*;
- **frase imperativa**, a qual expressa ordens, proibições ou conselhos: *Saia!*;
- **frase interrogativa**, a qual transmite perguntas: *Vais connosco ao cinema?*;
- **frase declarativa**, a qual anuncia qualquer facto: *Estou no Brasil.*

E ainda há mais dois grupos **secundários**:

- **frases optativas** em que o emissor expressa um desejo: *Desejaria falar com a Joana.*;
- **frases imprecativas** em que o emissor expressa uma súplica através de maldição: *Que um raio caia sobre a minha cabeça!*

O tipo mais comum da frase é **a oração** que é formada por sujeito e predicado e como tal, estrutura-se em torno de um verbo ou locução verbal. O que caracteriza a oração é o verbo, não sendo relevante se tal oração tem um sentido pleno.

As orações podem ser **classificadas em tipos seguintes:**

- **oração absoluta** é a oração que representa uma frase completa com um verbo: *A minha avó foi à eira;*
- **orações coordenadas** são duas ou mais orações sintacticamente equivalentes que podem ser separadas sem perder o sentido: *Chegou a casa e foi deitar-se.* A relação de equivalência sintáctica existente entre as orações coordenadas é denominada **paratáctica**.
- **orações subordinadas** são orações dependentes de uma oração principal, i.e., existe uma hierarquia sintáctica entre as estruturas oracionais. Esta relação de dependência é denominada **hipotáctica**: *Pediu dinheiro ao pai para que pudesse pagar as dívidas.*
- **orações independentes** são orações que fazem parte de um período e têm um sentido completo, pleno, (isto é, se são orações-frases). *A noite descia: caía de cima uma claridade láctea; pesava um austero e lento silêncio; a larga brancura celeste era gloriosa⁴⁴.* Em princípio, cada oração independente é capaz de formar por si um período simples.

Já o **período** é uma frase que possui uma ou mais orações. O período é classificado em três tipos:

- **período simples:** é constituído de uma só oração (um verbo ou locução verbal) : *João ofereceu um livro à Joana.;*
- **período composto:** é constituído de duas ou mais orações (dois ou mais verbos ou duas locuções verbais) com a relação paratáctica ou hipotáctica: *A mãe precisa que vás buscar o pão.;*
- **período misto:** é constituído por três ou mais orações (ou seja, por três ou mais verbos ou locuções verbais), entre as quais pode haver uma relação paratáctica ou hipotáctica: *Ele amava e protegia a sua mulher que tanto significava para ele.*

⁴⁴ Eça de Queirós, *Prosas Bárbaras* (1947: p.5)

3. Sintagma

O sintagma é um termo que foi introduzido por **Ferdinand de Saussure** para designar dois elementos consecutivos, um dos quais é **determinado** (principal) e o outro **determinante** (subordinado). Assim, no sintagma *o Vénus*, o elemento determinado é *Vénus* e o elemento determinante o artigo *o*.

No **sintagma básico**, formado por sujeito e predicado (ver mais adiante), o elemento determinado é o verbo e o determinante é o sujeito.

O sintagma é definido por Saussure como “a combinação de formas mínimas numa unidade linguística superior que surge a partir da linearidade do signo⁵, ou seja, ele exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo, pois um termo só passa a ter valor a partir do momento em que ele contrasta com outro elemento.

Não existem opiniões unânimes na interpretação do sintagma. A definição de Saussure, sendo muito vasta, pode abranger diferentes tipos de construções: desde as mais baixas até às mais altas, como se pode ver na seguinte hierarquia:

- **sintagma morfossintático**, o qual consiste na combinação dos morfemas numa palavra (*re-fa-zer, chá-l-eira*);

⁵ O **signo linguístico** constitui-se numa combinação de significante e significado.

- **sintagma subordinacional**, o qual consiste na combinação das palavras que formam um membro oracional (*bom dia, leite magro*);
- **sintagma oracional**, o qual é composto por membros oracionais (*A vida é cão.*);
- **sintagma super-oracional**, composto por orações (*Se fizer bom tempo, vou sair.*).

Partindo do facto de o sintagma constituir uma unidade significativa composta de mais elementos que mantêm entre si relações de dependência /ou interdependência^{6/} e de ordem, e organizados em torno de um elemento fundamental denominado **núcleo**, subdividimos os sintagmas em: nominal, verbal, adjectival, adverbial e preposicional.

3.1. Sintagma nominal

O sintagma nominal (por vezes abreviado em SN) é constituído obrigatoriamente por um nome (abreviado em N) e seus respectivos determinantes⁷ (pronomes e palavras que originalmente pertenciam a outras classes lexicais mas que foram recategorizadas como nomes, por vezes abreviados em Det). O núcleo pode combinar-se com outros elementos, como são os complementos (*a conquista da cidade*), dos modificadores (*a bola vermelha*) e dos especificadores representados pelos determinantes⁸ e quantificadores⁹ (*muitos livros*).

As funções sintácticas que o sintagma nominal pode desempenhar são: sujeito, predicativo (predicação secundária), objecto (complemento) directo, indirecto e oblíquo (nominal e adverbial), aposto, adjunto adverbial e vocativo.

Quando o sintagma nominal contém um só especificador, este ocorre na posição inicial do sintagma (*este estudante, muitos alunos, etc*). Não obstante, quando o especificador é um quantificador vago (veja-se a nota de roda-pe núm.8), este pode ocorrer também entre um determinante definido e o nome (*os vários amigos do Luís*). Esta posição é chamada intermédia. Os quantificadores *todos* e *ambos* que iniciam o sintagma nominal não podem preceder directamente um nome sem determinante (*todas as casas, ambas as casas*) sendo agramaticais tais construções como **todas casas, *ambas casas*. Estes quantificadores podem ocorrer também em posição pós-verbal, separados do sintagma nominal, numa construção chamada **flutuação do quantificador**. Assim, as frases:

⁶ Spitzová (2000:4).

⁷ Svobodová (2014)

⁸ Pertencem aos determinantes: os artigos definido, indefinido e os pronomes demonstrativos.

⁹ Pertencem aos quantificadores: os quantificadores universais (*todos, ambos*), vagos (*bastantes, demasiados, inúmero, muitos, numerosos, poucos, vários* e as suas variantes femininas) e os numerais cardinais.

Todas as casas eram brancas. ou: Ambas as crianças comeram o bolo.

são substituíveis por:

As casas eram todas brancas. As crianças comeram ambas o bolo.

Quanto à função sintáctica que o sintagma nominal exerce na oração, geralmente é representado pelo sujeito e pelos complementos verbais da oração. Veja-se o seguinte exemplo:

Os alunos escreveram um teste.

Temos na oração dois sintagmas nominais, um na função de sujeito e outro na função do objecto (complemento directo): na função de sujeito encontra-se *os alunos*, cujo núcleo é *alunos* e cujo especificador o determinante *os*; na função do objecto (complemento) directo encontra-se *um teste*, cujo núcleo é *teste* e cujo especificador é o determinante *um*.

O sintagma nominal, como vemos, tem uma estrutura interna mais complexa. Dentro do SN distinguimos ainda um constituinte menor formado pelo nome (abreviado em N) e os outros elementos lexicais (além dos especificadores). Estes grupos são chamados **grupos nominais** (abreviados em GN) e são, portanto, unidades cuja extensão se sobrepõe a N:

Os meus cinco irmãos da parte da mãe estão fora do país.

Nem todos os sintagmas contêm um especificador, sobretudo quando representam uma quantidade indeterminada de entidades ou uma quantidade indeterminada de substância. Assim, na frase:

Comprei CDs do Zeca Afonso. ou Comi bolo ao jantar.

o referente do SN denota uma quantidade indeterminada (*de discos, de bolo*). Estes grupos nominais, sem o especificador, são denominados **sintagmas nominais reduzidos**. Os especificadores, quando aparecem, precisam a denotação dos referentes, determinam-nos.

3.2. Sintagma verbal

O sintagma verbal é constituído pelo predicado da oração, em que o núcleo é o próprio verbo, como ilustra o seguinte exemplo:

*As visitas **chegaram**.*

Nesta frase o predicado é o verbo *chegaram*, representando, assim, o sintagma em evidência. Por vezes, o sintagma verbal é abreviado em SV e o seu núcleo em V.

Os elementos que ocorrem juntamente com o verbo pleno dentro do sintagma verbal são chamados **argumentos do verbo**, que podem ocorrer sob forma do sintagma nominal, adjectival, adverbial ou preposicional, desempenhando as funções de predicativo (ou de predicção secundária), de objecto (complemento) directo, indirecto e oblíquo (adverbial e nominal). Diz-se que o verbo selecciona os seus argumentos, e que são, portanto, constituintes obrigatórios, sem os quais a oração não teria sentido completo. O argumento é crucial na organização sintáctica e semântica da oração.

Os argumentos do verbo são classificados em: **argumento externo** (o sujeito) e os **argumentos internos** (os complementos).

Nem todos os sintagmas verbais têm um complemento, sobretudo quando representam verbos intransitivos ou absolutos, como exemplificam as seguintes frases formadas por verbos meteorológicos:

Choveu. Neva. Troveja. Relampagueja.

Nestas frases unimembres, os verbos meteorológicos, são auto-suficientes e não precisam de nenhum complemento que lhes integre o sentido. Constituem os chamados **sintagmas verbais reduzidos**.

3.3. Sintagma adjectival

O sintagma adjectival (abreviado em Adj.) é constituído por um elemento nuclear que é um adjectivo que tipicamente funciona como predicativo, complemento, adjunto ou aposto.

Além do núcleo, o sintagma adjectival pode conter especificadores adverbiais, que são tipicamente de carácter quantificacional (*muito famoso*, *bastante raro*, *nada estúpido*, *completamente vazio*, *extraordinariamente interessante*), mas também podem ser avaliativos (*terrivelmente egoísta*, *historicamente importante*).

Quando o sintagma adjectival contém um complemento, este completa-lhes o sentido e ocorre sempre à direita do adjectivo (*orgulhoso dos seus filhos*, *alérgico ao pólen*, *agradável de ouvir*, *amável com alguém*, *ansioso por a.c.*, *certo de a.c.*, *distante de a.c.*, *desejoso de a.c.*, *fácil de a.c.*, *fiel a alguém*, *nativo de a.c.*, *originário de a.c.*, *parecido com a.c.*, *preocupado com a.c.*, *próximo de a.c.*, *seguro de a.c.*, *simpático com alguém*, etc.).

Além dos especificadores e complementos, o sintagma adjectival pode conter adjuntos, elementos facultativos que não são seleccionados pelo adjectivo. Ocorrem exclusivamente à direita do adjectivo e de um eventual complemento do adjectivo. Os adjuntos descrevem as circunstâncias da situação expressa pela predicação adjectival (uma *pessoa infeliz na sua casa, um homem bêbedo à meia-noite... etc.).*

O sintagma adjectival desempenha na oração a função de predicativo e de adjunto.

Nem todos os sintagmas adjectivais contêm um especificador ou um complemento, sobretudo quando denotam precisamente a propriedade de referentes. Assim na frase:

Estou cansada.

o falante não pretende especificar nem pormenorizar o estado de cansaço, transmite uma informação mais neutra. Estes adjectivos, isolados, sem o especificador nem complemento, constituem os **sintagmas adjectivais reduzidos**.

3.4. Sintagma preposicional

O sintagma preposicional (abreviado em SP) é constituído por uma preposição, ou por uma locução prepositiva que formam o seu núcleo. O SP pode, junto com o nome, funcionar como complemento oblíquo (adverbial e nominal), complemento (objecto) indirecto e directo preposicionado, adjunto adnominal (modificador adjectival) ou adjunto adverbial.

O sintagma preposicional nunca aparece na forma reduzida, sendo obrigatório o uso do complemento ou adjunto.

3.5. Sintagma adverbial

O sintagma adverbial (abreviado em SAdv) é constituído de advérbio, que é o seu núcleo, e de outros constituintes, que podem ser complementos ou especificadores.

Os especificadores, como, por exemplo: *muito cedo*, *extraordinariamente bem*, *três dias antes*, etc, são tipicamente advérbios que geralmente denotam um sentido quantificacional que explicita o grau da propriedade ou da relação denotada pelo advérbio, funcionando, nesse sentido, como os **especificadores quantificacionais** no SN. Consequentemente, os especificadores ocorrem com os advérbios que denotam domínios escalares ou graduáveis: *devagar*, *cedo*, *tarde*, *próximo*, *longe*.

Entre os especificadores do advérbio pretendem:

- advérbios quantificacionais de grau: *bastante, bem, demasiado, muito pouco, enormemente, excessivamente, suficientemente*;
- locuções adverbiais de grau: *um bocadinho, um bocado, um pouco*;
- sintagma nominal de valor temporal: *antes de, depois* cujo núcleo nominal denota uma unidade de medida temporal dois minutos antes, uma hora depois;
- especificador quantificacional de valor espacial cujo núcleo nominal representa uma unidade de medida espacial (a *duzentos quilómetros depois de Lisboa*).

Apenas as locuções prepositivas iniciadas pelo prefixo *a* ou pela preposição admitem ser especificadas por SN quantificacionais: *duzentos metros atrás/à frente, cinco quilómetros acima/abaixo, três metros à esquerda, à direita, a duzentos quilómetros de Coimbra, a cinco euros o quilo, etc).*

Os complementos do advérbio, sobretudo relacionais, (como *dentro de, fora de, perto de*), podem ser sintagmas preposicionais ou orações, como mostram os seguintes exemplos: *Fora da casa, dentro do prédio, etc.* Os complementos do advérbio ocorrem à sua direita e completam-lhe o sentido.

Os advérbios mais típicos, contudo, não se combinam com um complemento porque, de certa forma, ele está implícito no sentido do próprio advérbio. Por exemplo, o advérbio *aqui* implica o sentido da preposição *em*. De um modo semelhante, os advérbios que terminam em *-mente*, implicam também o sentido de modo (no latim: *mens,- mentis* significa modo, maneira, forma). Assim, *semelhantemente*, corresponde ao seu equivalente: *de um modo semelhante*.

Aos advérbios que se podem combinar com complementos na forma do SP, pertencem, entre outros:

- alguns advérbios que terminam em *-mente* e que preservam o complemento seleccionado pela base adjectival da que deriva: *idênticamente a, paralelamente a, perpendicularmente a, relativamente a, contrariamente a, juntamente com, independentemente de*, etc.
- advérbios relacionais que denotam uma relação espacial e que se combinam obrigatoriamente com um SP: *fora de, dentro de, cerca de, frente a*,
- advérbios de lugar deícticos que podem aparecer com algumas locuções prepositivas: *cá em baixo, lá em cima, lá fora, lá longe, aí à frente, ali atrás*, etc.

- advérbios *mais, menos, tão, tanto* que aparecem nas construções comparativas que denotam o grau dos advérbios: *Ele come mais do que deveria comer. Este ano estuda menos do que no ano passado, etc.*

Dentro de cada oração, os sintagmas organizam-se hierarquicamente, incluindo esta hierarquia vários níveis: **no nível mais alto** encontra-se o sintagma por excelência (sintagma básico), formado por sujeito e predicado e que compõe a oração típica. No **segundo nível**, encontram-se os núcleos de todos os complementos verbais e nominais. No **terceiro nível** os seus modificadores, especificadores e complementos.

F				
SN		SV		
N		V	SN	
D	N		D	N
<i>A</i>	<i>Maria</i>	<i>encontrou</i>	<i>o</i>	<i>livro</i>
(sujeito)		(predicado + objecto directo)		

F				
SN		SV		
N		V	SN	SP
D	N		D	N
			Prep.	SN
				D
				N
<i>O João</i>		<i>deu</i>	<i>o livro</i>	<i>à Maria.</i>
(sujeito)		(predicado + objecto directo + objecto indirecto)		

F				
SN		SV		
N		V	SN SP	
D	N		D	N
			Prep.	SN
				N
<i>O João</i>		<i>encontrou</i>	<i>o livro</i>	<i>com facilidade.</i>
(sujeito)		(predicado + objecto directo + adjunto adverbial)		

Os constituintes oracionais que se encontram nos primeiros dos níveis superiores, são caracterizados por uma maior autonomia quanto à ordem das palavras. Ou seja, tanto os membros do sintagma básico como os do segundo nível (complementos verbais), podem ser facultativamente posicionados, sempre de acordo com a compatibilidade gramatical:

*Vou dizer **isto** ao pai.*

*Vou dizer ao pai **isto**:...,*

***Isto** eu vou dizê-lo ao pai, etc.*

Ao contrário, os membros no terceiro nível unem-se directamente com o membro regente (determinado) do sintagma.

3.6. Sequência/coordenação

Nem todos os termos consecutivos apresentam entre si uma relação sintagmática ou hierárquica. Quando a combinação de dois elementos forma uma coordenação, falamos da **sequência** que também pode apresentar vários tipos no eixo sintagmático:

1. **morfossintática** que se abona no caso das palavras compostas, como *vaivém*, *palavra-chave*, etc.;

2. **sintática** ou suboracional como, por exemplo, na frase: *Eu e o João chegámos atrasados*, etc.;

3. **superoracional** que ocorre quando se coordenam, entre si, duas ou mais orações: *Fui ao teatro com os meus amigos e depois fomos jantar todos juntos ao restaurante*.

Tanto as relações sequenciais como as relações sintagmáticas constituirão o tema fulcral da nossa **análise sintáctica**, na qual nos encarregaremos de examinar, classificar e reconhecer as estruturas da sintaxe, seguindo a seguinte lógica: a frase é composta de períodos, o período é decomposto em orações, as orações em sintagmas, onde podemos definir os elementos determinados e determinantes. No nosso trabalho concentraremos a nossa atenção à análise sintáctica funcional, incluindo, na medida do possível, os diagramas das estruturas morfo-sintáticas. Na *análise do período simples*, constituído de uma oração, estudaremos as funções dos termos (constituintes frásicos) e as suas relações numa oração; na *análise do período composto*, constituído de mais de uma oração, concentrar-nos-emos na classificação e na análise das frases subordinadas e coordenadas e na relação que entre elas existem.

4. PERÍODO SIMPLES

A oração é a unidade máxima da sintaxe.¹⁰ Pode ser segmentada em componentes mais pequenos, chamadas **termos ou elementos ou constituintes da oração**, que são componentes dotadas de uma certa autonomia semântica. Um termo da oração é formado por uma palavra lexical isolada ou unida com várias palavras que pertencem a variadas classes lexicais. Uma palavra gramatical não pode funcionar, isoladamente, como termo sintáctico da oração. Assim, na seguinte oração:

Nós falamos de ti.

contamos com três termos oracionais: 1. *nós*; 2. *falamos*; 3. *de ti*. A preposição serve apenas como uma ponte de união entre os termos da oração.

De acordo com a função que um termo oracional desempenha na oração, relativamente aos outros membros oracionais, distinguimos três grupos de termos:

1. constituintes (termos) sintácticos **essenciais** – sujeito e predicado;
2. constituintes (termos) sintácticos **integrantes** ou **seleccionados** – predicativo, complemento direto, indireto, oblíquo (adverbial, nominal), agente da passiva;
3. constituintes (termos) sintácticos **acessórios** ou **não seleccionados** – adjunto adnominal, adjunto adverbial, aposto.

As relações entre os termos oracionais são binárias (bilaterais). Ao analisar a oração, podemos observar que dois termos da oração estão sempre unidos mais estreitamente entre si do que com outros, como exemplifica a estrutura da oração seguinte:

O director da empresa casou ontem com uma mulher muito simpática e muito jovem.

Nesta oração há uma relação directa entre os seguintes termos: a) *O director da empresa*; b) *o director casou*; c) *casou ontem*; d) *casou com uma mulher*; e) *uma mulher simpática*; f) *uma*

¹⁰ Spitzová, E. (2000:4).

mulher jovem; g) muito simpática; h) muito jovem; e uma relação indirecta entre casou – muito simpática, casou – muito jovem, etc.

F									
SN			SV						
N	+	SP	V	SAdv	SP				
D	+	N	P	+	SN	SAdj	(conj)	SaDJ	
					D	N	Esp	Adj	Esp
<i>O director da empresa</i>			<i>casou</i>	<i>ontem</i>	<i>com uma mulher muito simpática e muito jovem.</i>				
(sujeito)				(predicado)					

A relação entre os termos da oração é de três tipos:

- **interdependência:** quando os termos se pressupõem reciprocamente e nenhum pode existir sem o outro. Na oração desempenham sempre as funções de sujeito e de predicado, i. e., o **sintagma básico**, chamado também **por excelência**, no qual, o verbo é o termo determinado e o sujeito, o termo determinante.
- **subordinação:** quando um dos termos pressupõe o outro, mas não ao contrário: um dos termos é constante e obrigatório, o outro variável (facultativo). Este tipo de relação é denominado também como **de determinação** (o termo constante e subordinante é o termo determinado pelo termo variável e facultativo (denominado determinante)).
- **coordenação:** os termos da oração podem coexistir, mas não se condicionam. Na oração fazem parte da mesma função sintáctica e apresentam a mesma relação .

Assim, na frase citada: *O director da empresa casou ontem com uma mulher muito simpática e muito jovem.*, há uma relação de interdependência: *o director casou*; uma relação de coordenação: *simpática e jovem*, sendo as outras relações definidas como relações de subordinação.

De acordo com a estrutura oracional, as orações podem ser divididas em unimembres e bimembres. O tipo mais frequente de oração é a **oração bimembre**, a qual pode ser bipartida em sujeito e predicado. Pertencem a este tipo também orações que têm o sujeito omitido, implícito na forma verbal e que sempre pode ser expresso. As orações que são formadas apenas pelo verbo na função de predicado, sem o sujeito (nem explícito nem implícito) são chamadas **unimembres** e incluem, sobretudo, aquelas orações que exprimem fenómenos naturais de tempo (*faz cinco anos*) e de atmosfera (*chover, relampagear*), ou ainda outras como, por exemplo, as que são constituídas pelo verbo *haver* e *tratar-se de*.

O predicado é, na oração de um só termo, a enunciação pura de um facto qualquer, é aquilo que se diz acerca do sujeito. O sujeito, ao contrário, é o termo que exprime o ser de quem se diz alguma coisa.

4. 2. SUJEITO

Em análise sintáctica, o **sujeito** é um dos termos essenciais da oração, geralmente responsável por realizar ou sofrer uma acção ou estado. É o termo com o qual o verbo concorda.

Segundo uma tradição iniciada por Aristóteles, todas as orações podem ser divididas em dois constituintes principais: o sujeito e o predicado. O sujeito rege a terminação verbal em número e pessoa e é marcado pelo caso reto¹¹. As regras de regência do sujeito sobre o verbo são denominadas **concordância verbal**. Observe-se o seguinte exemplo:

O coro regional de Jaromír Bazel cantará melodias brasileiras na Igreja Evangélica.

Nesta frase, o verbo *cantará* é a forma finita do verbo *cantar*, que concorda com o sujeito *coro* na primeira pessoa do singular.

Para os verbos que denotam acção, frequentemente, o sujeito da voz activa é o constituinte da oração que designa o ser que pratica a acção, o chamado **agente**. O sujeito da voz passiva é o que sofre as suas consequências, e é chamado **paciente**. Sob outra tradição, o sujeito (psicológico) é o constituinte do qual se diz alguma coisa. Segundo E. Bechara, "é o termo da oração que indica a pessoa ou a coisa de que afirmamos ou negamos uma acção ou qualidade".¹²

¹¹ Caso nominativo.

¹² BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

Didaticamente, para identificarmos, dentro da oração, o termo na função de sujeito, podemos utilizar a seguinte **pergunta de controle**: *Quem é que?* ou *O que é que?* A resposta a esta pergunta será o sujeito, como ilustra o seguinte exemplo:

<i>O menino brinca.</i>	<i>(período simples)</i>
<i>Quem é que está a brincar?</i>	<i>(pergunta de controle)</i>
<i><u>O menino.</u></i>	<i>(resposta: o menino= sujeito)</i>

4.2.1. Sujeito simples e composto

De acordo com o número de núcleos que o sujeito apresenta na oração, este pode ser dividido em simples e composto. O **sujeito simples** apresenta apenas um núcleo substantivo (equivalente ou pronome), enquanto o **sujeito composto** é aquele que apresenta mais de um núcleo (substantivo, equivalente ou pronome). Normalmente, o sujeito precede o verbo, contudo, há casos em que o sujeito pode vir depois do verbo, como ilustram os seguintes exemplos:

<i><u>O avô</u> foi passear com o cão.</i>	<i>(sujeito simples)</i>
<i><u>Eu e a mãe</u> vamos fazer compras.</i>	<i>(sujeito composto)</i>
<i><u>Tu e eu</u> temos muito em comum.</i>	<i>(sujeito composto que precede o V)</i>
<i>Temos muitas coisas em comum, <u>tu e eu</u></i>	<i>(sujeito composto que vem depois do V)</i>

Observe-se que aumentar o número de características atribuídas ao sujeito não o torna composto. Assim, na frase:

A pequena criança parecia feliz com seu novo brinquedo.

o termo sublinhado é sujeito simples e não composto. Ao mesmo tempo, na mesma frase com mais núcleos substantivos coordenados entre si verifica-se o sujeito composto:

A pequena criança e o irmãozinho pareciam felizes com o seu novo brinquedo.

De acordo com as propriedades morfossintáticas do sujeito, este pode apresentar vários tipos: explícito, implícito, indeterminado, e inexistente. De acordo com a terminologia moderna, o sujeito que é identificável na oração e que tem um referente textualmente ou contextualmente identificável, é chamado **sujeito argumental**. Este pode ser foneticamente expresso ou nulo. No primeiro caso trata-se do sujeito explícito e no segundo caso do sujeito implícito.

4.2.2. sujeito argumental explícito

O sujeito argumental está foneticamente expresso na oração. Pode ser simples ou composto, como já foi acima referido:

F					
SN			SV		
N	SP		V	SAdv	
D	N	P ¹³ SN	V	Adv	
DN					
<i>O director da empresa</i>			<i>casou ontem.</i>		
<i>sujeito</i>			<i>predicado</i>		

4.2.3. sujeito argumental implícito

O sujeito foneticamente nulo é chamado **sujeito implícito, elíptico, subentendido** ou **desinencial**, antigamente era chamado de **sujeito oculto**, conceito que foi abolido, por questões técnico-formais e linguístico-gramaticais, passando a prevalecer o uso do termo **sujeito simples desinencial**, uma vez que este pode ser determinado através dos morfemas gramaticais do verbo, situação na qual, para encontrar o sujeito elíptico, usamos a forma pronominal tónica (eu, tu, ele/ela, nós, vós, eles/elas) equivalente à pessoa verbal.

Sujeito implícito

F					
SN			SV		
V S Adv					

¹³ Abreviação de preposição,

	F			
SN	SV			
	V	SAdv	SAdv	
			Adv	Adv
		<i>Dorme-se bem</i>	<i>aqui.</i>	
<i>sujeito x,y,z</i>	<i>predicado</i>			

4.2.5. sujeito inexistente

O sujeito indeterminado é interpretado, por alguns linguistas, como sujeito inexistente. Não obstante, as orações com o sujeito inexistente, denominadas também **orações sem sujeito** (às vezes abreviadas em **OSS**), apresentam um caso distinto: nelas a enunciação concentra-se no predicado, que não se atribui a nenhum ser (nem *a alguém*, nem *a qualquer pessoa*, nem *à gente*, como no caso anterior). Na terminologia moderna, este sujeito é chamado de **expletivo** e ocorre

- com verbos de elevação:

Parece que o João já chegou. Trata-se de um problema complexo.

- em construções existenciais

Há três janelas na casa.

- em construções de carácter **impessoal**

Chove torrencialmente.

Aos verbos impessoais pertencem:

- verbos que exprimem **fenómenos meteorológicos** que indicam fenómenos da natureza tais como: *anoitecer, trovejar, nevar, escurecer, chover, relampejar, ventar*;
- verbos que exprimem o **sentido de existir** (com o verbo *haver*, significando *existir* ou *acontecer*): *Ainda há amigos. Haverá aulas amanhã. Houve um grave incidente no meu apartamento.*
- verbos que indicam **tempo e clima** como: *ser, fazer, haver, estar, ir, andar e passar*: *Está quente esta noite. Faz dez anos que não o vejo. Faz um calor insuportável.*
- verbos que indicam o **tempo decorrido**: *anda por aí um mês que...., fazia um tempão que não me dava sinal de vida, há longos anos, vai por mais de cinco anos, etc.;*

Observe-se que existem advérbios que exercem claramente a função sintáctica de sujeito, a qual é própria de substantivos, como mostram os exemplos seguintes, nos quais o sujeito é substituível sempre por um advérbio.

Amanhã é feriado nacional. (O dia de amanhã é feriado nacional)

Aqui já é Vitória. (Este lugar já é Vitória),

Hoje é dia de festa. (O dia de hoje é dia de festa)

Agora já é noite avançada. (Esta hora já é noite avançada).

Sujeito inexistente

	F	
SN		SV
θ		V
(sujeito)		Anoitece

4.3. PREDICADO

O sujeito e o predicado constituem, como já foi várias vezes referido, o sintagma básico. A função de **predicado** é executada por um **predicador**, i.e. verbo que tem a capacidade de seleccionar e fazer depender de si complementos (ou argumentos).

Chama-se **predicação verbal** o resultado da ligação que se estabelece entre o sujeito e o verbo e entre os verbos e os complementos.

À excepção do vocativo, tudo o que, na oração bimembre, não é sujeito ou não está no sujeito, constitui o predicado, o qual contém a informação nova para o ouvinte, ou seja o predicado é tudo aquilo que nos traz informações sobre o sujeito e o que é estruturado em torno de um verbo. O predicador concorda em sempre número e pessoa com o sujeito. O núcleo do predicado pode ser um predicador (verbo) significativo, um nome ou os seus equivalentes, ou ambos. Daí a classificação do predicado em vários tipos: **predicado verbal**, **predicado nominal** e **predicado verbonominal**.

4.3.1. Estrutura de predicado

A função do predicado, como já vimos, pode ser desempenhada ou por apenas um **verbo pleno** (principal) ou por **perífrase verbal**, composta de um verbo auxiliar e um verbo principal.

O **verbo pleno** na função do predicado, constitui o núcleo gramatical e semântico do sintagma verbal e de toda a oração, visto que é o elemento que descreve o tipo de situação expresso por ela. O **verbo auxiliar** é, na oração, o elemento que veicula as marcas de concordância com o sujeito, bem como a flexão de tempo, modo e aspecto, chamada flexão TMA.

4.3.2. Verbos plenos

Os verbos principais classificam-se, de acordo com o tipo de predicação, em transitivos e intransitivos. **Os verbos intransitivos** são verbos que podem conter em si toda a significação do predicado sem a necessidade de acrescentar qualquer complemento. Os verbos intransitivos podem seleccionar apenas um sujeito, como mostram as seguintes frases:

O João caiu.

O António adormeceu.

O vidro rachou.

O gelo derreteu.

O cão ladra.

O rouxinol trina.

Os verbos transitivos são os verbos que requerem o acréscimo de um complemento que integre o sentido do predicado. Classificam-se em: transitivos directos, indirectos, (bi)ditransitivos e transitivos adverbiais.

Os verbos transitivos directos são verbos que requerem (ou seja, seleccionam) um sujeito e um complemento com a função sintáctica de complemento directo:

A Ana comeu o bolo.

Os verbos transitivos indirectos são verbos que seleccionam um sujeito e um complemento indirecto:

A Ana telefonou para a tia.

Os verbos ditransitivos requerem (seleccionam) um sujeito, complemento directo e complemento indirecto:

Dei tudo aos meus amigos.

Os verbos transitivos oblíquos são verbos que seleccionam um sujeito e um complemento oblíquo:

A Ana gostou do bolo.

Os verbos transitivos predicativos são os verbos para além do complemento directo, seleccionam um constituinte de natureza predicativa (achar, considerar, eleger, etc.):

O Manuel achou o filme interessante.

Os verbos transitivos adverbiais são verbos de movimentos ou de situação como, por exemplo, *chegar, partir, ir, seguir, vir, voltar, estar, ficar, morar, etc.*, que pedem um complemento adverbial de lugar que lhes integra o sentido:

Moramos em Paris.

4.3.3. Verbos auxiliares

Quando o sintagma verbal é composto por um verbo pleno precedido por um verbo auxiliar, forma uma **perífrase verbal** ou **construção perifrástica**

Aos **verbos auxiliares** pertencem aqueles verbos que servem para a formação de tempos compostos e diáteses: *ter+particípio passado, haver+particípio passado, ser+particípio passado*. O verbo auxiliar *ter* chama-se **auxiliar perfeito**, e o verbo auxiliar *ser* chama-se **auxiliar passivo**.

Existem também **auxiliares temporais**, como *ir+infinitivo, haver de+infinitivo* que formam parte das perífrases verbais futuras que exprimem um momento futuro próximo.

Aos verbos **auxiliares aspectuais** pertencem os verbos que determinam com mais rigor, o momento do processo verbal, indicando, entre outros, os seguintes valores aspectuais:

1. o valor aspectual incoativo que determina o momento inicial de um processo. Estes verbos auxiliares são geralmente chamados **verbos incoativos** e pertencem a eles os seguintes verbos: *começar a, deitar a, desatar a, entrar a, passar a, pegar a, pôr-se a, principiar a (+infinitivo)*, etc.;

2. o valor aspectivo frequentativo indica o carácter plural do processo ou do estado de coisas que ocorrem um número significativo de vezes. Muitas vezes são usados, com os **verbos frequentativos**, os adverbiais frequentiais como *muitas vezes, frequentemente, etc...* Pertencem a este grupo os seguintes verbos: *costumar, voltar a (+infinitivo)*, etc.;

3. o valor aspectual **conclusivo** e cessativo indica o momento final, que pode ser expresso pelas seguintes perífrases: *acabar de, cessar de, deixar de, parar de (+ infinitivo)*.

4. o valor **cursivo** ou **durativo** caracteriza os enunciados que estão em curso. Os estados de coisas ou processos em curso podem ser expressos pelas perífrases com infinitivo como são: *estar, andar, ficar (+a+infinitivo/+gerúndio)*.

Aos verbos auxiliares pertencem também os verbos **auxiliares modais** que indicam a modalidade verbal como, por exemplo:

1. verbos de volição: *desejar, querer, haver de (+infinitivo)*;
2. verbos que exprimem possibilidade ou capacidade: *poder, ser (+infinitivo)*;
3. verbos que exprimem necessidade *dever de, ter de, ter que (+infinitivo)*;
4. verbos que exprimem intenção: *procurar, pretender, buscar, tentar (+infinitivo)*; consecução: *lograr, vir (+infinitivo)*;
5. verbos que exprimem a aparência *parecer (+infinitivo)*.

4.4. Tipos de predicado

4.4.1. Predicado nominal

O predicado nominal é composto por um núcleo gramatical, e um núcleo lexical. O núcleo gramatical é constituído pelo verbo **copulativo**, denominado, também, **verbo de ligação** ou **verbo de cópula** ou, simplesmente, **cópula**. O núcleo lexical contém a informação básica e é constituído ou por um nome ou por um adjetivo.

Quando o núcleo lexical está no nome, falamos de **predicação de base nominal**. No segundo caso, quando o núcleo lexical está no adjetivo, a predicação é **de base adjectival**, como ilustram, respectivamente, as duas frases seguintes:

Ele é professor. x *O João é simpático.*

Os dois núcleos, *professor* e *simpático*, funcionam, na oração, como **predicativos do sujeito**.

As frases que contêm este tipo de predicação, são denominadas **frases copulativas** ou **frases predicativas**.

O predicado nominal composto por um verbo de ligação e um constituinte predicativo é chamado, de acordo com a terminologia moderna, de **dupla predicação**, sendo que além do

adjectivo ou da expressão nominal em posição pós verbal, predica-se toda a oração. Nas seguintes frases:

O miúdo está contente. O miúdo é filho do Pedro.

contente e *filho do Pedro*, na tradição luso-brasileira, são chamados **predicativos**, e na sintaxe generativa são **predicadores secundários** ou **constituintes predicativos secundários**, sendo os verbos copulativos que nelas ocorrem, denominados **predicadores sintacticamente primários**. Os predicadores secundários, ou constituintes predicativos, são nestas construções obrigatórios, razão pela qual são denominados **constituintes predicativos seleccionados**.

Os verbos de ligação podem exprimir o estado ou condição do sujeito e o tipo de relação temporal aspectual que existe entre o sujeito e o predicativo, ou seja, relação prosódica, estativa, permansiva, durativa e aparente. Assim, os predicadores primários podem ser constituídos pelos seguintes verbos:

- **o verbo prosódico /episódico**, o verbo *ser*, exprime um estado natural ou habitual, podendo ligar-se ou a um adjectivo (ou o seu equivalente), designando atribuição ou qualificação, ou a um substantivo (ou ao seu equivalente), indicando classificação:
A Alicia é uma jóia. O Pedro é simpático.;
- **o verbo estativo**, o verbo *estar*, exprime um estado adquirido ou transitório como se pode observar na seguinte frase: *Estou constipadíssimo*. Também os verbos *andar* e *viver* podem ser utilizados figurativamente como verbos estativos, reforçando a ideia de estado adquirido por um tempo mais ou menos longo, tal como ocorre nas frases:
Ela anda cansada. O João vive rodeado de problemas.;
- **os verbos permansivos** exprimem uma mudança de estado e podem ser representados pelos verbos *ficar*, *acabar*, *fazer-se*, *meter-se*, *tornar-se* e *virar*, como ilustram os seguintes exemplos: *Fiquei irritadíssima. Acabou pobre. O tronco virou a canoa.;*
- **os verbos cursivos** ou **durativos** exprimem duração de estado e entre eles contam-se os verbos *continuar*, *permanecer*: *Continuou interessado no problema. Permaneceu sentado à mesa*. Mas também o verbo *ficar* pode exprimir este sentido: *Ele ficou silencioso.;*

- **os verbos** que exprimem **aparência** de estado natural ou adquirido, são os verbos *parecer* ou *semelhar*, como exemplificam as seguintes frases: *Aquilo parecia imóvel. Tudo semelha tudo. A terra perfumegante semelha a mulher em véspera de carícia.*

Predicação de base nominal			Predicação de base adjectival		
F			F		
SN		SV	SN		SV
(Pr ¹⁴)		V SN	(Pr ¹⁵)		V SAdj
		N			Adj
<i>Ele</i>		<i>é médico.</i>	<i>Ele</i>		<i>é simpático.</i>
(sujeito)		(predicado nominal)	(sujeito)		(predicado nominal)

4.4.2. Predicado verbal

O **predicado verbal** ou **predicação de base verbal**, tem como núcleo um verbo pleno, de significação precisa, que pode existir isolado ou numa locução verbal. Neste tipo de predicação verbal distinguimos verbos **principais** e verbos **auxiliares**. Os verbos principais são portadores do significado lexical da predicação, enquanto que os verbos auxiliares servem para formar os tempos compostos, a diátese passiva e, também, para exprimir os valores aspectuais do verbo principal. De acordo com a sua estrutura argumental, como já foi referido, os verbos principais na função do predicado verbal classificam-se em: **verbos intransitivos** e **transitivos**.

4.4.2.1. Verbos intransitivos

- **Os verbos intransitivos** são verbos que podem conter em si toda a significação do predicado sem a necessidade de acrescentar qualquer complemento. Os verbos intransitivos podem seleccionar apenas um sujeito, como mostram as seguintes frases:

O João caiu.

¹⁴ Abreviação de pronome.

¹⁵ Abreviação de pronome.

O António adormeceu.

O vidro rachou.

O gelo derreteu.

O cão ladra.

O rouxinol trina.

Entre os verbos intransitivos contam-se:

- verbos de fenómenos naturais ou acidentais: *chover, ventar, nascer, morrer, acontecer, ocorrer, cair, surgir, acordar, dormir, brilhar, girar, etc.*;
- certos verbos de acção que exprimem factos causados por um agente, capaz de os executar: *ler, brincar, trabalhar, correr, voar, etc.*;
- verbos de movimento ou situação: *chegar, parir, seguir, vir, morar, etc.*

	F		
	SN		SV
	N		V
D	SAdj		N
D	Pr ¹⁶		N
	<i>O meu sogro</i>		<i>faleceu.</i>
	<i>sujeito</i>		<i>predicado</i>

Alguns verbos que são originalmente intransitivos, ocorrem, em certos contextos, com um complemento indirecto ou oblíquo. Concomitantemente, podem ser classificados do seguinte modo:

Verbos intransitivos com um complemento indirecto co-ocorrem com um complemento indirecto. Pertencem a eles verbos como: *acudir, agradecer, bastar, constar, faltar, obedecer, perdoar, sobreviver*, como exemplificam os seguintes casos:

Faltou-lhe o interesse pelo trabalho.

A enfermeira acudiu ao paciente.

Sobrevivemos à catástrofe.

Perdoei ao meu amigo.

Verbos intransitivos com complemento oblíquo são verbos intransitivos que, ocorrem com complemento oblíquo preposicionado, como por exemplo: *assistir, chegar,*

¹⁶ Abreviação de Pronome (neste caso pronome possessivo).

depende, entrar, faltar (no sentido de estar ausente), *morar, partir, recorrer, sair* ou não preposicionado, como *custar, durar, medir e pesar*, como ilustram os seguintes exemplos:

A menina faltou às aulas.

Isso depende do teu pai.

Ele partiu para Roma.

O concerto durou duas horas.

A nova Gramática do Português custou 70 euros.

Os verbos intransitivos não têm todos uma estrutura argumental em que o sujeito é argumento independente (ou externo). Esses verbos, de acordo com o tipo de sujeito que seleccionam, dividem-se em verbo **inergativos e inacusativos**.

Entre os **verbos inergativos** contam-se os verbos como *assobiar, bocejar, brincar, buzinar, dançar*, etc. (*O menino brincou*). Os **verbos inacusativos (ergativos)** são, por exemplo: *adormecer, desaparecer, desmaiar, morrer, nascer*, o sujeito é um argumento interno, não facultativamente seleccionado. Enquanto o sujeito dos verbos inergativos tem um argumento análogo ao do sujeito dos verbos transitivos, o sujeito final dos verbos inacusativos partilha propriedades significativas com o complemento directo dos verbos transitivos:

a) Enquanto o sujeito dos verbos inergativos não admite construções com participípio absoluto, o sujeito dos verbos inacusativos, tal como o complemento directo, admite-o: Assim as seguintes frases são insubstituíveis pelo participípio absoluto, como ilustram os seguintes casos:

*O João trabalhou. O João reviu o trabalho. / *Trabalhado o João. *Revisto o João.*

Em contrapartida, as duas seguintes frases são inacusativas (ergativas), uma vez que admitem as versões com o participípio absoluto:

O João chegou. O João reviu as prova./ Chegado o João. Revistas as provas.

b) Enquanto as formas participiais de verbos inergativos não podem ocorrer nem em construções com verbos predicativos nem em construções atributivas, as formas participiais de verbos inacusativos, à semelhança das formas participiais de verbos transitivos, podem. Assim resultam agramaticais as construções:

**o rapaz está rido/ *o rapaz rido, etc.*

Ao contrário, são gramaticais construções como: *o rapaz desmaiado, a janela fechada* ou as frases:

O rapaz está desmaiado. A janela está fechada.

- c) Enquanto os verbos inergativos podem ser a base das derivações deverbativas nominais terminadas em *-or*, os verbos inacusativos não o podem ser (*correr-corredor, trabalhar-trabalhador, construir construtor, informar-informador*). Por outro lado, as formas como **chegador (de chegar), *desmaiador (de desmaiar)*, não são possíveis.

4.4.2.2. Verbos transitivos

Os verbos transitivos são os verbos que requerem o acréscimo de um complemento que integre o sentido do predicado. Classificam-se em: transitivos directos, indirectos, (bi)ditransitivos e transitivos adverbiais.

Os verbos transitivos directos são verbos que requerem (ou seja, seleccionam) um sujeito e um complemento com a função sintáctica de complemento directo, o qual integraliza o sentido do predicado. O complemento directo pode ser um grupo nominal substituível pelo pronome **o(s)** e **a(s)**, por exemplo:

O Ronaldo escreveu uma carta./ O Ronaldo escreveu-a.

Os verbos transitivos directos habitualmente exprimem acção, e, por isso, têm um agente, que na voz activa é o sujeito da oração. O complemento directo exerce a função de receptor de uma acção praticada pelo agente da passiva. Na voz passiva, o complemento do verbo transitivo directo é o *sujeito*; já na voz activa esse complemento é o *objeto directo*.

Voz activa			---▶	voz passiva		
F				F		
SN		SV		SN		SV
D N		V SN		D N		V SP ¹⁷
		D N				P SN
						D N
<i>O Ronaldo</i>	<i>escreveu</i>	<i>uma carta.</i>		<i>A carta</i>	<i>foi escrita</i>	<i>pelo Ronaldo.</i>
(sujeito)	(predicado)	(OD)		(sujeito)	(predicado)	(agente da passiva)

¹⁷ Às vezes, o SN introduzido por uma preposição, é abreviado em SNp.

Assim, nas frases:

O Ronaldo escreveu uma carta. --- ► A carta foi escrita pelo Ronaldo.

o predicado é representado pelo verbo *escrever* na 3ª pessoa do singular, no tempo pretérito perfeito simples e na voz activa, o sujeito explícito simples é *o Ronaldo*, e o complemento verbal é *a carta*. Depois da transição do verbo para a voz passiva, *o Ronaldo*, passa a exercer a função de agente da passiva, e *a carta*, a função de sujeito.

Este é o sentido etimológico de transitividade. Os gramáticos latinos denominavam como „transitiva“ qualquer oração que podia transformar-se, ou „transitar-se“ para a voz activa, e, por extensão de significado, transitivo era aquele verbo que funcionava como predicado entre o agente e o paciente.

Os verbos transitivos indirectos são verbos que seleccionam um sujeito e um complemento indirecto/preposicional/adverbial, isto é, o grupo preposicional que pode ser substituível por um pronome pessoal na forma dativa:

A Ana telefonou para a tia./A Ana telefonou-lhe.

O complemento é regido obrigatoriamente pela preposição *a* (eventualmente *para*) sem o valor circunstancial, o que impede que os verbos transitivos indirectos sejam transitados para a voz passiva analítica. Assim, resultam agramaticais as seguintes transitividades:

*O Ronaldo telefonou à Maria. --- ► *A Maria foi telefonada pelo Ronaldo.*

É de apontar que a preposição *a/para* pode introduzir seja um complemento indirecto seleccionado, seja um adjunto adverbial. No primeiro caso, a preposição tem um valor gramatical (formal) sem valor significativo como mostra a seguinte frase:

Telefonei à Maria.;

enquanto que no segundo caso, a preposição tem um valor lexical circunstancial de localização espacial (direcção *aonde/para onde*):

Viajarei para o Porto. Irei a Portugal.

Os verbos transitivos directos e indirectos simultaneamente são denominados, também, como ditransitivos ou biobjectivos. Este tipo de verbos requerem (seleccionam)

um sujeito, um complemento directo e um complemento indirecto/preposicional/adverbial.

Na frase:

Eu dei tudo aos meus amigos.

o predicado é o verbo *dar*, *aos meus amigos* é complemento indirecto substituível por *lhes*, e *tudo* é complemento directo:

		F				
SN		SV				
N		V	SN	SP		
D	N	P		Prep.	SN	
				D Esp N		
<i>Eu</i>		<i>dei</i>	<i>tudo</i>	<i>aos</i>	<i>meus</i>	<i>amigos.</i>
(sujeito)		(predicado)	(objecto directo)	(objecto indirecto)		

Os verbos transitivos com complemento oblíquo são verbos que além do complemento directo seleccionam um ou mais complementos oblíquos. Pertencem a estes verbos, por exemplo, os seguintes: *acusar*, *afastar*, *colocar*, *confundir*, *impedir*, *obrigar*, *proibir*, etc.:

A professora confundiu o João com o Pedro.

Os verbos transitivos adverbiais são verbos de movimentos ou de situação como, por exemplo: *chegar*, *partir*, *ir*, *seguir*, *vir*, *voltar*, *estar*, *ficar*, *morar*, etc., que pedem um complemento adverbial de lugar que lhes integra o sentido. Estes verbos, embora tradicionalmente classificados como intransitivos, devem ser considerados como transitivos, desde que se entenda por transtividade a necessidade de um complemento sem o qual o sentido do verbo, a ideia principal, resultaria incompletamente expressa. Estes verbos são denominados também como “**verbos adverbiados**” ou, “**transitivos adverbiais**”. Segundo a tradição latina, contudo, não são classificados como transitivos.

4.2.2.3. Voz verbal/diátese

Voz verbal, em linguística, refere-se relação entre sujeito e verbo sob o aspecto de quem recebe e quem pratica uma ação.¹⁸ Na maioria dos verbos transitivos da língua

¹⁸ Abaurre, Maria Luiza; Pontara, Marcela Nogueira; Fadel, Tatiana. (2005: 216).

portuguesa, o sujeito (na voz ativa) é a entidade que exerce ou desencadeia uma ação, e o objeto directo é uma entidade que sofre passivamente algum efeito da acção.

Na tradição luso-brasileira, o termo voz é utilizado num sentido mais morfológico-flexional, enquanto que o termo diátese envolve, também, os processos léxico-sintácticos. Recentemente, o conceito de diátese tem sido considerado como mais geral do que a voz.¹⁹

Há três vozes verbais na língua portuguesa: **a voz/diátese activa**, na qual a ênfase recai na acção verbal praticada pelo sujeito; **a voz/diátese passiva**, cuja ênfase é a acção verbal sofrida pelo sujeito; e **a voz/diátese reflexiva**, em que a acção verbal é praticada e sofrida pelo sujeito. As orações que têm o verbo na voz activa, chamam-se **orações activas**, enquanto que as que têm o verbo na voz passiva, chamam-se **orações passivas**.

Na voz/na diátese activa o sujeito exerce a função de agente da acção e o agente da passiva não existe. Para completar o sentido do verbo na voz activa, este verbo conta com outro elemento – o objecto (directo). A voz activa contém um verbo finito sintético ou na perífrase (locução) verbal.

A voz / diátese passiva é a forma ou flexão em que se apresenta o verbo transitivo directo para indicar a relação que há entre ele e o sujeito. A voz passiva pode ser formada **analítica** ou **sinteticamente** e pode ocorrer em vários tipos de orações. Às orações passivas formadas analiticamente pertencem: a **oração passiva verbal** que descreve tipicamente eventos e não estados (às vezes é denominada como passiva eventiva), **oração passiva resultativa** que descrevem uma situação que é resultado de uma mudança de estado, lugar ou posse, e **oração passiva estativa** que descreve situações estativas. As orações formadas sinteticamente são denominadas **orações passivas pronominais**.

4.2.2.3.1. Orações passivas verbais

As orações passivas verbais são formadas através do recurso de um verbo auxiliar (*ser, estar, ficar, resultar, etc.*) e costuma ocorrer nelas o agente da passiva, apesar de ser este um termo de presença facultativa na oração:

¹⁹ Gramática do Português I (2013:431-432).

Cercaram a cidade. --- ► *A cidade está cercada.*, --- ► *A cidade está cercada pelos inimigos.*

As orações passivas em que ocorre o agente da passiva chamam-se **passivas longas**.
As orações passivas que não têm o agente da passiva, são denominadas **passivas curtas**.

Oração passiva verbal longa

	F		
SN		SV	
D N		V	SP
			P SN
			D N
<i>A corda</i>		<i>foi roída</i>	<i>pelo rato</i>
(sujeito)		(predicado)	

Oração passiva verbal curta

	F
SN	SV
	V
O jantar	está servido.
(sujeito)	(predicado)

O sujeito nas orações passivas pode ocorrer em posição pré-verbal ou pós-verbal. Quando é realizado na posição canónica²⁰ pré-verbal, a oração chama-se **passiva pessoal**, como ocorre na seguinte frase cuja contrapartida activa tem um sujeito implícito:

Os livros já foram enviados ao júri. / Enviaram os livros ao júri.

Quando ocorre em posição pós-verbal, em especial se for uma expressão indefinida, as orações são chamadas **passivas impessoais**, como se vê na seguinte frase, cuja contrapartida activa tem um sujeito indeterminado:

Foi dita muita coisa / Disseram muita coisa. (sujeito - a gente, as pessoas).

²⁰ Canónica significa *típica, habitual*.

Há orações passivas que descrevem uma situação que é o resultado de uma mudança de estado, lugar ou posse. Estas orações são denominadas por alguns linguistas como **passivas resultativas** e neste tipo de orações ocorre tipicamente o verbo *ficar*, como mostram os seguintes exemplos:

A vítima do assalto ficou ferida em consequência do tiroteio.

Este tipo de orações não ocorrem com o verbo auxiliar *estar* nem com o agente da passiva.²¹

Nas orações passivas resultativas podem ocorrer, igualmente, formas de participípios irregulares que foram recategorizadas na história da língua portuguesa como adjectivos. Estes adjectivos podem co-existir com o participípio. Na terminologia clássica são denominadas **orações passivas adjectivais**.

As orações passivas resultativas adjectivais, contudo, não ocorrem com o agente:

O caldo ficou perfumado e saboroso.

**O caldo ficou perfumado e saboroso pelo cozinheiro.*

As orações passivas resultativas podem ser construídas, também, com o verbo *estar*:

O jantar já está servido.

O problema já está resolvido.

Existem também as chamadas **orações passivas estativas** que descrevem situações estativas, mas cujo significado não contém qualquer componente eventiva relacionada com a mudança de estado, como se pode observar no exemplo:

Este autor é muito conhecido.

O jornalista está irritado.

Como se vê, nas orações passivas estativas o verbo auxiliar pode ser o predicado estável *ser* quando denota propriedades estáveis dos indivíduos, ou o o predicado episódico *estar*, que denota propriedades transitórias dos indivíduos. Ao mesmo tempo, neste tipo de orações não ocorre agente da passiva:

Este terreno é seco.

²¹ Sobre este assunto, veja-se mais em Gramática do Português (2010: 430-450)

A criança está descalça.

A agente da passiva é mais comumente introduzido pela preposição *por* (e suas variantes: *pelo, pela, pelos, pelas*). É possível, no entanto, encontrar construções em que o agente da passiva é introduzido pelas preposições *de* ou *a*. Nas seguintes frases, a agente da passiva está sublinhada:

O hino será executado pela orquestra sinfónica.

O jantar foi regado a champanhe.

A sala está cheia de gente.

Nem todos os verbos transitivos directos, entretanto, podem construir-se na voz passiva analítica. Alguns, porque já possuem um sentido passivo (como, por exemplo, *aguentar, sofrer*, etc), outros pelo uso da língua que não obedece a normas fixas (*ter, conter, querer, poder, crer*, etc).

4.2.2.3.2. Orações passivas pronominais

As orações passivas pronominais pertencem ao tipo de orações com diátese passiva formada através do pronome átono da 3ª pessoa *se*, sem qualquer verbo auxiliar ou morfologia verbal especial no verbo pleno. Nestas orações o verbo ocorre sempre na 3ª pessoa e concorda em número com o sujeito. Nestas frases não ocorre nunca o agente da passiva, como exemplifica o seguinte caso:

Verificou-se uma maior frequência de uso do género masculino da palavra componente.

As orações passivas pronominais partilham, com as passivas verbais curtas a propriedade de terem um agente indeterminado. Ao mesmo tempo, muito frequentemente, o sujeito destas orações é pós-verbal:

Já se publicaram novos manuais segundo o Novo Acordo.

Estas orações podem, contrariamente às orações passivas verbais e resultativas, ocorrer em frases imperativas:

Veja-se os seguintes exemplos.

Apresentem-se testemunhas.

Observem-se as seguintes frases.

	F	
SV		SN
V	D	SAdj N
		Adj
<i>Veja-se</i>		<i>o seguinte exemplo.</i>

As orações passivas pronominais são construções aproximáveis de orações impessoais, mas diferem deles por poderem ser parafraseadas pelas frases com o sujeito genérico:

Diz-se que vão aumentar impostos. / *As pessoas dizem que vão aumentar os impostos.*

4.2.2.3.3. Orações passivas reflexas

A voz/ a diátese reflexa, também denominada como **voz reflexiva propriamente dita**, ocorre em construções em que o predicado é representado por um verbo transitivo e cujo sujeito e complemento directo representa a mesma entidade extralinguística, ou seja, são **co-referentes**. Na frase:

O João penteou-se.

o João é, ao mesmo tempo, o agente e o paciente da acção. O marcador de reflexividade, usado em português, é o pronome pessoal do paradigma dos pronomes reflexos (*me, te, se nos, vos, se*) que concorda em pessoa e em número, com o sujeito.

Eu vi-me no espelho.

Contrariamente às orações transitivas activas, as orações com diátese reflexa não admitem alternativas passivas: Assim, resultará agramatical a seguinte frase:

**O João foi penteado por si mesmo.*

Aceitam a diátese reflexa verbos transitivos directos que denotam acções sobre o corpo, como, *arranjar, banhar, barbear, calçar, depilar, lavar, maquilhar, pentear, pintar e vestir*. Trata-se de verbos transitivos directos que admitem um complemento directo com um referente distinto do do sujeito:

Eu penteei o João.

	F	
SN		SV
DN		V
<i>O João</i>		<i>penteeou-se.</i>
<i>sujeito</i>		<i>predicado</i>

Também os verbos que denotam mudança de postura do corpo como *curvar, deitar, erguer, estender, esticar, sentar, voltar*, etc. podem ocorrer com o marcador de reflexividade, não obstante, não podem ocorrer com o objecto pleonástico constituído pelo pronome tónico reflexo seguido de uma das formas adjectivais anaforizantes: *próprio ou mesmo*. Assim, resultaria agramatical a frase:

**A Joana deitou-se a si mesma/a si própria.*

**As crianças sentaram-se a si mesmas/a si próprias.*

Estas orações não são consideradas orações reflexas, mas sim **pseudo-reflexas**. Na tradição luso-brasileira são denominadas **orações com voz medial dinâmica**.

O último caso de reflexividade ocorre nos verbos que nunca se conjugam sem o pronome reflexivo: *queixar-se, arrepender-se, orgulhar-se, atrever-se, lembrar-se*, etc. De acordo com a nomenclatura luso-brasileira, este caso é denominado **voz medial pronominal**.

4.4.3. Predicado verbo-nominal

O predicado verbo-nominal é constituído por um tipo de verbo transitivo nominal, possuindo dois núcleos significativos: um verbo e um constituinte predicativo, cuja omissão, contudo, nem sempre afecta a gramaticalidade nem a coerência semântica, como exemplifica o seguinte caso:

A Maria viajou para Paris irritadíssima com os filhos.

A Maria viajou para Paris (-) (-) (-).

Por outro lado, há verbos que necessitam ter um consituente predicativo, como *considerar*, *achar*, entre muitos outros.

A Maria considera o João inteligente.

Eu achei o livro interessante.

Os constituintes predicativos são denominados como **constituintes predicativos adjuntos**.

Do ponto de vista de transitividade, é possível considerar, de acordo com as concepções modernas, os predicadores na função do predicado verbo-nominal como **verbos transitivos predicativos** sendo que, para além do complemento directo, seleccionam um constituinte de natureza predicativa (*achar*, *considerar*, entre outros):

Achei o festival giro.

Os alunos sáiram da aula alegres.

Nestas construções existem dois domínios de predicação, em que a primeira predicação existe entre o sujeito e o predicador sintáctica e semanticamente primário (verbo pleno *sair/achar*) e a segunda entre o predicador fictício (não expresso) que selecciona como seu complemento o constituinte predicativo adjunto *alegre/giro*. Assim, as frases citadas poderiam ser desdobradas em duas, cada uma das quais tem a sua própria predicação, sendo as frases sublinhadas consideradas como **orações pequenas**:

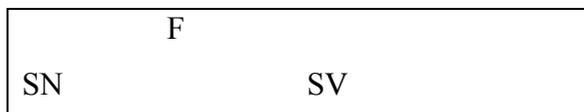
Os alunos saíram da aula alegres. = *Os alunos saíram da aula.* + *Estavam alegres.*

Achei o festival giro. = *Fui o festival.* + *O festival foi giro.*

O predicado verbo-nominal, concomitadamente, apresenta dois núcleos: um verbo (*sáiram/achei*), que indica uma acção praticada pelo sujeito, e um predicativo do sujeito (*alegres/giro*), que indica o estado do sujeito ou do objecto no momento em que se desenvolve o processo verbal.

Quanto à estrutura, o predicado verbo-nominal pode ser formado de três formas diferentes:

1. sujeito + verbo intransitivo + predicativo do sujeito



D N	V	Sadj
		contente
<i>O João</i>	<i>partiu</i>	<i>contente.</i>

2. sujeito + verbo transitivo + objecto directo + predicativo do objeto

	F			
SN		SV		
D N		V	SN	Sadj
			D N	Adj
<i>A mãe</i>		<i>deixou</i>	<i>o filho</i>	<i>doente.</i>

3. sujeito + verbo transitivo + predicativo do sujeito + objecto directo

	F			
SN		SV		
D N		V	Sadj	SN
			Adj	D N
<i>Os alunos</i>		<i>cantaram</i>	<i>emocionados</i>	<i>aquela canção</i>

O predicativo do objecto, normalmente, refere-se ao objecto directo. Existe, também, predicativo do objecto indirecto, mas este só se restringe a um único caso: ao verbo *chamar*, precedido de preposição. Por exemplo:

Todos o chamam de irresponsável. Chamou-lhe ingrato.

4.4.4. Selecção dos argumentos

Dentro do sintagma verbal, o verbo combina-se como termos integrantes, os quais integram, ou completam o sentido e sem os quais o predicador não poderia formar uma frase semanticamente coerente e completa. Assim, por exemplo, na frase:

Eu vou lavar os dentes.

o verbo *lavar*, na função do predicado, combina-se com o argumento externo representado por *eu* e por um argumento interno *os dentes* sem o qual o verbo *lavar* não formaria nenhuma frase. A relação semântica estreita que existe entre um predicador e os seus

argumentos chama-se **selecção**. Assim diz-se que um predicador **selecciona os seus argumentos**.

Aos termos intergrantes, i.e. seleccionados pertencem os seguintes: **complemento directo, indirecto e complementos oblíquos, complemento adverbial e agente da passiva**. O nome deverbativo pode também seleccionar os seus complementos. Neste caso falamos dos **complementos nominais**.

O número de argumentos seleccionados por um predicador chama-se **enaridade** do predicador ou **valência**. Nas línguas humanas, a maioria dos predicadores seleccionam de 1 a 3 complementos verbais. De acordo com o número de argumentos que o predicador selecciona, dividimos os predicadores em: predicadores de **zero lugares**, de **um lugar** (predicadores unários), de **dois lugares** (predicadores binários), de **três lugares** (predicadores ternários), de **quatro lugares** (predicadores quaternários).

Entre os **predicadores de zero lugares** contam-se todos os verbos que denotam fenómenos de natureza que têm a ver com o tempo ou com as partes do dia: *amanhecer, anoitecer, chover, escurecer, nevar, relampejar, trovejar*, etc. Estes predicadores são auto-suficientes, porque podem, só por si, constituir uma oração. Não admitem nem sujeito nem nenhum complemento verbal, salvo alguns casos, em que podem ocorrer num sentido figurativo (como, por exemplo: *Chovem mil palavras...*)

Entre os **predicadores de um lugar (predicadores unários)** contam-se verbos que admitem sujeito, mas não seleccionam argumentos integrantes: *adormecer, dançar, desmaiar, espirrar, explodir, ladrar, morrer, nascer*. Relembre-se que também nomes e adjectivos podem fazer parte do predicado nominal (ou de assim chamada predicação secundária). Assim sendo, adjectivos como *triste, grande, esperto* e nomes de profissão como *médico e pedreiro*, pertencem também a este grupo:

O menino nasceu.

Sou professora.

Ele é inteligente.

Os predicadores que seleccionam dois argumentos, chamados **predicadores de dois lugares (predicadores binários)**, incluem a grande maioria dos verbos: *amar, assustar, coser, detestar, ler pensar, temer, visitar, votar*.

Nós votamos contra os nazis.

Eu li o jornal.

Também nomes como *amigo, irmão, pai*, ou adjectivos como *contente, fiel, interessado* pertencem aos predicadores relacionais seleccionando um argumento: *contente com o trabalho, interessado no trabalho, fiel ao António, amigo do João.*

Os predicadores de três lugares (predicadores ternários) incluem os verbos ditransitivos. Entre estes predicadores contam-se verbos como dar, entregar, pôr, entre muitos outros:

A Joana deu um livro à Maria.

O Pedro colocou o livro na pasta.

(Nós) entregámos os trabalhos à professora.

Os predicadores de enaridade maior que três são apenas **predicadores de quatro lugares** (denominados **predicadores quaternários**). A este grupo de verbos pertencem os verbos que denotam movimento como, por exemplo, *atirar, levar, passar, transefir, trazer*, ou transacções como, por exemplo, *comprar, trocar, pagar, vender*.

O Pedrinho trouxe a bola do jardim para a rua.

A Isabel comprou um livro ao Luís por vinte escudos.

4.5. TERMOS INTEGRANTES

4.5.1. Complemento directo

Chama-se complemento directo ao constituinte da oração que integra o sentido de um verbo transitivo directo, exprimindo o ser para o qual se dirige a acção. Os verbos que seleccionam um argumento com a função de complemento directo são **verbos transitivos** e as frases que contêm um complemento directo são denominadas **frases (orações) transitivas**.

O complemento directo não é introduzido tipicamente por uma preposição, quer seja sintagma nominal quer seja uma oração. O objecto directo pode exprimir-se por meio de:

- um sintagma nominal: *Comi um bolo.*,
- uma oração subordinada finita: *Digo que não posso ir ao cinema.*
- uma oração infinitiva: *Diz estarem esgotados os bilhetes.*
- pronome pessoal oblíquo átono: (*me, te, nos, vos, os, as, o, a*). o qual pode substituir, ao mesmo tempo, o sintagma nominal na função do objecto directo. *Comi-o. Digo-o. Di-lo.*
- pelo pronome interrogativo *o que, que, quem, eventualmente, a quem*, tendo a preposição um valor estilístico expressivo: *O que compraste? Quem encontraste*

ontem? Assim as respostas na forma nominal funcionam como objectos directos:
Comprei um livro. Encontrei o João.

	F		
SN			SV
D N		V	SN
			D N
<i>A Maria</i>	<i>cantou</i>	<i>uma canção</i>	
(sujeito)	(predicado)	(complemento directo)	

O complemento directo de uma oração transitiva corresponde tipicamente ao sujeito de uma frase na voz passiva:

O Zeca Afonso compôs a canção Grândola Vila Morena [objecto directo].

A canção Grândola Vila Morena [sujeito] foi composta pelo Zeca Afonso.

Apenas os verbos cujo sujeito é o agente (*O Zeca Afonso*) e o objecto um paciente ou tema (*canção*) admitem a transição para as versões passivas. Caso o sujeito seja um possuidor, esta transição resulta impossível (*Temos um filme novo.* O filme é tido por nós*).

Existem verbos que, formalmente, poderiam ser interpretados como transitivos e o seu argumento como o complemento directo. Trata-se dos verbos *custar*, *durar*, *medir*, *pesar*:

A reunião durou duas horas.

O Joãozinho mede já um metro.

A filha do Zé já pesa 6 quilos.

Estas frases, contudo, não manifestam as mesmas características típicas de um complemento directo, ou seja não são substituíveis pelos clíticos acusativos, nem podem ocorrer com o sujeito de uma frase passiva, nem respondem a uma pergunta iniciada pela locução interrogativa *o que*. Estas expressões são chamadas **complementos oblíquos não preposicionados**.

Os verbos *medir* e *pesar*, no entanto, podem ser passivizados, podem seleccionar um objecto directo na forma do pronome clítico acusativo e podem ter um uso transitivo, no qual o sujeito é agente e o complemento directo é paciente:

*A avó mediu a criança em casa. / A criança foi medida pela avó. / A avó mediu-a.
O carniceiro pesou as costeletas. / As costeletas foram pesadas pelo carnicheiro. / O
carniceiro pesou-as.*

e também podem conter respostas às perguntas:

A quem mediu a avó. O que pesou o carnicheiro?

A posição típica (canónica) do objecto directo na oração é imediatamente à direita do verbo, antecedendo os restantes complementos: *O Pedro colocou o livro na mesa*. Esta ordem canónica do complemento directo ocorre tipicamente em contextos informativos neutros. No entanto, o complemento directo pode também sofrer alterações: por exemplo, surge à direita do complemento indirecto se este for um pronome clítico ligado ao verbo ou também na forma complexa contraída dos dois complementos, o clítico acusativo surge depois do dativo:

Dei-lhe o dinheiro. / Dei-lho.

O complemento directo surge à direita do indirecto também no caso em que se exprime por um sintagma nominal mais longo do que os outros complementos ou adjuntos da frase:

Disse-lhe que não estou em casa.

Levei para casa o jogo do Monopólio que a Ana me ofereceu.

Como já foi referido no início deste capítulo, o complemento directo não é introduzido por uma preposição. No entanto, existem contextos especiais em que um complemento directo é introduzido pela preposição **a**. Nestes casos, o complemento directo é denominado **complemento directo preposicionado**, tem sempre um traço humano e além das perguntas de controle introduzidas pelo pronome interrogativo *quem* ou *a quem*, referidas acima, podemos encontrar o uso de **a** nos seguintes contextos:

- a) A preposição **a** ocorre obrigatoriamente com o complemento directo quando este é um pronome oblíquo tónico que acompanha um pronome clítico e tem um efeito estilístico enfático: *Conheço-os a eles*. As formas *os* e *eles* têm o mesmo referente. A frase neutra equivalente à sua contrapartida enfática é utilizada sem o pronome tónico enfático: *Conheço-os*. Contudo, é impossível a substituição do pronome

clítico pelo pronome tónico nestas frases. Assim, resultaria agramatical a frase
**Conheço a eles-*

- b) A preposição **a** ocorre facultativamente com o complemento directo quando este representa o tópico em posição inicial da frase: **Ao Pedro**, nunca encontro na rua. **Ao Pedro**, nunca **o** encontro na rua. **O Pedro**, nunca **o** encontro na rua. **O Pedro**, nunca encontro na rua. O complemento directo precede o verbo, formando um grupo prosódico distinto. Como vemos, pode ser ou não retomado por um pronome clítico. Quando é retomado, trata-se do **objecto directo plenástico**.
- c) A preposição ocorre com o complemento directo no caso dos verbos afectivos, como *amar, louvar, temer*: *amar/louvar a Deus, amar ao próximo*.

	F			
SN	SV			
Pr	V	SNp		
		P	D	Pr N
<i>Nós</i>	<i>amamos aos nossos pais.</i>			
(sujeito)	(predicado)	(complemento directo preposicionado)		

Do ponto de vista semântico, o complemento directo pode desempenhar vários papéis semânticos: **paciente, experienciador, meta, estímulo**.

O papel semântico de paciente apresenta dois tipos diferentes: **paciente afectado** (que representa uma entidade afectada de algum modo por uma acção iniciada por um agente e **paciente resultante** (que representa a entidade criada como resultado do evento descrito pelo predicado:

A Teresa convidou os amigos para a festa. (paciente afectado)

O Martim desenhou uma ovelha branca. (paciente resultante)

O papel semântico **experienciador** ocorre com os verbos que exprimem estados psicológicos de natureza emocional (p.ex. *aborrecer, alegrar, assustar, preocupar,*

supreender). Neste casos, o complemento directo representa a entidade animada que se encontra nesse estado.

A Ana assustou o filho.

Essa notícia desgostou toda a gente.

O papel semântico de **meta** ocorre com verbos que denotam movimento (p.ex. *abarrotar, atafulhar, atestar, carregar, encher*). Nesse caso o complemento directo denota um lugar que é meta ou destino final de um movimento.

O Zé carregou a carroça de lenha. (meta)

Carla encheu a estante de livros. (meta)

O papel semântico de **estímulo** ocorre com verbos que significam percepção (p.ex. *escutar, ouvir, sentir, ver*) ou com verbos de natureza estativa que denotam uma actitude afectiva causada por algo ou alguém externo ao experienciador (p.ex. *adorar, odiar, temer, conhecer*).

Odeio o egoísmo. (estímulo)

Conheci o João na festa. (estímulo)

4.5.2. Complemento indirecto

O complemento indirecto caracteriza-se por ser unido com o verbo por meio de uma preposição formando, portanto, um sintagma preposicional cujo núcleo é a preposição *a/para*.

Escrevi à Ana.

Ofereci uma prenda ao Pedro.

No caso de o complemento directo ser um pronome, este realiza-se através das formas oblíquas clíticas dativas *me, te, lhe, nos, vos lhes*. Esta também pode substituir o complemento indirecto com o núcleo nominal. Assim, as frases acima mencionadas poderiam ser substituídas por:

Escrevi-lhe. (à Ana).

Ofereci-lhe (ao Pedro) uma prenda.

Caso esta substituição não seja possível, o sintagma preposicional não pode ser interpretado como complemento indirecto mas sim como advérbio locativo (adjunto adverbial de direcção), como se vê na seguinte frase:

Cheguei à reunião. /**Cheguei-lhe*.

O complemento indirecto responde tipicamente a perguntas iniciadas pelo sintagma preposicional *a quem*: *A quem é que escreveste? Escrevi à Ana*.

F		
SN	SV	
Pr	V	SNp
	P	D N
<i>Eu</i>	<i>escrevi</i>	<i>à Ana.</i>
(sujeito)	(predicado)	(complemento indirecto)

Quanto à posição do complemento indirecto na frase, este ocorre tipicamente à direita do complemento directo, como ilustra o seguinte caso:

Enviou o dinheiro ao Pedro.

No entanto, o complemento indirecto na forma clítica segue imediatamente o verbo e precede o complemento directo. Veja-se a seguinte frase:

Cantou-lhe uma canção.

Também, caso o complemento directo seja representado por uma oração subordinada ou por um sintagma nominal longo ou estruturalmente complexo, o complemento indirecto ocorre imediatamente a seguir o verbo

A Fátima disse-lhe que vai chegar atrasada ao jantar.

Pedro ofereceu-me o livro que tinha escrito sobre o Teatro Revista.

Há dois casos em que o complemento indirecto pode ser de carácter adverbial. São os chamados **dativos de posse** e **dativos éticos**. Trata-se de complementos indirectos introduzidos pela preposição *a* e pelo pronome clítico.

O dativo de posse ocorre na construção em que o complemento indirecto se manifesta na forma de um pronome dativo. É utilizado quando o falante pretende perspectivar a entidade representada pelo dativo de posse como afectada de modo subjectivo pelo evento realizado por alguma pessoa contextualmente determinada como se pode observar na seguinte frase:

A mãe conhece-nos as manias. (no sentido de as nossas manias).

O dativo ético é sempre um pronome dativo que remete para uma entidade, embora não corresponda a um participante da acção descrita pela frase. É de alguma maneira afectada por ele. Esta construção usa-se em frases exortativas ou exclamativas, facto pelo que as formas mais comuns em que o dativo ético aparece, são a 1ª e a 2ª pessoa, como mostram os seguintes exemplos:

Não me toques no José!

Abre-me este dicionário!

O meu filho adoece-me sempre que começam as aulas em Setembro.

Do ponto de vista semântico, o objecto indirecto representa uma entidade humana que pode desempenhar vários papéis: pode ser **origem (fonte)**, **destinatário** e **beneficiário**.

O papel temático de **destinatário** ocorre com os verbos transitivos indirectos que denotam geralmente um indivíduo a quem se destina a entidade transferida. Estes verbos são denominados **verbos de transferência** e entre eles contam-se: *dar, comprar, entregar, oferecer, vender, dizer, explicar, falar, sorrir, etc.:*

Sorriu à Ana.

Deu uma prenda à Fátima.

O papel temático de **origem (fonte)** ocorre, por exemplo, com os verbos *comprar, roubar, tirar*:

Comprei a saia à Ana.

(destinatário/ou origem)

O papel temático de **beneficiário** ocorre com verbos que têm alguma coisa a ganhar ou a perder com a transferência:

Dei-lhe um cheque.

(destinatário ou beneficiário)

Habitualmente, o complemento indirecto no papel temático de beneficiário, é introduzido pela preposição *para*:

Comprou um carro ao/para o filho. (destinatário ou beneficiário)

Caso o beneficiário e a origem co-ocorrerem numa frase, o papel temático de origem é introduzido pela preposição *a* e o beneficiário pela preposição *para*:

Comprou um carro ao vizinho[origem] para o filho. [destinatário/beneficiário].

Outros verbos que seleccionam o complemento indirecto são os verbos directivos (p.ex. *ordenar, pedir, propor, rogar, sugerir, suplicar*) entre outros, que denotam ordens, pedidos, recomendações, conselhos dirigidos pelo(s) agente(s) a um indivíduo ou a um grupo de indivíduos:

Proponho-te fazeres um orçamento aceitável.

Sugeri à Ana que fosse ao médico.

Também pertencem ao grupo dos verbos que se podem ligar com o complemento indirecto verbos intransitivos existenciais (p.ex. *bastar, chegar, faltar, sobrar, constar, ocorrer, parecer*), verbos psicológicos (p.ex. *agradar, apetecer, aprazer, convir, custar, desagradar, doer, importar, interessar, repugnar*) e o verbo de posse (*pertencer*):

Sobrou-me algum dinheiro.

Falta-lhe o interesse pelo trabalho.

Chegam-me 20 euros para a viagem.

Não me parece que esteja preocupado.

Outro grupo dos verbos intransitivos que seleccionam um complemento indirecto são os verbos *desobedecer obedecer, resistir, sobreviver*. Nestes casos, o complemento indirecto pode representar uma entidade não humana, contrariamente ao que foi discutido acima:

Sobrevivemos à catástrofe.

O João não conseguiu resistir à tentação.

Obedeça-se às leis.

4.5.3.Complemento oblíquo

O complemento oblíquo é aquele que não é nem directo nem indirecto. Tipicamente, são sintagmas preposicionais introduzidos por uma preposição, pelo que são chamados **complementos preposicionados** ou **oblíquos**. Quando o complemento oblíquo é um pronome, este pertence à série dos pronomes oblíquos: *mim, ti, si, nós, vós, ela (s), ele(s)* que seguem a preposição:

	F		
SN		SV	
Pr		V	SNp
			P D N
<i>Nós</i>		<i>pensamos</i>	<i>no João.</i>
(sujeito)		(predicado)	(complemento oblíquo)

Aos complementos oblíquos pertencem também **os complementos adverbiais** que são seleccionados pelos verbos transitivos adverbiais. Nestas construções denotam localizações espaciais numa perspectiva estática (*estar em, ficar em, ser em*) ou numa perspectiva dinâmica de lugar de origem, de destino ou de passagem (*ir a, ir por, passar por, etc.*), como se vê nas seguintes frases:

Estou em Lisboa. (perspectiva estática)

O hotel Intercontinental é na praça principal. (perspectiva estática)

Vamos para o Porto. (perspectiva estática)

Passámos por Itália. (perspectiva estática)

O complemento oblíquo de verbos de medida como são, por exemplo: *custar, durar, medir* e *pesa*, exprime o valor de entidades físicas ou abstractas numa escala quantitativa e não é introduzido por uma preposição. Não podendo ser substituídos pelo pronome clítico oblíquo acusativo, não podem ser interpretados como complementos directos:

O disco custou quinze euros.

**O disco custou-os.*

O jogo de futebol durou uma hora e meia. **O jogo de futebol durou-os.*

A coluna mede dois metros.

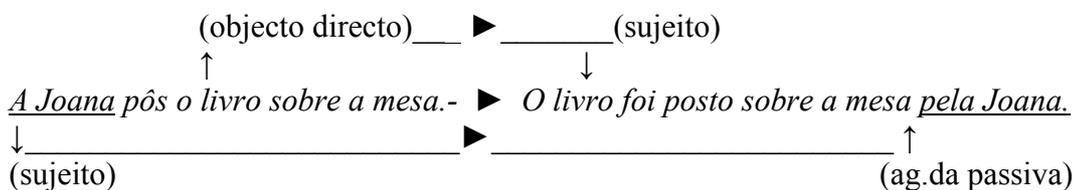
**A coluna mede-os.*

Essa bagagem pesa vinte quilos

**Essa bagagem pesa-os.*

4.5.4. Agente da passiva

Aos termos integrantes da oração pertence também o **agente da passiva** que ocorre nas orações passivas e que corresponde canonicamente a orações activas transitivas com um sujeito agente. O agente da passiva na oração passiva corresponde, na sua contrapartida activa, ao sujeito e forma um sintagma preposicional cujo núcleo é tipicamente a preposição *por*, eventualmente também *de*:



Um caso peculiar regista-se nas orações passivas com verbos causativos, chamados também “factitivos”, constituídos pelos verbos transitivos directos cujo complemento directo se constitui de um ser que age por força do sujeito. Por outras palavras, o sujeito faz com que o objecto faça ou se torne alguma coisa. É o caso dos seguintes verbos: *acalentar, afugentar, afundar, apascentar, amenizar, galvanizar, robotizar, deixar, fazer, mandar, tornar, codificar, mumificar, retificar*, entre outros. Quando o sujeito agente não é uma entidade humana, na oração passiva não corresponde à função de agente da passiva mas, sim, à de complemento oblíquo, habitualmente introduzido pela preposição *com*, como mostram os seguintes exemplos:

A tempestade destruiu a cidade. ► *A cidade ficou destruída com a tempestade.*

O vento afundou o barco. ► *O barco afundou-se com o vento.*

4.5.5. Complemento nominal e adjectiva

O último caso do objecto oblíquo é o caso do **complemento nominal e adjectival**. Ao lado dos verbos transitivos existem nomes que igualmente, em determinadas frases, podem ter

um carácter transitivo, precisando de um complemento para que o seu sentido seja completo. Trata-se de nomes e adjectivos deverbativos derivados dos verbos transitivos directos ou indirectos. Assim a construção *vender mercadorias*, ou *saber a verdade* que contém um verbo transitivo directo e um complemento directo, poderia ser transposta para o sintagma nominal deverbativo transitivo: *venda de mercadorias*, ou, *estar consciente de* (ciente- etim. gerúndio do verbo saber), onde o complemento *de mercadorias*, e *do problema*, uma vez que é seleccionado pelo nome ou adjectivo, seria classificado como nominal ou adjectival, respectivamente. Ao contrário do complemento directo dos verbos transitivos directos, o complemento nominal é sempre um sintagma preposicionado. Assim, no exemplo a seguir, o complemento directo não é introduzido por uma preposição, enquanto que a sua contrapartida nominal é preposicionada:

Visitamos a cidade. ► *a nossa visita à cidade.*

4.5.6. Constituintes adverbiais seleccionados

Finalmente, existem consituíntes oracionais que são seleccionados e cuja omissão poderia tornar a frase agramatical. Trata-se de um pequeno grupo de verbos, como *cheirar*, *comportar-se*, *portar-se*, *sentir-se*, os quais seleccionam um constituinte com valor semântico de modo, que pode ser estruturalmente um advérbio, um sintagma preposicional ou uma oração relativa de modo introduzida pelo advérbio relativo como ilustram os seguintes exemplos:

Os meus filhos portaram-se bem na festa.

A carne cheira mal.

Eu sinto-me assim-assim.

Estes constituintes são obrigatórios, contudo, não são argumentos integrantes típicos da oração nem do verbo.

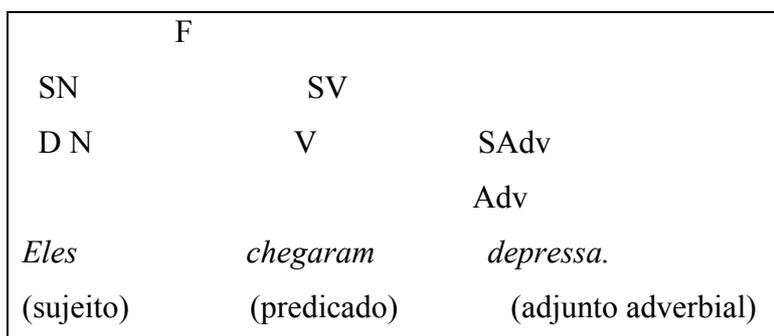
4.6. TERMOS ACESSÓRIOS

Os constituintes da oração que não são seleccionadas pelo verbo ou pelo nome e cuja omissão não causa a agramaticalidade da oração, são denominados **constituintes adjuntos** ou

accessórios. Encontram-se, nesta função, dois termos: o adjunto adnominal e o adjunto adverbial, aposto e vocativo.

4.6.1. Adjuntos adverbiais

Os constituintes com a função de adjunto adverbial são expressões que descrevem as circunstâncias das situações descritas, sobretudo circunstâncias temporais, espaciais e as relativas ao modo como foi praticada a acção, ao instrumento usado, entre outros. A função dos adjuntos adverbiais é exercida canonicamente por um advérbio, ou seja, por um sintagma adverbial, como mostra o seguinte diágrama:



Além do sintagma adverbial, esta função pode ser exercida, também, por um sintagma preposicional (*Nasceu em Junho*), por um sintagma nominal (*Os meninos vão ao cinema segunda-feira/esta semana/este mês*), ou por uma oração subordinada adverbial: (*Sáiram para a rua, quando estava a chover.*)

Os adjuntos adverbiais não são obrigatórios nas frases, podendo ser livremente omitidos sem que seja afectada a sua boa formação semântica (às vezes abrevia-se em “adjuntos”). Concomitantemente, é necessário distinguir as expressões adverbiais que são seleccionadas pelos verbos das que não o são. No primeiro caso, quando a expressão adverbial é necessária para integrar o sentido dos predicadores verbais, falamos dos complementos oblíquos, cuja omissão afectaria a boa formação semântica da frase, como a seguinte frase mostra:

*A Maria pôs o livro no banco do jardim. / *A Maria pôs o livro.*

No entanto, numa outra frase, o mesmo consituente descreve as circunstâncias locativas da situação representada. Neste caso, a expressão adverbial funciona como adjunto adverbial,

sendo possível a sua omissão sem que a frase seja agramatical, como mostra o seguinte exemplo:

A Maria adormeceu no banco do jardim./ A Maria adormeceu.

Os adjuntos adverbiais que constituem sintagmas plenos ou orações ocorrem geralmente depois dos complementos seleccionados:

Entreguei o trabalho de casa à professora depois de terminarem as aulas.

Quando a função do adjunto é exercida por um advérbio, este pode ocorrer numa posição imediatamente a seguir ao verbo, antes dos complementos seleccionados, como mostra a seguinte frase:

Fui ontem ao teatro.

Os alunos pediram amavelmente à professora autorização para poderem abrir a janela.

Existe um pequeno grupo de advérbios como já, nunca, quase, só, talvez e também que ocorrem entre o sujeito e o predicado, mas que prosodicamente são integrados dentro do sintagma verbal:

O Pedro já leu o livro.

Eu ainda estou na Faculdade.

Eu só queria perguntar-lhe uma coisa.

O Pedro nunca deixou de fumar.

Além destes advérbios existem os que podem ser prosodicamente autónomos e que se separam na escrita, por vírgulas.

As noites, essas, foram reservadas ao convívio e, consequentemente, à folia.

Os adjuntos adverbiais formam uma classe muito diversificada, apresentando, entre outros, os seguintes valores semânticos.

- instrumento: *a óleo, com chave, com guache;* (p.ex: *Abriu a porta com chave.*);
- acréscimo: *além de+nome;* (p.ex: *Além do João, conheci também o Pedro.*);
- afirmação: *com certeza, na minha opinião, com efeito, de facto, na verdade* (p.ex: *Na verdade, os salários, hoje, são muito baixos.*);

- assunto: *em/sobre/ a respeito de/ acerca de, +nome* (p.ex: *Vamos falar sobre/de gramática.*);
- avaliação: *à primeira vista, em boa hora, por azar, por sorte, sem dúvida, sem sombra de dúvida, antes de mais, ao fim e ao cabo, já agora, ora bem, acima de tudo, em particular* (p.ex: *Antes de mais, desejaria agradecer-lhe a sua ajuda.*);
- causa: *por+nome, de+ nome, graças a+ nome, devido a+nome, em virtude de+nome;* (p.ex: *As crianças morreram à míngua. Fui ver a exposição por curiosidade.*);
- comitativo ou de companhia: *com+nome: com a namorada, com o João, contigo* (p.ex: *Fui jantar com o João.*);
- comparação: *como+nome;* (p.ex: *Fala francês como um francês.*);
- concessão: *ainda assim, apesar de, não obstante, mesmo assim* (p.ex: *Apesar da chuva, saíram.);*
- condição: *sem/com + nome* (p.ex: *Sem esforço não há progresso.);*
- conformidade: *segundo, de acordo com, em termos de, consoante, em conformidade com, conforme+nome* (p.ex: *Segundo a opinião de Sr.Ramos, o Festival de Cultura dos Países da Expressão Portuguesa em Brno foram os melhores de todos.);*
- dúvida: *talvez, se calhar* (p.ex: *Se calhar vamos sair.);*
- favor, interesse: *por+nome, para+ nome* (p.ex: *Fi-lo por ti.*);
- fim: *para+nome, de+nome;* (p.ex: *Vive para a música. Tem motivos de queixa.*);
- grau ou quantidade: *a potes, mais ou menos, um bocadinho, um bocado, um pouco, um pouquinho;* (p.ex: *Chove a potes. É mais ou menos a mesma coisa. Vou beber um pouquinho de leite.*);
- intensidade: *pouco, muito, bastante, à farta;* (p.ex: *Bebe muito. Come pouco. Comi à farta.*);
- iteração: *às vezes, de quando em quando, de vez em quando, dia a dia, dia após dia, dias e dias a fio, habitualmente, frequentemente* (p.ex: *Trabalhava dias e dias a fio.*);
- limite: *até* (p.ex: *Fomos a pé de Estoril até Carcavelos.*);
- lugar: localização espacial: *ao longe, de longe, logo ali, aqui, aí, acolá, em Lisboa* (p.ex: *Ao longe ouvia-se um grande barulho.);*
- lugar: direcção (p.ex: *Voltou para casa.*);
- lugar: origem (p.ex: *Venho das aulas.*);
- lugar: passagem: (p.ex: *Passámos por França.*);
- matéria: *de+nome* (p.ex: *O telhado foi construído de zinco.*);
- meio: *por+nome* (p.ex: *Vamos passar por França.*)

- modo: *a custo, a torto e a direito, à alentejana, à inglesa, à pressa, à toa, à vontade, ao acaso, às cegas, à mercê de, às escuras, assim ou assado, a dedo, a cavalo, de bom grado, de pé, de mansinho, de propósito, de má vontade, de ponta a ponta, de rompante, com unhas e dentes* (p.ex: *Fê-lo de má vontade e à pressa.*);
- negação: *de forma alguma, de maneira nenhuma, de modo algum;* (p.ex: *Não quero incomodar de forma alguma.*);
- preço: *sem escudos, a cem euros* (p.ex: *Está a três euros o quilo.*);
- substituição ou troca: *em lugar de, em vez de* (p.ex: *Em lugar do livro, leu o jornal.*);
- tempo: localização temporal: *à noite, à tarde, tarde, cedo, agora, ainda agora, antes que seja tarde (de mais), de então para cá, de momento, desde já, em boa hora, mais logo, de noite, de tarde, este mês, no mês passado, (na) segunda-feira* (p.ex: *Vamos falar mais logo.*);
- tempo: ordenação temporal: *de novo, outra vez, de repente, conseqüentemente, a seguir, seguidamente,* (p.ex: *De repente, começou a chorar.*).

4.6.2. Adjunto adnominal

Em qualquer função sintáctica que possa ter como núcleo um substantivo, este pode vir acompanhado de palavras ou locuções de valor ou função adjectiva que lhe delimitam o sentido geral. Essas palavras ou locuções gravitam em torno do núcleo substantivo e exercem a função de **adjunto adnominal**, o qual pode funcionar:

- como **modificador adjectival do nome** modificando o nome (como adjectivos ou locuções adjectivais formadas por um sintagma preposicional): *bola vermelha, leite magro, valor acrescentado, olhos de gata, força de leão, anel de ouro*;
- ou
- como **especificador adjectival** sendo expressos por determinantes (artigos e pronomes demonstrativos e quantificadores) que, habilitam o sintagma nominal a representar entidades do discurso que possuem as propriedades denotativas expressas pelo nome: *os livros, uma rapariga, esse banco; muito trabalho, pouco dinheiro, bastante energia, mais livros, qualquer pessoa, cada dia, que tempo, qual trabalho, cujo filho, vinte euros, o primeiro dia).*

SN	SV		
DN	V	SP	
		P SN	Sadj
		DN	Esp. Adj.
<i>A corrida</i>	<i>foi ganha</i>	<i>pelo galgo</i>	<i>mais veloz.</i>
(sujeito)	(predicado)	(agente da passiva)	(adjunto adnominal)

Os modificadores adjectivais expressam valores circunstâncias da predicção nominal e podem ser livremente omitidos, ao contrário do complemento nominal oblíquo. Quando representados por um adjectivo, ocorrem tanto à esquerda do substantivo (*bom dia*) como à sua direita (*bola vermelha*). Quando se encontra numa posição pós-nominal, o adjectivo restringe o significado do nome, ou seja, tem uma significação restritiva: de todas as bolas é a *bola* que corresponde com a propriedade adicional *vermelha*. Esta significação do adjectivo posposto é denominada também **leitura restritiva**. Em contrapartida, com o adjectivo na função pré-nominal, esta restrição de significado não sucede, pelo que esta leitura é chamada de **leitura não restritiva**. Na expressão: “*Bom dia*” não é só o dia que é bom de que falamos.

É de destacar que alguns adjectivos podem ocupar ambas as posições, mudando ou a sua leitura ou a expressividade. Por exemplo, o adjectivo *falso*, na leitura restritiva (intensional) qualifica o valor de verdade da proposição veiculada pelo nome ou pela oração informação falsa significa uma informação que não possui o valor de verdade, como ilustram os seguintes casos:

Isto é falso. = *Isto não é verdade.*

Por outro lado, na posição pré-nominal, o adjectivo *falso* veicula a ideia de que a entidade não pertence à classe denotada pelo nome, ou seja, nega a sua autenticidade: *falsas pestanas, falsa solução, falso Renoir, falso médico, falso culpado*, etc.

De um modo semelhante funciona o adjectivo *verdadeiro*, o qual, na posição pós-nominal, veicula um sentido de “autenticidade: *amigo verdadeiro, um Renoir verdadeiro*. Na posição pré-nominal, a leitura de autenticidade, contudo, é a mesma, mas não exatamente idêntica. Nesta posição, o falante usa os adjectivos para intensificar as propriedades que caracterizam o sentido do nome (*um verdadeiro/autêntico dia de primavera*).

Outro exemplo que abona esta polivalência adjectival é o adjectivo *único*. Na posição pós-nominal, (p.ex.: *uma pessoa única*) o adjectivo exprime a ideia de que algumas propriedades se manifestam nesta pessoa de uma forma especial. Na posição pré-nominal, em

contrapartida, o adjectivo tem uma dimensão quantificacional, exprimindo que, no contexto relevante, não há quaisquer outras pessoas que satisfaçam o seu sentido:

A única pessoa que pode ajudar neste momento, és tu.

Existem ainda outros adjectivos, cuja significação se deriva da sua posição. Pertencem, entre eles: *sério, pobre, rico, bom, grande, antigo, caro, franco, leve, maior, menor, novo, próprio, etc*²².

É necessário distinguir os adjectivos e locuções adjectivais (modificadores adjectivais) da função dos predicativos do sujeito e do objecto (chamada também predicação secundária de base adjectival). Na função predicativa, os adjectivos são unidos com o sujeito através do verbo copulativo e não podem ser omitidos da frase sob pena de afectar a sua boa formação semântica, como se vê na seguinte frase:

*Ela é bonita. /*Ela é (-).*

Neste caso falamos de adjectivos seleccionados, ao contrário dos adjuntos que não são seleccionados, uma vez que não são indispensáveis para a boa formação semântica da oração, como ilustra a seguinte frase:

Conheci uma mulher bonita. / Conheci uma mulher (-).

4.6.3. Aposto

Aposto é um constituinte que se junta a outro de valor substantivo ou pronominal para explicá-lo ou especificá-lo melhor. Está separado dos demais constituintes da oração por vírgula, dois-pontos ou travessão, como se vê, por exemplo, na seguinte frase:

Ontem, segunda-feira, assistimos ao concerto de Mariza.

segunda-feira é aposto do adjunto adverbial de tempo *ontem*. Dizemos que o aposto é sintaticamente equivalente ao elemento a que se relaciona porque poderia substituí-lo. Após a eliminação de *ontem*, portanto, o substantivo *segunda-feira* assume a função de adjunto adverbial de tempo, como exemplifica o seguinte caso:

Segunda-feira assistimos ao concerto de Mariza.

²² Svobodová (2014:100).

		F		
	SN		SV	
N	SN		V	SP
	N			P D N SP
				P D N
<i>Ontem, segunda-feira,</i>		<i>assistimos</i>		<i>ao concerto da Mariza.</i>
(sujeito)	(aposto)	(predicado)		(complemento oblíquo)

O aposto pode referir-se ainda a outras funções, por exemplo, à de complemento oblíquo, à de complemento directo e à de aposto, entre outros. O aposto que se refere ao objecto indirecto, complemento nominal ou adjunto adverbial pode aparecer precedido de preposição. Às vezes, o aposto pode vir precedido de expressões explicativas do tipo: *a saber, isto é, por exemplo*:

Estava deslumbrada com tudo: com a aprovação, com o ingresso na universidade, com as felicitações. (aposto precedido de preposição)

Eu gosto de todos os tipos de música: samba, bossa-nova, rock, blues. (aposto de complemento oblíquo)

Fui falar com o meu patrão, pai do Pedro, meu amigo da escola. (aposto do aposto)

Alguns alunos, a saber, Marcos, Rafael e Bianca não entraram na sala de aula após o recreio. (aposto introduzido por a saber)

De acordo com a relação que estabelece com o elemento a que se refere, o aposto pode ser classificado em:

- **aposto explicativo:** *A Maria, filha do nosso médico de família, casou.*;
- **aposto enumerativo:** *Eu e tu, temos muitas temas em comum: amor, trabalho, ação.*;
- **aposto resumidor** ou **recapitulativo:** *Vida digna, cidadania plena, igualdade de oportunidades, tudo isso está na base de um país melhor.*;
- **aposto comparativo:** *As estrelas, grandes olhos curiosos, fixaram-se por muito tempo na baía anoitecida.*;
- **aposto distributivo:** *Drummond e Guimarães Rosa são dois grandes escritores, aquele na poesia e este na prosa.* ;

- **aposto de oração:** *Ela correu durante uma hora, signal de preparo físico.*

Além desses, há o **aposto especificativo**, que difere dos demais por não ser marcado por sinais de pontuação (vírgula ou dois-pontos). O aposto especificativo individualiza um substantivo de sentido genérico, prendendo-se a ele directamente ou por meio de uma preposição, sem que haja pausa na entonação da frase: *cidade de Roma, mar Mediterrâneo.*

Destaque-se que não se pode confundir o aposto de especificação com adjunto adnominal. Enquanto o adjunto adnominal é substituível pelo adjectivo, o aposto não o é:

A obra de Camões/camoniana é símbolo da cultura portuguesa.

*O poeta Luís de Camões/*camoniano morreu pobre.*

4.6.4. Vocativo

O vocativo é o termo da oração que usamos frequentemente na linguagem falada quotidianas para invocar ou interpelar o interlocutor. O vocativo não se relaciona sintacticamente com nenhum dos constituintes frásicos. Geralmente, direcciona-se à segunda pessoa do discurso. O uso do vocativo apresenta, na frase, as seguintes características:

- O vocativo sempre está entre vírgulas: - "Filho, vem cá à mãe".
- Muitas vezes é acompanhado pela interjeição Ó.- "Ó minha filha, isso não se diz!"
- Faz muitas vezes parte da oração exclamativa.- "Buda, senta!"; "Buda e Acha, juntos!"
- Também serve para substituir, pragmaticamente, o nome original. "Diz-lá, meu fofinho." "Pare com isso, malandro!"

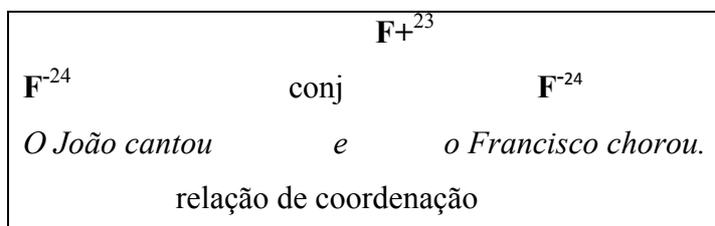
SN,	-----	F
		SV
N		V
<i>Buda,</i>		<i>senta!</i>
(vocativo)		(predicado)

5. PERÍODO COMPOSTO

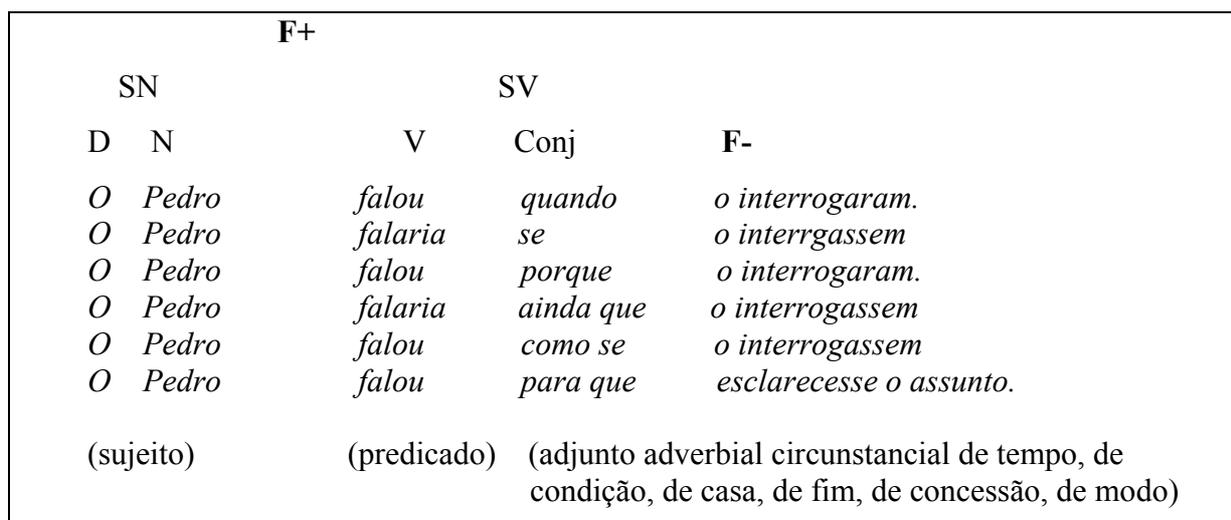
O período composto é constituído por mais de uma oração. As relações existentes entre elas são de dois tipos: de **coordenação** ou de **subordinação**.

No caso das **frases compostas por coordenação**, as unidades oracionais são independentes e são denominadas **paratáticas**. A relação entre as orações coordenadas denomina-se **parataxe**. Têm o mesmo estatuto estrutural e semântico no período, e encontram-se ao mesmo nível sintáctico como ilustra o seguinte exemplo:

O João cantou e o Francisco chorou.



Quando as orações são **compostas por subordinação**, são denominadas **hipotáticas**. A relação existente entre elas chama-se **hipotaxe**. As orações subordinadas dependem estrutural e semanticamente de outras unidades oracionais. As orações compostas por subordinação encontram-se a níveis sintácticos distintos, como mostra o seguinte diagrama:



A oração regente é chamada **oração principal** e dela depende semântica e estruturalmente a unidade oracional regida, isto é, a **oração subordinada**, como ilustram os esquemas gráficos abaixo apresentados.

Ao mesmo tempo, é possível que uma oração subordinada tenha outra dependente dela, em relação à qual é principal. Quando num único período há relações paratáticas e hipotáticas ao mesmo tempo, o período é denominado **período misto**. As relações

²³ F+ - símbolo de frase subordinante mais alta (no nosso caso de todo o período).

²⁴ F- - símbolo de frases que fazem parte de um período sejam independentes sejam subordinadas.

paratáticas e hipotáticas podem existir não apenas entre a oração subordinante mais alta e a oração subordinada, como também entre as próprias orações subordinadas.

Coordenação entre as subordinadas:

F+									
SN			SV						
D	N		V	Sadv			S Adv		
				Conj		F ₁ -	conj		F ₂ -
O	Pedro		falou	quando o interrogaram,			embora não quisesse.		

Subordinação entre as orações subordinadas:

F+									
SN			SV						
D	N	V	SN						
			Conj		F ₁ -				
			Pr		V	SN			
			V		D	N	conj		F ₂ -
O	Pedro	disse	que		(ele)	vai	comprar o livro		que viu na Feira.

As orações subordinadas podem ser **finitas (desenvolvidas)** e não **finitas (reduzidas)**. No primeiro caso, a oração contém um verbo conjugado, enquanto que no segundo caso, o verbo encontra-se na forma nominal (gerundiva, participial ou infinitiva). Observe os seguintes casos:

- **Oração finita:** *Enquanto o Pedro cantava, a Maria tocava piano.*
- **Oração não finita:** *Apesar de ele não saber falar línguas estrangeiras, consegue sempre comunicar com as pessoas no estrangeiro.*

5.1. Orações coordenadas

As relações paratáticas, podem existir tanto entre os sintagmas de uma frase, como entre as unidades oracionais. Estas são caracterizadas por um maior grau de independência, comparativamente às orações subordinadas, no sentido em que podem ser usadas como frases

independentes, sem qualquer tipo de relação sintáctica com a outra como exemplifica o seguinte caso:

A temperatura baixou e o céu está carregado de nuvens.

A temperatura baixou. O céu está carregado de nuvens.

Apesar de estas frases evidenciarem um alto grau de independência, no que à mobilidade dentro do período diz respeito, nem sempre podem ser deslocadas dentro do período. Deste ponto de vista, classificam-se em **simétricas** e **assimétricas**.

Quando a mobilidade das orações coordenadas dentro de um período é possível, diz-se que os termos coordenados são **simétricos**.

O João comprou livros e dicionários.

O João comprou dicionários e livros.

O João e a Maria foram jogar ténis.

A Maria e o João foram jogar ténis.

Quando a ordem das frases coordenadas é impossível, trata-se de coordenação **assimétrica**, i.e., a organização sintáctica das frases coordenadas vê-se restringida por factores pragmáticos ou lógico semânticos.

A coordenação assimétrica ocorre também quando as proposições das unidades oracionais são relacionadas cronologicamente. A sua inversão resultaria ilógica, como manifestam os seguintes exemplos:

Eles saíram às oito horas e foram jantar ao restaurante.

**Foram jantar ao restaurante e eles saíram às oito horas.*

As conjunções que conectam os termos coordenados, são denominadas **conjunções coordenativas** (*e, mas, nem...*). Existem ainda os chamados **conectores coordinativos** (*porém, todavia, contudo...*), os quais são caracterizados por uma maior liberdade no que à mobilidade dentro do período diz respeito.

A relação paratáctica pode envolver dois ou mais termos; no primeiro caso, a **coordenação é binária**, no segundo caso, **múltipla**.

Quando as unidades coordenadas são conectadas por uma conjunção ou por um conector, falamos de **coordenação sindética**. Quando os termos coordenados ocorrem justapostos, sem a conjunção ou sem o conector, falamos de **coordenação assindética**. O seu uso é, porém, limitado pelos factores pragmático–estilísticos. No caso da coordenação

correlativa, todos os termos são introduzidos por uma das partes da conjunção ou da locução correlativa, incluindo o primeiro termo. Neste caso a coordenação é chamada **polissindética**.

Observe-se os seguintes exemplos para cada um dos tipos de coordenação:

<i>Vesti o casaco <u>e</u> saí.</i>	<i>Coordenação binária, sindética</i>
<i>O meu filho nem come nem bebe nem dorme.</i>	<i>Coordenação múltipla, sindética</i>
<i>Aqui estou, (-) aqui vivo, (-) aqui morrerei.</i>	<i>Coordenação múltipla, assindética</i>

A coordenação múltipla cujas últimas duas unidades são conectadas por uma conjunção coordinativa, são consideradas sindéticas pela sintaxe portuguesa.

O aluno escreveu o ditado, (-) entregou-o à professora e foi-se embora.

As conjunções coordenativas podem ocorrer numa construção unária como *e*, *nem*, *ou*, *mas* ou numa construção binária - correlativa, como *não só...mas também*, *tanto....como*, *ou....ou*, *ora....ora*, *nem....nem*, *quer....quer*, etc. No primeiro caso, as conjunções são chamadas **conjunções coordenativas simples**, no segundo caso, **conjunções coordenativas relativas**.

As relação coordenativa é de três tipos: **coordenação copulativa**, **disjuntiva** ou **adversativa**.

5.1.1.Coordenação copulativa

A coordenação copulativa consiste no valor básico semântico aditivo que caracteriza a relação existente entre os termos coordenados. Estes são ligados por uma **conjunção copulativa** ou **aditiva** que pode ser simples ou composta. A conjunção aditiva simples mais típica é a conjunção simples *e* e **nem**:

O meu filho voltou das férias e trouxe-me uma recordação.

*Não vou ao cinema **nem** vou ao teatro.*

As conjunções copulativas compostas (correlativas) são, por exemplo, **não só... mas também**, **não só.....como**, **tanto.....como**. A omissão de um dos seus elementos resultaria inaceitável, como exemplificam as seguintes frases:

*Vou ler **não só** o livro **mas também** a revista. /*Vou ler o livro **mas também** a revista*

*Tu **não só** não estudas **como** não deixas os outros estudar. /*Tu não estudas **como** não deixas os outros estudar.*

5.1.2.Coordenação adversativa

A coordenação adversativa consiste numa relação contrastiva ou contrapositiva, estabelecida entre os termos coordenados, conectados por **conjunções adversativas** ou **contrajuntivas**. A conjunção mais típica deste tipo de coordenação é a conjunção *mas e senão*.

*O João viu o livro na montra **mas** não o comprou.*

*Não come **senão** chocolate.*

Existem também os chamados **conectores adversativos** como *porém, todavia, contudo* que, tradicionalmente são classificados como conjunções, mas que, de facto, se afastam delas por terem uma relativa liberdade no que à mobilidade dentro da frase diz respeito. Estes conectores podem ocorrer dentro do membro coordenado, sendo sempre separados do resto da frase por vírgulas, como exemplificam os seguintes casos:

*Ela está cansada, **todavia/porém/contudo**, os trabalhos impedem-na de tirar férias.*

*Ela está cansada, os trabalhos, **todavia/porém/contudo**, impedem-na de tirar férias.*

Os conectores contrastivos podem co-ocorrer no período com uma conjunção, desde que a sua combinação seja semanticamente compatível. Veja-se o seguinte exemplo:

*Ela está cansada **e, porém**, não pode tirar férias.*

*Poupou bastante dinheiro, **mas, porém**, não chega para pagar um carro novo.*

5.1.3.Coordenação disjuntiva

A coordenação disjuntiva implica o valor de alternativa entre os termos coordenados, sendo as unidades coordenadas conectadas, tipicamente, por uma **conjunção disjuntiva** ou **alternativa que pode ser simples (ou) ou correlativa (ou...ou, nem....nem, ora....ora seja....seja, quer....quer, já...já)**. Não se recomenda combinar nestas conjunções correlativas os elementos *ou, nem, ora, seja, quer, já*, embora ocorram com menor frequência.

Existem dois tipos de disjunção: exclusiva e inclusiva. Se a escolha implica a selecção de um termo em detrimento do outro, falamos da **disjunção exclusiva**, como exemplifica o seguinte caso:

*A criança **ora** está a rir **ora** está a chorar.*

***Ou** fazes o que te digo **ou** ficamos zangados.*

No caso da **disjunção inclusiva**, os termos em alternativa são compatíveis, como ilustram as seguintes frases:

***Quer** o gato **quer** o cão detestam ver estranhos em casa.*

*Ele sempre se esquece **ora** da carteira **ora** das chaves **ora** do telemóvel.*

Além destes três tipos de coordenação, geralmente mencionam-se mais dois: coordenação explicativa e coordenação conclusiva.

5.1.4.Coordenação explicativa

A coordenação explicativa exprime o motivo de se ter realizado a proposição da oração anterior. Podem ser sindéticas ou assindéticas. Quando sindéticas, são introduzidas pelos **conectores explicativos**, *pois, que, porque, porquanto* que atribuem à oração o valor semântico de efeito, causado pela proposição da primeira oração coordenada.

*Não recebi o ordenado hoje, **pois/porquanto** não vou trabalhar amanhã.*

Não troces dele: (-) está apaixonado.

Do ponto de vista semântico, estas orações coordenadas explicativas aproximam-se das orações adverbiais explicativas. Distinguem-se delas, contudo, pelas seguintes restrições sintáticas:

- impossibilidade de ocorrerem em posição inicial: **Pois/porquanto não vou trabalhar amanhã, não recebi o ordenado hoje.*
- impossibilidade de haver duas coordenadas explicativas: **Não recebi o ordenado hoje, pois/porquanto não os vou ajudar amanhã e porquanto não vou trabalhar.*
- impossibilidade de colocação pré-verbal dos pronomes clíticos em orações finitas: **Não recebi o ordenado hoje, pois/porquanto não vou trabalhar amanhã e pois não os vou ajudar.*

Já as orações adverbiais explicativas podem encontrar-se em posição inicial, podem apresentar estruturas de coordenação e podem ter o pronome clítico na colocação pré-verbal, como mostram os seguintes casos:

- possibilidade de ocorrerem em posição inicial: Como estava mau tempo, ficámos em casa.
- possibilidade de haver duas coordenadas explicativas: Ficámos em casa porque estava mau tempo e, também, porque não nos apetecia sair.
- possibilidade de colocação pré-verbal dos pronomes clíticos em orações finitas: Ficámos em casa porque estava mau tempo e, também, porque não nos apetecia sair. Já que te conheço, não me admira a tua atitude.

5.1.5. Coordenação conclusiva

Quando a segunda oração coordenada exprime conclusão ou consequência lógica da primeira proposição, fala-se da **coordenação conclusiva**. Os **conectores conclusivos** *logo, pois, assim, portanto, por isso, por conseguinte, por consequência*. atribuem à oração coordenada conclusiva o valor de conclusão, o qual se depreende da situação reportada pela outra oração. Este tipo de conectores aproximam-se de expressões adverbiais ou preposicionais que funcionam como adjuntos frásicos ou verbais com valor consecutivo ou resultativo. Destas diferem, contudo, pelo uso dos conectores. Nas orações subordinadas adverbiais consecutivas são usados outros conectores: *de forma que, de modo que, de maneira que* que não permitem a livre mobilidade no período. Compare-se os dois casos seguintes:

*Ele não conhece bem o caminho, pode, **pois/ assim/ por conseguinte/ por consequência/ concomitantemente**, enganar-se. (coordenação conclusiva)*
*Ele não conhece bem o caminho, **de modo que** pode enganar-se facilmente. (subordinação resultativa)*

5.1.6. Polissemia das conjunções

Algumas conjunções podem, para além do seu valor por excelência (o valor básico) apresentar ainda outros significados que resultam essencialmente do contexto linguístico. Por exemplo, a conjunção *e*, para além do valor por excelência aditivo, adquire, contextualmente, os seguintes possíveis significados:

- s. conclusivo: *A empresa declarou falência e as acções desceram 50% na Bolsa.*

- s. condicional: *Não comes a sopa e eu não te levo ao cinema.*
- s. temporal de sequencialidade: *Cheguei a casa e fiz o jantar.*
- s. temporal de simultaneidade: *A Joana estava a cantar e o Rui estava a tocar piano.*
- s. adversativo. *Apresentei-lhe o projecto e ele recusou-o.*

A conjunção **mas** mostra, igualmente, uma semelhante diversificação interpretativa, também dependente do contexto linguístico. Assim, para além do valor por excelência, que é o adversativo, pode apresentar, também o valor aditivo, como mostra a seguinte frase:

Eu gosto de chocolate mas o Rui gosta de bolachas.

O **mas** pode apresentar ainda dois significados importantes: o focalizador que consiste em delimitar o foco contrastivo de uma acção através de *mas+ser* (conjugado na 3ª p.sg, cujo tempo coincido predicador), e o enfático, pelo que se destacam algumas propriedades do sujeito da proposição:

<i>Ele vai <u>mas</u> <u>é</u> ao cinema não ao teatro</i>	<i>(valor focalizado).</i>
<i>Eu vou <u>mas</u> <u>é</u> embora.</i>	<i>(valor focalizador)</i>
<i>A criança estava <u>mas</u> <u>era</u> doente.</i>	<i>(valor focalizador)</i>
<i>Esta criança corre mas corre. (corre muito)</i>	<i>(valor enfático)</i>
<i>Edifício era alto mas alto (mas mesmo alto).</i>	<i>(valor enfático)</i>

5.2. Orações ou períodos interferentes

As orações ou períodos interferentes apresentam um tipo particular de conexão em que uma frase acrescenta algum tipo de informação sobre outra oração independente ou sobre uma expressão nominal da outra oração, sem que, no entanto, as duas orações estejam sintacticamente dependentes. Este tipo de conexão chamamos **suplementação**. À oração que introduz o comentário chamamos **suplemento** e à oração ou à expressão nominal dessa oração, sobre a qual incide o comentário veiculado pelo suplemento, chamamos **âncora**. Na linguagem escrita, estas construções separam-se por vírgulas, parênteses ou travessões: Veja-se o seguinte exemplo em que a construção sublinhada é o suplemento e a não sublinhada, âncora:

O Pedro, se não estou em erro, já não trabalha neste banco.

A oração que contém esta suplementação, é denominada **oração hospedeira (interferente ou intercalada)**, ou também **parentética**) e pode ser introduzida por uma conjunção.

Um dos tipos das orações hospedeiras são as **estruturas de enunciação**, que poderiam ser caracterizadas como estruturas adverbiais periféricas, as quais não apresentam uma relação semântica directa entre os dois conteúdos proposicionais:

Se bem me lembro, iam à praia todas as tardes. (suplementação)

Se quisessem, iam (iriam) à praia todas as tardes. (subordinação)

Como vemos, a relação de conectividade semântica e sintáctica existente entre elas, é muito fraca, o que se reflecte também na independência temporal das duas orações.

Este tipo de orações pode ter vários valores semânticos. Aos mais frequentes pertence o valor de comentário, final, condicional, concessivo ou conformativo, como ilustram os seguintes exemplos:

Para ser sincero, não penso que esta equipa seja melhor. (final)

Naquela altura, se bem me lembro, a Casa da Música ainda estava aberta. (condicional)

Ao miúdo ocorreu a ideia de, sei lá porquê, roubar na loja o chocolate. (comentário)

Segundo o jornal apurou, a principal razão da construção da linha ferroviária foi a de ligar a cidade ao litoral. (conformativo)

Que eu saiba, não pedi registo de patente nem reivindiquei qualquer originalidade. (concessivo)

5.3.Subordinação

A **relação de subordinação** implica a ordenação hierárquica (hipotáctica) das frases. Ao contrário da parataxe, a **hipotaxe** é o relacionamento sintagmático de termos dependentes entre si. Na subordinação sempre há um termo **subordinante** (também chamado regente, determinado ou principal) e um termo **subordinado** (também chamado regido, determinante ou dependente).

A relação hipotáctica pode ser oracional (suboracional) ou superoracional.

São exemplos do primeiro caso as seguintes construções cujos termos subordinados são sublinhados e, subordinantes, não: *aluno estudioso, o aluno estuda, estudar gramática, gostar do filme, chegar à escola, etc.*

Dentro de um período, na subordinação superoracional, uma oração depende de outra. Assim, no exemplo seguinte:

Espero que vocês sejam felizes.

a oração iniciada pelo complementador é subordinada e a outra, principal. O período composto por subordinação é iniciado ou por um complementor, por um pronome relativo ou por uma conjunção subordinativa. Assim, existem as orações:

- 1) substantivas ou completivas ou integrantes (iniciadas por uma conjunção integrante);
- 2) adjectivas ou relativas (iniciadas por um pronome relativo);
- 3) adverbiais ou circunstanciais (iniciadas por qualquer tipo de conjunção subordinativa, salvo a integrante).

Na **subordinação completiva** ou integrante (chamadas **substantivas** de acordo com a tradição luso-brasileira), as orações subordinadas completam a informação veiculada por um verbo transitivo da oração principal. Estas orações constituem argumentos seleccionados e podem exercer a função de sujeito ou de complemento do predicador da oração principal. As orações subordinadas são, na maioria das vezes, introduzidas pelos **complementadores**.

Na **subordinação relativa** (chamada, de acordo com a tradição luso-brasileira também **adjectiva**), a oração subordinada tem a função de modificador do núcleo nominal da oração principal.

Na **subordinação adverbial**, chamada por alguns linguistas **circunstancial**, as orações subordinadas são designadas **orações subordinadas adverbiais**, e desempenham a função de adjunto adverbial, não sendo seleccionadas pelo predicador da oração subordinante. Constituem um argumento não seleccionado e podem apresentar diferentes valores semânticos, como o de tempo, de causa, de finalidade, de condição, de modo, entre muitos outros.

5.3.1. Subordinação completiva

A subordinação completiva (substantiva ou integrante) aproxima-se às expressões nominais (sintagmas nominais) que desempenham a mesma função sintáctica. Assim, na seguinte frase, o SN na função de objecto directo é substituível por uma oração completiva que, concomitantemente, desempenhará a mesma função sintáctica do objecto directo:

O Pedro, no Dia das Mentiras, inventou uma mentira.

O Pedro, no Dia das Mentiras, inventou que tinha mil euros na lotaria.

Nesta frase, o sintagma nominal, uma mentira e que tinha mil euros na loteria desempenham a mesma função do objecto directo.

As orações completivas são seleccionadas pelo predicador da oração subordinante, cujo núcleo pode ser verbal, adjectival ou nominal. Consequentemente, a complementação denomina-se **complementação nominal** (*ter a ideia de que + F*) e **complementação adjectival** (*ser capaz de + F*) e **complementação verbal** (*prometer que + F*).

As orações completivas podem ser **finitas**, caso o verbo conjugado ocorra nos modos indicativo ou conjuntivo, ou **não finitas**, caso o verbo ocorra no infinitivo flexionado ou não flexionado, como se pode observar nos seguintes exemplos:

Queria que fizesses um bolo de chocolate. (*oração finita*)

Pedi-lhe para fazer um bolo de chocolate. (*oração não finita*)

5.3.1.1. Classificação sintáctica

De acordo com a função sintáctica da oração completiva, estas classificam-se em: subjectivas, objectivas (directas, indirectas, objectivas oblíquas), predicativas, apositivas e com a função de agente da passiva.

5.3.1.1.1. Orações completivas de sujeito

As orações completivas de sujeito (tradicionalmente denominadas **subjectivas**) exercem a função de sujeito e podem ser substituídas ou por um sintagma nominal na mesma função, ou por um pronome demonstrativo invariável (isso, isto, aquilo), mas nunca por um pronome pessoal clítico, como mostram as seguintes frases:

É claro que não tenho medo.

É claro isso. ou Isso é claro.

**É claro-o.*

As orações completivas subjectivas podem ocorrer em posição pré-verbal ou pós-verbal. No primeiro caso, as orações comportam-se como **ilhas fortes** e ocorrem tipicamente quando são seleccionadas por verbos inferenciais e causativos, como: *demonstrar, ilustrar, indicar, mostrar, reflectir, revelar, significar, sugerir*, entre outros com um sentido semelhante. Veja-se o seguinte exemplo e o seu respectivo diagrama:

Que haja desinteresse, reflecte o não envolvimento de todos neste projecto.

	F⁺		
	SN		SV
	conj	F⁻	V SN
	<i>Que haja desinteresse,</i>		<i>reflecte o não envolvimento de todos neste projecto.</i>
	(sujeito)		(predicado) (objecto directo)

A posição pré-verbal nestas construções reflecte a ordem típica de palavras na oração, que, normalmente, é iniciada pelo sujeito, seguido de predicado e complemento directo. Estes exemplos citados são substituíveis pelo sintagma nominal com o núcleo nominal *facto* como exemplifica o seguinte par de frases:

O facto de que tenham aparecido tantas pessoas na manifestação, indica o grau do descontentamento dos trabalhadores.

Que tenham aparecido tantas pessoas na manifestação, indica o grau do descontentamento dos trabalhadores.

Às orações completivas de sujeito na posição pré-verbal pertencem, de acordo com a sintaxe luso-brasileira, também as que são introduzidas pelo pronome relativo *quem* como ilustra o seguinte exemplo.

Quem canta, seus males espanta.

Quem sabe, não esquece.

A sintaxe portuguesa, contudo, considera estas frases como relativas com antecedente não exposto (ver mais adiante: orações relativas livres).

As orações completivas de sujeito, encontram-se predominantemente na posição pós-verbal, funcionando como **ilhas fracas**. Esta posição pós-verbal, contudo, não reflecte a posição canónica do sintagma nominal na mesma função. Veja-se o seguinte exemplo e o seu esquema gráfico:

É possível que o João não venha à festa.

É verdade que o João está doente.

	F⁺	
SV		SN
V	conj	F⁻
<i>É possível</i>	<i>que</i>	<u><i>o João não venha à festa.</i></u>
<i>É verdade</i>	<i>que</i>	<u><i>o João está doente.</i></u>
<i>predicado</i>		<i>sujeito</i>

Para identificar a função de sujeito das frases completivas, é possível aplicar os mesmos testes de controle que existem para a identificação da função do sintagma nominal. Didaticamente, podem ser utilizadas as perguntas: *Quem é que...?* ou *O que é que.....?* A resposta a esta pergunta será o sujeito. Assim, no período:

É possível que o João não venha à festa.

identificaremos a oração completiva de sujeito ao responder à pergunta *O que é que é possível?*, obtendo a resposta em que se abona a função de sujeito: *que o João não venha à festa.*

5.3.1.1.2. Orações completivas de objecto directo

As orações completivas de objecto directo, denominadas tradicionalmente objectivas, são sempre seleccionadas por verbos transitivos e podem ser substituídas por um pronome demonstrativo neutro *isso* em posição pós-verbal ou pelo pronome clítico acusativo *-o*.

O João sabe que estamos à espera dele.

O João sabe isso.

O João sabe-o.

Em geral, estas orações completivas são seleccionadas por verbos transitivos directos ou ditransitivos, ocorrendo, conseqüentemente, em posição pós-verbal, como mostra o seguinte esquema gráfico:

	F⁺		
SN		SV	
D N		V	SN
		conj	F⁻
<i>O João</i>		<i>sabe <u>que</u></i>	<u><i>estamos à espera dele.</i></u>

<i>sujeito</i>	<i>predicado</i>	<i>objecto directo</i>
----------------	------------------	------------------------

Muito esporadicamente estas orações podem ocorrer também em posição pré-verbal. Estas construções têm um valor enfático, estilisticamente marcado, sendo pouco habitual na linguagem corrente. A sua posição atípica pode levar a confundir a sua função de objecto com a de sujeito.

Que ela fez o exame, todos sabemos.

As orações completivas são, tipicamente, introduzidas por um complementador **que**, como ilustram os casos acima mencionados. Ao mesmo tempo, quando são seleccionados por verbos de inquirição (*investigar, perguntar*), verbos declarativos (*dizer, decidir*) ou epistémicos (*saber*), podem igualmente ser introduzidas pelo complementador **se**:

O teste de sangue vai mostrar se o condutor conduziu sob o efeito de álcool.

A Irene pergunta se pode trazer os filhos para a festa.

A polícia ignora se o condutor se adormeceu ao conduzir o autocarro.

Algumas orações completivas de objecto directo podem ser introduzidas por conjunções adverbiais ou pronomes indefinidos: *quando, como, qual, de onde*, etc. Estas orações, contudo, são interpretadas como relativas livres, de acordo com a sintaxe portuguesa (ver o capítulo de Orações relativas).

Sei como ele perdeu a vida.

vs. *Sei-o.*

Detesto quem mente.

vs. *Detesto-o.*

Perguntou-me quando foi isso.

vs. *Perguntou-mo.*

Nalguns casos, quando a oração completiva está no modo conjuntivo, ocorre a supressão do complementador. Este uso verifica-se, quase exclusivamente, na escrita, sobretudo em correspondências formal (linguagem comercial, jurídica, etc), como ilustram os seguintes casos:

Requeiro (-) seja enviado o Processo a outra instância.

Solicito (-) me seja enviado o parecer por correio.

Para além da supressão, verifica-se, curiosamente, na linguagem coloquial, o fenómeno de reduplicação do complementador na oração subordinada, que consiste na

repetição do complementador **que** à direita do sujeito da oração subordinada ou à direita de uma expressão adverbial.

*Eu acho **que** ele **que** não tem uma grande queda para estudar.*

*Acho **que** uma pessoa **que** deve desfrutar da vida*

*Estavam convencidos de **que** lá fora **que** se vivia melhor.*

As orações completivas de objecto indirecto, denominadas orações substantivas objectivas indirectas segundo a terminologia tradicional, são incluídas, pela sintaxe portuguesa, entre as orações relativas livres, já que contêm um pronome relativo.

Estas orações são seleccionadas por verbos transitivos indirectos e podem ser substituídas por um pronome clítico dativo *m*

e, te, lhe, nos, vos, lhes. Canonicamente, estas orações, tal como o seu sintagma nominal homólogo, encontram-se em posição pós-verbal.

F⁺		
SN		SV
D N	V	SN
		F⁻
<i>O livro</i>	<i>foi enviado</i>	<i><u>a quem o tinha pedido.</u></i>
(sujeito)	(predicado)	(objecto indirecto)

5.3.1.1.3. Orações completivas oblíquas

As orações completivas oblíquas são interpretadas, de acordo com a tradição luso-brasileira, como orações completivas indirectas, não sendo tomada em conta a diversificação das construções prepositivas. São introduzidas por uma presosição (salvo *a* e *para*), regida pelo verbo da oração principal e a conjunção **que**.

F⁺		
SN		SV
D N	V	SNp
		P conj F⁻
<i>O Pedro</i>	<i>concorda</i>	<i>com que a Maria o acompanhe.</i>
(sujeito)		(predicado objecto oblíquo)

Estas orações podem ser substituídas pelas forma tónicas de um pronome demonstrativo neutro (*isso, isto, aquilo*), a única compatível com as preposições. Nunca podem ser substituídas por um pronome clítico dativo ou acusativo, como ilustram os seguintes exemplos:

O João concordou com que a Maria o acompanhe.

O João concordou com isso.

**O João concordou-o.*

Entre as preposições que introduzem orações completivas oblíquas, pertencem, entre outras, as seguintes:

- preposição **a**: regida pelos verbos *acostumar-se*, *arriscar-se*, *aspirar*, *atender*, *conduzir*, *dever-se*, *habituar-se*, *inclinarse*, *levar*, *opor-se*, *resistir*, *tender*;
- preposição **com**: regida pelos verbos *concordar*, *conformar-se*, *contar*, *contentar-se*, *fazer*;
- preposição **de**: regida pelos verbos *aperceber-se*, *arrepender-se*, *discordar*, *duvidar*, *envergonhar-se*, *esquecer-se*, *gostar*, *lembrar-se*, *precisar*, *queixar-se*, *recordar-se*;
- preposição **em**: regida pelos verbos *acreditar*, *apoiar-se*, *assentar*, *basear-se*, *confiar*, *insistir*, *consistir*, *reusar*, *estar interessado*;
- preposição **por**: regida pelos verbos *ansiar*, *bater-se*, *esforçar-se*.

Em contextos muito exactos, as preposições podem ser, facultativamente, suprimidas. Muito frequentemente é omitida a preposição **de**, como ilustram os seguintes casos:

Portas discorda que a direcção do partido dê liberdade de voto aos militantes .

Passados 11 anos, convenceu-se que viverá muitos mais .

Mas o treinador do FC Porto concorda que a sua equipa «não fez nada para ganhar» .

Este fenómeno de supressão pode ser explicado pelo facto de que a preposição **de** tem um contributo semântico muito reduzido na oração, e, na maioria dos contextos é praticamente desprovida do significado. No caso de outras preposições, cujo valor semântico é significativo, estas não se suprimem, com a excepção de alguns casos muito limitados, como são os seguintes: *insistir*, *confiar*, *ansiar*. Este fenómeno é chamado **queísmo** e é facultativo:

O árbitro insistiu (em) que o jogo prosseguisse .

Confio (em) que a morte não aconteça.

Anseiam (por) que o novo treinador consiga transformar as derrotas da equipa em vitórias;

Por outro lado, na linguagem falada, observa-se com alguma frequência a ocorrência de uma preposição que antecede a oração completiva oblíqua. Uma vez que a preposição desnecessariamente presente é, geralmente, a preposição **de**, este fenómeno é denominado **dequeísmo**. Contudo, o dequeísmo pode afectar também outras preposições e a sua ocorrência pode ser explicada pelo seu uso no sintagma preposicional:

**Penso de que o árbitro favoreceu os nosso adversários.*

Penso na arbitragem do jogo de ontem.

**Acredito de que os eleitores confiarão em nós.*

Acredito numa nova vitória eleitoral.

Ao mesmo tempo existem restrições no que respeita às possibilidades combinatórias dos verbos regidos por uma preposição que seleccionam frases completivas interrogativas introduzidas por uma preposição. Nestes casos, a preposição do verbo é suprimida.

**Ele não se lembra de a que horas chega.*

Ele não se lembra (-) a que horas chega.

Caso estas orações não sejam introduzidas por uma preposição, a preposição pode ser facultativamente utilizada:

Não me lembro (de) onde pus os óculos.

Não me informaram (de) quantas pessoas vêm.

5.3.1.1.5. Orações completivas predicativa, apositiva, de agente da passiva

As orações completivas ainda podem desempenhar a função predicativa, apositiva e a de agente da passiva, como exemplificam as seguintes construções:

Quem mais reclama é quem menos sabe. (função predicativa)

Ele disse-me apenas isto: não me aborreça! (função apositiva)

Este trabalho foi escrito por quem entende esta matéria. (função de ag.da passiva)

A primeira e a terceira frase, contudo, são interpretadas como orações relativas livres com antecedente não expresso, uma vez que contêm o pronome relativo *quem*.

5.3.1.2. Modo nas orações completivas

A selecção do modo nas orações completivas prende-se, directamente, com a modalidade da oração principal. Como a relação entre a modalidade de **dicto** e o modo da **de ré** existente entre as unidades oracionais do mesmo período é directa, os romanistas checos atribuíram-lhe o nome de **períodos directamente modais**.

Existem quatro tipos de modalidade básicos:

1. o primeiro valor modal indicado designa-se como **modalidade epistémica**, o qual se prende com diferentes graus de certeza ou com a avaliação de probabilidade acerca do conteúdo proposicional da frase. Neste pode exprimir-se certeza, ou possibilidade, probabilidade, dúvida:

Creio que Deus existe.

É provável que Deus exista.

É possível que Deus exista.

O Pedro duvida que Deus exista.

2. o segundo valor modal depende-se da **capacidade ou necessidade interna**, psicológica ou física, do sujeito de realizar alguma acção e pode ser expresso pelos verbos seguintes: *saber, ser capaz, precisar, necessitar*:

Ela é capaz de estudar toda a matéria num único dia.

3. o terceiro valor modal é chamado **modalidade deôntica** e implica um acto de permissão ou autorização, e de imposição de uma obrigação:

Tens de me dizer a verdade.

A professora permitiu aos alunos que fizessem um intervalo.

4. o quarto valor modal é designado como **modalidade desiderativa**, e tem a ver com a expressão de volição ou do desejo, como mostram os seguintes exemplos:

Eu quero passar as férias no Algarve.

Espero que estejas bem.

A modalidade pode ser realizada por verbos auxiliares modais (*dever, poder, ter que, haver de, desejar, querer, esperar, etc*), por adjectivos modais na posição predicativa (*obrigatório, permitido, necessário, possível, provável, proibido, bom, desejável, etc.*), por advérbios

modais, como *possivelmente, talvez, eventualmente, dificilmente, certamente, obrigatoriamente, inevitavelmente, oxalá, desejavelmente, etc.*) e também, por *modos verbais (conjuntivo e indicativo)*.

Os modos do verbo português são o indicativo, o conjuntivo e o imperativo. O condicional (futuro do passado) e o futuro (futuro do presente) do indicativo também podem veicular certos valores modais epistémicos (de probabilidade, sobretudo). Em orações completivas finitas podem ocorrer os modos do indicativo e do conjuntivo. O seu uso é restringido, no período, às regras de compatibilidade modo-temporal.

5.3.1.2.1. Indicativo

O **modo de indicativo** tem um valor epistémico positivo, podendo ocorrer nas orações completivas seleccionadas pelos predicadores nominais, verbais e adjectivais que incluem:

- modalidade epistémica expressa pelos verbos “de actividade mental”, como *aceitar, achar, acreditar, calcular, compreender, considerar, certificar, crer, descobrir, entender, fingir, ignorar, imaginar, pensar, prever, reconhecer, saber e supor*.

Ex: *Ele sabe que a Ana mora em Lisboa.*

- expressões declarativas, por exemplo *acrescentar, admitir, afirmar, alegar, assegurar, assumir, concluir, concordar, confessar, criticar, declarar, decidir, dizer, insinuar, jurar, negar, observar, pedir, pregar, proclamar, prometer*, entre outros:

Ex: *Prometo que te vou visitar amanhã.*

O Paulo negou que foi visitar a mãe.

- expressões que introduzem um cenário imaginário: *fingir, imaginar, sonhar, supor*, entre outros:

Ex: *Ele sonhou que estava de férias.*

- expressões de crença: *crer, acreditar, ter a certeza, concluir, tirar a conclusão, confiar, convencer, verificar, ser verdade, ser certo, ser claro, ser evidente, ser lógico, ser óbvio*, entre outros:

Ex: *Tenho a certeza de que está em casa.*

5.3.1.2.1.1. Consecutio temporum – dependência temporal

Existem, em português, normas de *correlação*, de *correspondência modo-temporal* ou, (em latim, “**consecutio temporum**”). Normalmente, numa oração composta por subordinação completiva, estabelece-se uma relação modal directa ou paralela entre a modalidade da oração principal, cujo verbo se encontra, tipicamente, no modo indicativo, e o modo verbal do predicador da oração subordinada, que pode ocorrer no indicativo ou no conjuntivo, sempre respeitando as regras de dependência modo-temporal e de transposição temporal que ocorre no discurso relatado.

5.3.1.2.1.2. Discurso relatado

A localização ou ordenação temporal do **discurso relatado** ou **indirecto** caracteriza-se pela reprodução de enunciados já produzidos pelo locutor. Por meio de um discurso indirecto relata-se um discurso directo (uma pergunta, uma resposta, um diálogo, etc.).

O discurso indirecto consiste na transmissão diferida de palavras em regra anteriormente pronunciadas. O autor do discurso indirecto incorpora no seu próprio discurso frases suas ou de um outro locutor, construindo orações subordinadas e alterando a forma como foram inicialmente proferidas.

No plano formal, na escrita, o discurso directo é marcado por dois pontos, por travessão, por mudança de linha, pelo uso de exclamações, interrogações, interjeições, vocativos e imperativos, e pelo uso da 1.^a e da 2.^a pessoa do discurso. No discurso indirecto ocorre o relato do que foi dito, respeitando-se o conteúdo, mas alterando-se a forma. Essa reprodução é efectuada por uma modalização, a qual pode variar desde a reprodução mais neutra, através dos verbos: *dizer*, *telefonar*, *avisar*, *afirmar*:

A Ana disse que não conseguiu/tinha conseguido ir ao cinema com os amigos.

até uma interpretação avaliativa mais forte, expressa pelos verbos de modalidade deôntica, desiderativa ou de necessidade interna.

A Ana receava que não conseguisse ir ao cinema com os amigos.

O discurso indirecto implica também uma transposição ao nível da dêixis pessoal, temporal e espacial. Seguem-se alguns exemplos desta transposição:

- Os pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos na 1.^a e 2.^a pessoas gramaticais no discurso directo passam para a 3.^a pessoa no discurso indirecto. Ex:

Discurso directo: [Ela perguntou:] **Quer** comprar alguma coisa?

Discurso indirecto: Ela perguntou **se queria** comprar alguma coisa.

- Dependência temporal – consecutio temporum: Quando os verbos da oração subordinante do discurso indirecto são em qualquer tempo de pretérito (salvo o pretérito perfeito composto), as dependências temporais afectam gramaticalmente os predicadores da frase completiva do seguinte modo:

- Os verbos no *Presente* no discurso directo passam a *Pretérito Imperfeito* no discurso indirecto:

Discurso directo: A dona Ana **está** em casa? [perguntou o Roger].

Discurso indirecto: O Roger perguntou se a dona Ana **estava** em casa.

- Os verbos no *Pretérito Perfeito* no discurso directo passam a *Pretérito Mais-que-Perfeito* no discurso indirecto:

Discurso directo: A Teresa **foi** jogar ténis. [disse a Maria].

Discurso indirecto: A Maria disse que a Teresa **tinha ido (fora)** jogar ténis.

- Os verbos no *Futuro do presente* no discurso directo passam para o tempo *Futuro do Passado (Condicional)* no discurso indirecto:

Discurso directo: Onde é que vocês **irão** passar as férias? [perguntou ela].

Discurso indirecto: Ela perguntou onde **iríamos** passar as férias.

- Os demonstrativos *este, esta, isto, esse, essa, isso*, passam a *aquele, aquela*:

Discurso directo: Comprei **este** livro. [disse o Roger.]

Discurso indirecto: O Roger disse se que tinha comprado **aquele** livro.

- Os vocativos desaparecem ou passam a ter a função de complemento indirecto da oração subordinante:

Discurso directo: **Dona Ana**, onde pus os óculos? perguntou o Roger.

Discurso indirecto: O Roger perguntou **à dona Ana** onde tinha posto os óculos.

- Os advérbios de lugar *aqui, cá* no discurso directo passam a assumir no discurso indirecto as formas: *ali ali, além, acolá, lá*:

Discurso directo: *Mãe, deixo-te aqui o dinheiro. - disse o Roger.*

Discurso indirecto: *O Roger disse à mãe que lhe deixava ali o dinheiro.*

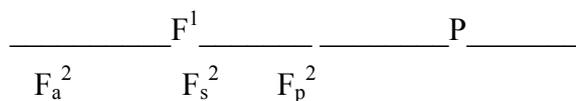
- advérbios de tempo *agora, já, imediatamente, hoje, ontem, na véspera, amanhã, logo* no discurso directo passam a *então, naquele momento, logo, naquele dia, no dia anterior, no dia seguinte, depois*:

Discurso directo: *Ontem fui ao teatro. [disse o Cleberson].*

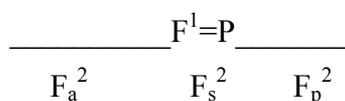
Discurso indirecto: *O Cleberson disse que no dia anterior tinha ido (fora) ao teatro.*

É de notar que estas transposições gramaticais se prendem com o facto de o conteúdo proposicional da frase subordinada ser reproduzido num momento anterior ao momento de enunciação. Não obstante, muitas vezes, estas transposições não são aplicadas absolutamente, havendo determinadas restrições semântico-temporais. Do ponto de vista da relação temporal da frase principal e subordinada com o momento presente, temos que distinguir quatro tipos discursivos:

- No primeiro tipo, o predicador da frase F^1 que selecciona a oração completiva F^2 (a qual ora exprime simultaneidade F_s , ora posterioridade F_p , ora anterioridade F_a , relativamente à frase subordinante F^1) está temporalmente localizado fora do momento de enunciação P (presente). Neste caso, realizam-se todas as transposições gramaticais acima referidas. São exemplos desta primeira situação todos os casos acima citados.



- Já na segunda situação, o predicador da F^1 que selecciona a oração completiva F^2 (F_a^2, F_s^2, F_p^2) está temporalmente localizado dentro do momento de enunciação P (presente), apesar de conter o verbo no tempo pretérito. Este, contudo, pode parcialmente fazer parte do momento presente (ou da sua parte imediatamente anterior). Neste caso, não se realiza nenhuma das transposições gramaticais acima referidas.

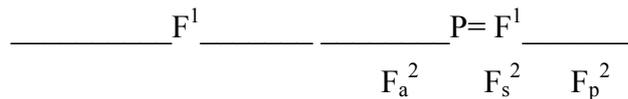


Ela disse (agora mesmo) que às dez horas vamos sair.

Ela perguntou (agora mesmo) se encontrámos a Maria.

Ele acabou de dizer (agora mesmo) que foi buscar o Pedrinho à escolinha.

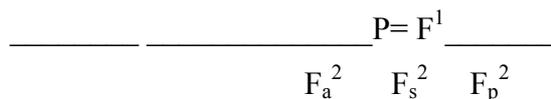
3. São exemplos do terceiro caso frases que contêm verdades universais (frases gnómicas) que não são afectadas pelas dependências temporais, não se tendo em conta o momento de reprodução nem a relação da proposição da oração principal com o momento presente:



Ele disse que Galileu descobriu que a Terra é redonda.

O Pedrinho disse que a Terra gira em torno o Sol.

4. No terceiro tipo, as proposições das frases F_a^2 , F_s^2 , F_p^2 sobrepõem-se ao momento presente apesar de terem sido reproduzidas num momento anterior ao momento presente.



Ela disse (há dois meses) que no próximo ano vai trabalhar para a Austrália.

Ela estava a dizer há um bocado que este ano tirá um curso de língua portuguesa.

A Guida acabou de dizer que este ano comprou um carro novo.

Outro tipo do discurso relatado é o **discurso indirecto livre**, em que a voz do narrador e a voz do/da personagem se confundem, sendo uma espécie de intersecção entre o discurso directo e o discurso indirecto. Trata-se de um enunciado livre de subordinação sintáctica, que não possui as conjunções integrantes típicas do discurso indirecto, o que permite aproximá-lo do discurso directo. Estas construções apresentam transposições ao nível da dêixis pessoal, temporal e espacial que são típicas do discurso indirecto, como mostra o seguinte exemplo:

Agora era tarde, pensou. Partia amanhã e não conseguira desfazer o equívoco. Quando voltasse, na próxima semana, teria uma parte a comunicar-lhe que prescindiam dos seus serviços.

Estas operações enunciativas são tratadas no quadro da análise do discurso, especificamente à luz do conceito de *polifonia*.

5.3.1.2.2. Conjuntivo e consecutio temporum

O modo conjuntivo, por outro lado, é seleccionado por predicadores verbais, nominais e adjectivais que incluem:

- expressões volitivas, factivas e causativas, como, por exemplo: *desejar, esperar, preferir, pretender, querer, recusar, tencionar e tentar*:

Ex: *Desejo/ prefiro/ quero/ que me leves de carro para o trabalho.*

- expressões com um sentido directivo ou declarativo de ordem: *exigir, mandar, pedir, sugerir, mandar um pedido, mandar uma sugestão*;

Ex: *Ele disse que entrasses logo.*

- expressões avaliativas que implicam uma atitude do falante perante um dado estado de coisas: *aborrecer, angustiar, animar, censurar, comover, criticar, culpabilizar, deplorar, desagradar, desculpar, desgostar, desinteressar, detestar, emocionar, entristecer, evitar, gostar, humilhar, impressionar, incomodar, lamentar, maçar, ofender, perdoar, perturbar, preocupar, reprovar, sagradar, seduzir, suportar, surpreender, achar bem, achar mal, ser insoportável, lamentável, triste*, entre outros:

Ex: *Lamento/é triste/acho mal/... que o João tenha decidido sair do país.*

- verbos de asserção mental quando têm algum negador – *não achar, não estar certo de, descobrir, não ter a certeza de*, não prometer, etc..

Ex.: *Não acho que o filho esteja preocupado com os trabalhos de casa.*

- expressões que exprimem dúvida:

Ex.: *Duvido que tenha razão.*

- expressões associadas ao domínio do incerto ou do hipotético: *ser provável, ser possível*.

Ex.: *É possível que tenha mentido.*

É provável que tenhamos que pagar uma multa.

Há predicadores associados à expressão de valores de crença que não têm um comportamento homogêneo, admitindo quer o indicativo quer o conjuntivo na oração completiva. É o caso dos verbos como *acreditar, imaginar, crer* que seleccionam, tipicamente, o indicativo na oração completiva, mas que podem remeter para o domínio de

hipótese, certeza não absoluta ou suspeita. Neste caso, são classificados como **verbos pseudoassertivos**. Assim, o indicativo indica um elevado grau de certeza, enquanto que o conjuntivo indica uma reduzida confiança na veracidade da proposição expressa, como ilustram os seguintes exemplos:

A polícia pensa que a testemunha mentiu. (elevado grau de certeza)

A polícia pensa que a testemunha mentisse/tenha mentido. (reduzido grau de certeza)

5.3.1.2.2. Consecutio temporum

Nas orações completivas com conjuntivo, há dois factores mais importantes que determinarão o tempo gramatical verbal do predicador da oração completiva:

- o tempo em que se encontra o predicador da oração principal F¹.
- a relação temporal que existe entre a oração principal e a subordinada. Esta pode ser de três tipos: simultaneidade, posterioridade e anterioridade.

Dividimos este tipo de períodos em dois tipos como mostra o seguinte quadro:

	oração F ¹		oração F ² finita
	subordinante modo: indicativo imperativo		subordinada modo: conjuntivo
1	presente do indicativo futuro do presente imperativo pretérito perfeito composto	1A	relação temporal entre F ¹ F ² : simultaneidade ou posterioridade conjuntivo do presente
		1B	relação temporal entre F ¹ F ² : anterioridade conjuntivo do pretérito conjuntivo do imperfeito
2	tempos pretéritos (salvo PPC) futuro do passado (condicional)	2A	relação temporal entre F ¹ F ² : simultaneidade ou posterioridade conjuntivo do imperfeito
		2B	relação temporal entre F ¹ F ² : anterioridade Conjuntivo do mais –que-perfeito

No primeiro tipo deste período (1A e 1B), podem ocorrer dois modos na oração principal indicativo (no presente ou futuro) e imperativo. O predicador da oração subordinada, de

oração F ¹		oração F² finita
subordinante		subordinada
	A	relação temporal entre F ¹ e F ² : simultaneidade ou posterioridade = infinitivo simples
	B	relação temporal entre F ¹ e F ² : anterioridade = infinitivo composto

De acordo com este quadro mencionamos os seguintes exemplos de redução:

Caso A: simultaneidade/posterioridade

O João garante que tem/vai ter dinheiro para pagar as dívidas.

O João garante ter dinheiro para pagar as dívidas.

Lamento que as crianças estejam cansadas.

Lamento (-) as crianças estarem cansadas.

Lamentava que as crianças estivessem cansadas

Lamentava (-) as crianças estarem cansadas.

Caso B: anterioridade:

O João garantiu/garante que tivera/tinha tido dinheiro para pagar as dívidas.

O João garantiu/garante (-) ter tido dinheiro para pagar as dívidas.

Lamentava que as crianças tivessem feito tanto barulho.

Lamentava as crianças (-) terem feito tanto barulho.

As orações reduzidas de infinitivo flexionado ou não flexionado, podem desempenhar várias funções na oração subordinante, de igual modo como as orações finitas. Quando o sujeito das orações subordinada e subordinante são correferentes, ou quando a oração subordinante tem um predicador impessoal, utiliza-se o **infinitivo não flexionado**. Quando os dois sujeitos remetem, cada um, para um referente diferente, utiliza-se o **infinitivo flexionado**.

Apresentam-se estas funções, de uma forma sucinta, a seguir, dando um exemplo com o infinitivo flexionado e um com o infinitivo não flexionado:

- sujeito: *Agrada-me ver-te feliz./ Aconteceu a Maria fazer anos naquele dia.*
- complemento directo: *Afirmou ter agido correctamente./Afirmou ele ter agido mal.*
- complemento oblíquo. *Convenceu-me a estudar./ Concordei em fazermos tudo juntos.*
- complemento nominal: *Tinha a ideia de convidar o João para o jantar./ Tinha a ideia de convidarmos o João para a festa.*
- complemento adjectival: *Ficaram orgulhosos de ganhar o prémio./ Fiquei orgulhosa de o meu filho ganhar o prémio.*
- predicativo do sujeito²⁵: *As crianças saíram a chorar. O nosso desejo é tu estudares mais.*
- predicativo do complemento directo²⁶: *Vi o professor a beber cerveja. Encontrei-os a fumar.*

As construções infinitivas podem ser, também, nominalizadas, como se vê no seguinte exemplo:

O ele ter tantos deveres, preocupa-me imenso.

O Carlos nunca me perdoou eu ter mentido.

5.3.1.2.4. Tempo dependente e tempo independente

Embora o uso do infinitivo flexionado, em muitos casos, seja facultativo, não pode ocorrer livremente em todas as construções. Um dos factores decisivos é, também, o estatuto temporal da frase subordinada. Há orações completivas temporalmente dependentes e completivas temporalmente independentes do tempo da frase subordinante.

No primeiro dos casos, as duas orações (principal e subordinada) formam um domínio semanticamente temporalizado. A oração subordinada tem um **tempo dependente** da subordinante, facto pelo que o uso do infinitivo se limita ao uso do infinitivo não flexionado:

O João quis ir com a Maria ao cinema.

Já no segundo caso, o uso do infinitivo flexionado não apresenta nenhuma restrição deste género, uma vez que não constitui um domínio semanticamente temporalizado, tendo **tempo independente**. Assim são possíveis construções como:

O João afirma a Maria ter ido com ele ao cinema.

²⁵ Este infinitivo é denominado também como infinitivo gerundivo e aproxima-se das orações relativas. Daí, este tipo de subordinação também ser chamado **oração pseudo-relativa**.

Outro factor que interfere na selecção do infinitivo da completiva, é o factor estilístico. De facto, mesmo no caso de a oração subordinada ter um tempo independente, nem sempre os locutores optam pela oração não finita. Pelos vistos, há diferenças estilísticas que se prendem com o uso facultativo e intuitivo de cada falante nativo português. Prévios estudos que fizemos sinalizam um comportamento heterogéneo no que respeita às preferências individuais. Alguns falantes consideram o uso do infinitivo flexionado mais frequente mas menos correcto na linguagem.

5.3.1.2.5. Ordem de palavras nas completivas não finitas

Nas orações completivas com infinitivo flexionado, nem sempre é possível manter a ordem canónica do *sujeito – predicado – complemento*. Um dos factores decisivos que interferem na organização frásica é a função sintáctica das completivas. O sujeito das orações completivas pode ocorrer em posição pré-verbal quando desempenha as seguintes funções sintácticas ;

- de sujeito: *Surpreendeu-me os miúdos terem feito todos os trabalhos de casa.*
- de objecto directo (sendo seleccionadas por verbos factivos avaliativos): *O professor criticou os alunos não terem feito todos os trabalhos de casa.*
- de complemento oblíquo: *Estou feliz por os meus filhos terem passado nos exames.*

Pelo contrário, o sujeito das completivas ocorre em posição pós-verbal, quando as completivas são seleccionadas por verbos epistémicos e declarativos. Nestes casos, a ordem canónica não é admitida e o sujeito ocorre imediatamente a seguir ao verbo:

O secretário-geral afirma ser esta última hipótese «a solução mais limpa.

O júri anunciou não preencherem três candidatos as condições legalmente fixadas.

5.3.2. Orações relativas

As orações adjectivas, denominadas de acordo com a terminologia actual como **relativas**, são orações subordinadas tradicionalmente introduzidas pelos seguintes constituintes relativos: *que, o que, quem, o qual, cujo, quanto*. Na oração subordinante substituem um modificador de uma expressão nominal antecedente, como mostra o seguinte esquema que têm o antecedente explícito:

F+	
SN	SV
D N + pr.relativo F-	V + Pr
<i>A notícia</i> ← <i>que me disseste</i>	<i>agradou-me.</i>
sujeito + oração relativa +	predicado

As orações relativas com **antecedente nominal explícito** são de dois tipos: **restritivas (determinativas)** e **explicativas (apositivas ou não restritivas)**.

Orações **relativas restritivas** ou **determinativas** contribuem para a construção do valor referencial da expressão nominal, restringindo o domínio dos possíveis referentes só àquele que condiz com as propriedades descritas na frase relativa, como mostra o seguinte exemplo:

Aos alunos que assistiram à palestra de Fátima Oliveira em Praga, serão pagos os custos de viagem.

Neste exemplo a informação implicitamente veiculada é que de todos os alunos só aqueles que foram a Praga para assistir à palestra de Fátima Oliveira, receberão o dinheiro para a viagem.

Não se podem confundir as orações relativas com as orações completivas. As orações subordinadas relativas restringem o domínio de referência da expressão nominal antecedente, enquanto que as orações completivas integram o sentido do predicador da oração subordinante, sendo imprescindíveis para a boa formação semântica da frase.

A ideia que me descreveste é interessante (oração relativa).

A ideia de organizares o festival Dias da Cultura Portuguesa, agradou-me.
(oração completiva)

As orações apositivas ou **explicativas** que exprimem um comentário do locutor relativo ao seu antecedente, têm um carácter parentético, dado na oralidade por pausas e na escrita por vírgulas. Pelo seu carácter, aproximam-se das orações coordenadas interferentes/hospedeiras, mas diferem delas pela presença do constituinte relativo (*que, o qual, quem*).

Lisboa, que é a capital de Portugal, é uma cidade onde a “África” começa.

Dentro deste tipo de orações encontram-se as que são introduzidas pela locução pronominal relativa *o que*. Estas frases são relativamente independentes e podem ser separadas no texto.

A peça teatral de ontem começou tarde, o que desagradou ao público.

A peça teatral de ontem começou tarde. Isso desagradou ao público.

Um tipo especial das orações relativas livres são as orações relativas introduzidas pelos pronomes relativos *quem* e *o que* e pelas pró-formas relativas, *onde, como e quando*, de natureza adverbial, que veiculam valores semânticos particulares de *lugar, modo e tempo* e são utilizadas como paráfrase de *a pessoa que, coisa que, lugar em que, o tempo que, a maneira que*. O antecedente destas pró-formas relativas está, portanto, implícito, mas foneticamente não representado.

Eu elogio alguém que ajuda os pobres na miséria

Eu elogio quem ajuda os pobres na miséria.

Fui aonde eles foram.

Fui ao lugar (sítio) a que eles foram.

Aprendi a fazer o flan de chocolate como a minha avó fazia.

Aprendi a fazer o flan da mesma maneira (do mesmo modo) que a minha avó o fazia.

Quando estive em Paris, foi o período mais feliz da minha vida.

O tempo (o período) durante o qual estive em Paris, foi o mais feliz da minha vida.

Em todas as frases acima indicadas, existe um antecedente implícito. Uma vez que não é foneticamente representado, a interpretação sintáctica destas frases não é, contudo, homogénea. Na tradição luso-brasileira, estas frases são interpretadas ou como substantivas

(no caso de serem introduzidas por *quem* e *que*), como vimos no capítulo anterior (orações completivas subjectiva e objectivas).

As orações relativas podem fazer parte das **estruturas clivadas** introduzidas por um pronome relativo, como mostram os seguintes exemplos:

Foi o queijo que o corvo comeu.

Foi um acidente que eles viram ontem.

O que é que ele respondeu?

A quem é que deste o livro?

Onde é que o corvo comeu o queijo.

5.3.2.1. O modo e os tempos nas orações relativas

Quanto ao uso do modo nas frases subordinadas relativas, nem sempre a modalidade *de dictum* é relacionada directamente com a modalidade *de ré*. Por isso, estes períodos são denominados, pelos romanistas praguenses, como períodos indirectamente modais. Existe, contudo, uma relação directa entre o referente do antecedente explícito e a modalidade *de ré*. Assim, as orações relativas ocorrem com o modo indicativo (quando o referente é real/factual) ou com o conjuntivo (quando o referente é hipotético).

O uso dos tempos verbais nas orações relativas é submetido às mesmas regras de *consecutio temporum (dependência verbal)* como nas completivas com a única diferença que consiste, como veremos, na ocorrência do futuro do conjuntivo.

Caso o referente seja concreto e real, é utilizado o modo indicativo. Assim, na seguinte frase, o referente de *pessoas* é concreto, factual, pelo que também o verbo exprime uma proposição factual. Nestes períodos são respeitadas as regras de compatibilidade temporal seguintes:

Quando os verbos da oração subordinante do discurso indirecto são em qualquer tempo de pretérito (salvo o pretérito perfeito composto), as dependências temporais afectam gramaticalmente os predicadores da frase completiva do seguinte modo:

a) Os verbos no *presente* passam a *pretérito imperfeito*:

Ex. *Havia pessoas que **comiam** caracóis.*

b) Os verbos no *pretérito perfeito* passam a *pretérito mais-que-perfeito*:

Ex. *Havia pessoas que **viram/tinham visto** o acidente.*

c) Os verbos no *futuro do presente futuro do pretérito (condicional)*.

Ex. *Haveria* pessoas que *iriam* ao museu.

Caso a oração relativa desenvolver um sintagma nominal cujo referente seja hipotético, ocorre nela o modo conjuntivo. Contrariamente às completivas, é possível utilizar o futuro do conjuntivo para exprimir a existência de um possível referente no futuro.

5.3.2.2. Consecutio temporum

Nas orações completivas com conjuntivo, há dois factores mais importantes que determinarão o tempo gramatical verbal do predicador da oração completiva:

- o tempo em que se encontra o predicador da oração principal F¹.
- a relação temporal que existe entre a oração principal e a subordinada. Esta pode ser de três tipos: simultaneidade, posterioridade e anterioridade.

Dividimos este tipo de períodos em dois tipos como mostra o seguinte quadro:

	oração subordinante F ¹ modo: indicativo/ imperativo		oração subordinada F ² finita modo: conjuntivo
1	presente do indicativo futuro do presente imperativo pretérito perfeito composto	1A	relação temporal entre F ¹ F ² : <i>posterioridade</i> conjuntivo do futuro
		1B	relação temporal entre F ¹ F ² : <i>simultaneidade</i> conjuntivo do presente
		1C	relação temporal entre F ¹ F ² : <i>anterioridade</i> conjuntivo do pretérito conjuntivo do imperfeito
2	tempos pretéritos (salvo PPC) futuro do passado (condicional)	2A	relação temporal entre F ¹ F ² : <i>simultaneidade ou posterioridade</i> conjuntivo do imperfeito
		2B	relação temporal entre F ¹ F ² : <i>anterioridade</i> conjuntivo do mais-que-perfeito

O modo conjuntivo ocorre sempre que o antecedente da oração relativa seja:

- indefinido ou indeterminado (não se sabe se a entidade referida existe ou não é possível identificá-la):

1A Compra o perfume que **quiseres**.

1B Precisamos de uma secretária que **fale** húngaro.

1C Há aqui alguém que **tenha visto/visse a Ana?**

2A Estava lá alguém que te **pudesse** ajudar?

2B Estava ali alguém que **tivesse visto** o acidente?

- negativo (para se referir a uma entidade que não existe):

1A Não vou fazer nada mais do que for preciso.

1B Não conheço ninguém que **fale** húngaro.

1C Não está aqui ninguém que **tenha lido /lesse o livro?**

2A Não estava lá ninguém que te **pudesse** ajudar?

2B Não estava ali alguém que **tivesse visto** o acidente.

- implícito (relativas livres): *há quem, não falta quem, encontra-se quem.*

1A Seja bemvindo quem **vier** por bem.

1B Não falta quem me **ajude**

1C Havia quem **tenha ido /fosse à África.**

2A Não faltava quem me **ajudasse?**

2B Havia quem **tivesse comido** percebes..

5.3.2.3. Orações relativas reduzidas/pseudo-relativas

As orações relativas podem ser não finitas, reduzidas por infinitivo, por gerúndio ou por participípio. As orações relativas com o infinitivo são interpretadas, por alguns linguistas, como orações pseudo-relativas, ou até como orações completivas com infinitivo gerundivo. São exemplos das orações relativas reduzidas os seguintes casos:

Vi crianças a jogar futebol. (relativa infinitiva)

Vi crianças que jogavam futebol.

Ouvi um grupo de mulheres cantando. (relativa gerundiva)

Ouvi um grupo de mulheres que cantavam.

Pus as rosas brancas, trazidas pelo João dos montes, na jarra. (relativa participial)

Pus as rosas brancas, que o João trouxe dos montes, na jarra.

5.3.3. Orações adverbiais

A subordinação adverbial consiste na relação hipotáctica entre o predicador da oração subordinante e uma expressão adverbial na oração subordinante seja ela um sintagma adverbial seja uma oração subordinada, como podemos observar no seguinte diagrama:

F+		
SN	SV	
D N	V	Sadv/F ⁻
		Adv
<i>Eles</i>	<i>chegaram</i>	<i>à uma hora/ quando estávamos a almoçar</i>
<i>sujeito</i>	<i>predicado</i>	<i>adjunto adverbial</i>

O leque de valores semânticos circunstanciais que as **orações adverbiais** (ou **circunstanciais**) exprimem, é muito vasto.

A tradição gramatical distingue, normalmente, sete tipos de orações adverbiais: temporais, causais, finais, condicionais, concessivas, conformativas e proporcionais que podem ter tanto a forma finita como a não finita. A diversidade semântica destas orações, contudo, é muito maior. Na seguinte lista das orações adverbiais apresentamos as diferentes classes semânticas, que foram actualizadas pela Gramática do Português (2013).

tipo de oração adverbial de acordo com a classe semântica	exemplo
orações comparativas	<i>Ele falou tão baixinho que ninguém ouviu nada.</i>
orações temporais	<i>Come do bolo antes que se acabe.</i>
orações causais e explicativas	<i>O filho está feliz porque recebeu do pai um carrinho.</i>
orações finais e resultativas	<i>Abrimos a janela para arejar a sala.</i>
orações concessivas	<i>Embora estivesse doente, ajudou-me no trabalho.</i>
orações condicionais	<i>Caso te atrases, avisa-me.</i>
orações de circunstância negativa	<i>Sai sem que me despedisse.</i>
orações de modo (relativa livre)	<i>Preparei tudo como me pediste.</i>
orações de lugar (relativa livre)	<i>Fui (a)onde eles foram.</i>
orações conformativas	<i>Segundo a polícia avisou, o assaltante foi detido.</i>

orações de comentário	<i>Como é sabido, o português é uma língua mundial.</i>
orações contrastivas	<i>Enquanto o Martinho é louro, o Tomás é moreno.</i>
orações contrapositivas	<i>Ele foi a pé quando podia ter apanhado um táxi.</i>
orações substitutivas	<i>Em vez de ele ir para escola, foi ao ZOO.</i>
orações acrescentativas	<i>Para além de saber falar português, esta senhora sabe falar chinês.</i>

As orações subordinadas adverbiais não são semanticamente seleccionadas pelo predicador da oração subordinante. Funcionam como termos acessórios do predicado da oração principal e podem ser facilmente omitidas.

As orações subordinadas adverbiais têm muita liberdade de mobilidade dentro do período. Algumas orações adverbiais podem ocorrer, também, entre o sujeito e o predicado da oração subordinante. Neste caso, são separadas do resto do período por vírgulas, como mostram os seguintes casos:

A Fátima, quando chegou a casa, foi dar comida ao cão.

O Tiago, apesar de estar a chover, saiu.

Os alunos, se estudarem mais, terão melhores notas.

A avó, para conseguir dormir, tomou um comprimido.

Quanto ao uso do modo, nem sempre o modo verbal da oração subordinada se prende directamente com a modalidade da oração principal. Por isso, estes períodos são denominados, pelos romanistas praguenses, como **períodos indirectamente modais**. Em cada tipo de oração subordinada apresentam-se compatibilidades modais e temporais diferentes.

5.3.3.1. Orações comparativas, consecutivas e proporcionais

Embora, de acordo com as concepções modernas, estas frases sejam tratadas separadamente das três subordinações, no nosso livro seguiremos a classificação tradicional e inclui-las-emos na subordinação adverbial.

Estas orações equivalem, tradicionalmente, a um adjunto adverbial de comparação e servem para exprimir o grau que pode ser medido por uma escala de natureza muito diversa, a qual pode ter uma dimensão física, de comprimento, psicológica, de beleza, de interesse, de importância, de velocidade, de habilidades, etc. As orações comparativas indicam que um grau é superior, inferior ou igual ao outro, sendo designadas, respetivamente, por **orações**

comparativas de superioridade, de inferioridade ou de igualdade. O tipo do grau é indicado pelos operadores comparativos, aos quais pertencem os seguintes: *mais do que, menos do que, tão...como, tanto+N...como, tanto quanto*:

<i>Ele gastou <u>tanto</u> dinheiro <u>quanto</u> ganhara.</i>	(igualdade)
<i>Ele gastou <u>menos</u> dinheiro <u>do que</u> a mãe lhe dera.</i>	(inferioridade)
<i>Ele gastou <u>mais</u> dinheiro <u>do que</u> ganhara.</i>	(superioridade)

Às orações comparativas pertencem também outras construções comparativas, mas que não manifestam as mesmas propriedades, uma vez que não incluem a comparação de graus. É o caso das chamadas **construções pseudocomparativas** que se aproximam às orações relativas livres e que são denominadas tradicionalmente, como comparativas assimilativas – sendo que exprimem uma semelhança. Estas orações são as únicas deste grupo que têm o verbo no modo do imperfeito do conjuntivo:

O Paulo fala francês como se fosse um falante nativo.
Tratam-me como se fosse um filho deles.
Fala como se entendesse o assunto.

Do ponto de vista semântico, estas construções implicam, muitas vezes, uma consequência da quantidade da proposição da oração subordinante, equivalendo, portanto, a um adjunto adverbial de consequência. Estas orações são denominadas **comparativas consecutivas**. Observe-se o seguinte exemplo:

Ele gastou tanto dinheiro que ficou sem cheta.

A este tipo de construções pertencem, também, as orações designadas, tradicionalmente, **comparativas proporcionais correlatas**, ou, de acordo com a terminologia actual, **comparativas correlativas**. Estas estruturas envolvem igualmente uma quantificação, quer na oração subordinada, quer na oração principal. Ocorre nelas tipicamente o modo indicativo que reflecte o carácter factual das proposições. O único caso onde aparece o conjuntivo constituem as frases pseudocomparativas.

Estas orações não podem ser deslocadas no período, sendo a seguinte construção a única que é gramaticalmente correcta:

Quanto mais falo com ele, mais triste fico.

Quanto menos os vejo, mais vergonha tenho de lhes telefonar.

Quanto mais falo, menos vontade tenho de escrever.

Quanto menos trabalho, menos dinheiro recebo.

5.3.3.2. Orações temporais

As orações temporais equivalem a um adjunto adverbial de tempo, exprimindo diferentes relações temporais relativamente à oração subordinante: o de anterioridade, posterioridade, sobreposição, incoativa, repetição, simultaneidade, término, progresso gradual, etc. Podem ser finitas ou não finitas, sendo possível a redução por meio de infinitivo, gerúndio e de participípio.

A **relação de anterioridade** é expressa pelo complementador *antes de + infinitivo flexionado* ou *não flexionado*, ou *antes que + conjuntivo*.

Nas construções com o infinitivo, é obrigatoriamente utilizado o infinitivo flexionado caso os sujeitos não sejam correferentes. No caso oposto, é possível utilizar o infinitivo não flexionado, embora com menor frequência.

Na construção *antes que + conjuntivo*, está implícito tanto o valor contrafactual como factual. É gramaticalmente incorrecto utilizar o indicativo para exprimir o valor factual, que o evento da oração subordinada se realizou. Quanto à dependência temporal, são seguidas as seguintes compatibilidades:

frase principal	<i>antes que +F</i>
<i>Come/comerá o bolo</i>	<i>antes que se acabe</i>
presente/futuro	conjuntivo do presente
<i>Comeu o bolo</i>	<i>antes que se acabasse.</i>
pretérito	conjuntivo do imperfeito

Pedro, come do bolo antes que se acabe.

O Pedro queria comer o bolo antes que se acabasse.

O Pedro queria ter comido o bolo antes que ele tivesse acabado.

A relação de anterioridade também pode ser expressa por *quando+indicativo*. Às vezes, a interpretação temporal de anterioridade destas orações depreendem-se da lógica e do nosso conhecimento do mundo.

Quando construíram a nova ponte, contrataram arquitectos de grande formato.

No caso das adverbiais introduzidas por *quando* e de carácter hipotético, ocorre o modo conjuntivo. Estas frases encontram-se, tipicamente, em posição inicial, mas admitem também, facilmente, a posição final.

<i>quando</i> +F	frase principal
<i>Quando o Rui melhorar</i>	<i>a Maria vai visitá-lo.</i>
conjuntivo do futuro	presente/futuro

frase principal	<i>quando</i> + F
<i>A Maria queria visitar o Rui.</i>	<i>quando ele melhorasse.</i>
pretérito /imperfeito do indicativo	conjuntivo do imperfeito

A relação de posterioridade é expressa pelo complementador *depois de + infinitivo flexionado* ou *não flexionado*, ou *depois que + indicativo*, sendo, geralmente, preferida a construção com o infinitivo. Tal como no caso anterior, nas construções com o infinitivo, é obrigatório utilizar o infinitivo flexionado caso os sujeitos não sejam co-referentes. No caso oposto, é possível utilizar o infinitivo não flexionado, embora não seja preferível.

As orações introduzidas por *logo*, *assim que* e *mal* exprimem uma relação de posterioridade imediata e normalmente têm um carácter pontual, excluindo a possibilidade de combinar estas locuções com verbos que exprimem processos ou estados. Nestas orações subordinadas, o modo verbal seleccionado corresponde à dicotomia do real *versus* hipotético, sendo as proposições reais relacionadas com o passado e presente expressas pelo indicativo, como mostram os seguintes casos:

Assim que cheguei a casa, telefonei-lhe. + real

Logo que a situação o permitiu, saímos do país. + real

As proposições hipotéticas que podiam, hipoteticamente, ter ocorrido no passado ou podem ocorrer, hipoteticamente, no presente ou no futuro, são expressas pelo conjuntivo, de acordo com o seguinte quadro de restrição de compatibilidade temporal:

<i>assim que</i> +F	frase principal
<i>Assim que chegar a casa</i>	<i>telefone-te/telefonar-te-ei/vou telefonar-te</i>
conjuntivo do futuro	presente/futuro

frase principal	<i>assim que</i> +F
<i>Queria telefonar-lhe</i>	<i>assim que chegasse para casa</i>
imperfeito do indicativo	conjuntivo do imperfeito

A relação de sobreposição encontra-se expressa, nas orações subordinadas introduzidas pela construção *ao+infinitivo*, implicando tanto a sobreposição temporal (total ou parcial) como contiguidade temporal entre as proposições das duas orações. Nalguns casos, estas orações exprimem também a sequência de eventos pontuais imediatamente seguidos.

Devido ao seu carácter pontual e de sequência imediata, estas orações não ocorrem com o infinitivo composto nem com predicados estativos, contrariamente ao que ocorre nas orações temporais introduzidas por *quando*.

**Ao estar em Portugal, visitei os meus amigos no Porto.*

Quando estava/estive em Portugal, visitei os meus amigos no Porto.

No que ao uso do infinitivo composto nestas construções diz respeito, há casos menos comuns destas ocorrências, adquirindo a oração um sentido causal, o que nem sempre é possível, como mostram as seguintes frases:

Ao chegar a casa, fui regar as plantas. (sequência temporal)

**Ao ter chegado a casa, fui regar as plantas (não há relação causal)*

Ao ter aberto a caixa, Pandora libertou os males do mundo. (+relação causal)

Ao ser tão arrogante, o Zé afasta todos os amigos. (+relação causal)

Ao não responder à questão, o ministro tornou clara a sua posição. (+relação causal)

Quanto à estrutura argumental do predicador das orações com *ao+ infinitivo*, normalmente, o sujeito não se encontra expresso, porque, como se vê nos casos acima indicados, tipicamente, os sujeitos das duas orações (subordinada e principal), são co-referentes. No entanto, quando os dois sujeitos não o são, ou pode ser utilizado o infinitivo flexionado ou o sujeito se encontra em posição pós-verbal, como ilustram os seguintes casos:

Ao entrares no edifício, viras à esquerda.

Ao chegar o comboio, a filha correu logo ao encontro da mãe.

A relação de sobreposição ocorre também no caso das orações temporais introduzidas por *quando*, cuja interpretação temporal se depreende da lógica e do nosso conhecimento do mundo.

Quando construíram a nova ponte, usaram materiais de má qualidade.

A sobreposição também pode ser expressa nas orações subordinadas introduzidas por *enquanto*, as quais podem localizar a proposição da oração principal de dois modos diferentes: ou dentro do tempo em que ocorreu a proposição da oração subordinada ou numa relação concomitante, como mostram os seguintes casos:

Enquanto o Pedro estava a ler o jornal, a Ana chegou.

Enquanto eu estava a ler, a Maria estava a tocar piano.

A relação incoativa ocorre entre duas orações unidas por *desde que+indicativo*, locução essa que localiza temporalmente a situação da oração principal no momento inicial, expresso pela oração subordinada. Neste tipo de período, existem certas restrições semânticas, no que à interpretação aspectual diz respeito. A oração subordinada só pode marcar o início de uma oração principal, cuja natureza aspectual seja durativa.

Quando a oração subordinada marca o momento inicial de uma subordinante cuja proposição implica iteratividade de uma acção que atinge o momento presente, é muito frequente o uso do presente ou do pretérito composto do indicativo, como mostram os seguintes casos:

Desde que o bebé nasceu, não temos dormido nada.

O bebé chora desde que a mãe saiu.

Quando estas orações temporais se encontram em posição inicial, as orações principais podem ser também introduzidas pela partícula *que*, como se ilustra no seguinte caso:

Desde que começou o verão que o rio está assim.

Desde que me levantei que me sinto adoentado.

A relação cessativa regista-se em períodos, em que a oração subordinada temporal, introduzida por *até+infinitivo* ou *até+que+conjuntivo*, localiza temporalmente a situação da oração principal num momento final de tempo. Tal como no caso anterior, o carácter aspectual da oração subordinada é pontual, enquanto que a natureza aspectual da oração principal é, logicamente, durativa ou iterativa (como é o caso de *espirrar*, por exemplo):

Os meu filhos estudaram até eu chegar.

O João espirrou até sair de sala.

Morreram muitas pessoas até mudarem a sinalização desta estrada.

Como foi mencionado, a conjunção *até que* é obrigatoriamente utilizada com o conjuntivo, de acordo com as seguintes regras de dependência temporal:

frase principal	<i>até que</i> +F
<i>Continuem no trabalho</i>	<i>até que vos dêem novas instruções.</i>
indicativo (presente ou futuro)/imperativo	presente do conjuntivo

frase principal	<i>até que</i> +F
<i>Continuaram no trabalho</i>	<i>até que lhe dessem novas instruções.</i>
pretérito do indicativo	conjuntivo de imperfeito

Tal como no caso anterior, nas construções com o infinitivo, é obrigatório utilizar o infinitivo flexionado caso os sujeitos não sejam cor-referentes. No caso oposto, é possível utilizar o infinitivo não flexionado, embora seja preferido o infinitivo flexionado.

Trabalhou até ficar cansado. (sujeitos co-referentes)

Trabalou até eles darem novas instruções. (sujeitos não co-referentes)

Quando nas duas orações existe o negador *não*, a oração subordinada pode ser introduzida por *enquanto não*+conjuntivo, de acordo com o seguinte quadro:

frase principal	<i>enquanto que</i> +F
<i>Não vou pagar o bilhete</i>	<i>enquanto não souber o preço.</i>
indicativo (presente ou futuro)/imperativo	presente do conjuntivo

frase principal	<i>enquanto que</i> +F
<i>Não queria pagar o bilhete</i>	<i>enquanto que não soubesse o preço.</i>
imperfeito do indicativo	conjuntivo de imperfeito

A **relação iterativa** encontra-se nas orações onde ocorre a chamada **quantificação temporal sobre situações** que implica a natureza plural das situações. Estas orações são introduzidas por *quando*+indicativo, *sempre que*, *todas as vezes que*, *cada vez que*+indicativo e, ocorrem, muitas vezes, quando há uma correlação entre duas situações que acontecem com a mesma periodicidade, ou em construções genéricas.

Quando uma criança não quer comer, é mau sinal.

Sempre que vou a Portugal, visito a minha amiga Cristina.

O Pedro canta a Canção do Mar (de) cada vez que lhe pedem.

A propriedade iterativa no caso anterior foi factual. No entanto, quando a natureza repetitiva for hipotética, ocorre o conjuntivo:

<i>Sempre que</i> +F	frase principal
<i>Sempre que quiseres,</i>	<i>telefona-me.</i>
conjuntivo do futuro	indicativo (presente/futuro) ou imperativo

<i>Sempre que</i> +F	frase principal
<i>Sempre que quisesse,</i>	<i>podia telefonar-me.</i>
conjuntivo do imperfeito	imperfeito (pretérito) de indicativo

A **função narrativa** é expressa por orações subordinadas introduzidas *por até que, quando*, relatando uma situação episódica que interrompe uma outra situação de carácter prolongado. Contrariamente aos períodos com a relação de sobreposição ou de anterioridade, o uso do modo indicativo também é possível. Estas construções são predominantemente narrativas e correspondem a uma situação pontual que interrompe uma outra situação de carácter prolongado. Neste caso, a oração pode ser precedida de ponto final ou ponto e vírgula, tal como ilustram os seguintes casos:

Ele estava a ler, quando subitamente rebentou uma trovoada.

Pedi silêncio, outra vez, sem sucesso. Até que, já desesperado, deu um berro na mesa.

A **relação proporcional temporal** é estabelecida entre duas orações, quando a subordinada é introduzida por *à medida que + conjuntivo/indicativo*. O evento da oração principal exprime a passagem gradual ou proporcional do tempo, ou concomitância temporal. Ao mesmo tempo, exprimem um aumento ou redução de alguma proposição, que ocorre paralelamente no mesmo sentido ou no sentido contrário ao aumento ou diminuição da proposição da subordinante. Não é possível, contudo, estabelecer a correlação proporcional entre as medidas não temporais.

**À medida que o João é grande, o Rui é pequeno.*

À medida que ele aprendia português, ela esquecia tudo quanto tinha aprendido.

Quanto ao modo verbal, a sua selecção reflecte a dicotomia existente entre a situação real (expressa pelo indicativo) e hipotética (expressa pelo conjuntivo), como mostram as seguintes frases:

À medida que nos aproximarmos da moeda única, vai dizer-se muita coisa

À medida que aumentam as queixas das empresas ocidentais sobre o mercado asiático, os responsáveis governamentais tentam obter soluções para a crise .

No caso do uso do modo conjuntivo, tem que ser respeitada a compatibilidade modotemporal, descrita no seguinte quadro.

<i>À medida que</i> +F	frase principal
<i>À medida que nos aproximarmos da moeda única</i>	<i>vai dizer-se muita coisa</i>
futuro do conjuntivo	indicativo (presente/futuro) ou imperativo

<i>À medida que</i> +F	frase principal
<i>À medida que nos fomos aproximando da moeda única</i>	<i>foi dita muita coisa.</i>
pretérito do indicativo	imperfeito (pretérito) de indicativo

5.3.3.3. Orações finais e resultativas

As orações finais equivalem a um adjunto adverbial de fim, exprimindo uma finalidade ou um resultado da proposição da oração principal. Estas orações são subdivididas em: orações adverbiais finais de evento, de enunciação e resultativas.

As orações finais de evento são introduzidas por conectores como *para+ infinitivo ou para que+conjuntivo, a fim de + infinitivo, a fim de que + conjuntivo, com o fim de+infinitivo, de forma a que+ conjuntivo, de modo a que+ conjuntivo, de maneira que+ conjuntivo* e designam a finalidade de uma determinada situação o que, pressupõe, um argumento dotado de intencionalidade, com a função semântica de agente:

O Pedro fechou a janela da sala para todos poderem ouvir o professor.

O Pedro fechou a janela da sala para que todos pudessem ouvir o professor.

O uso do conjuntivo corresponde, outra vez ao seguinte quadro de compatibilidade modotemporal:

frase principal	<i>para que</i> +F
<i>Vou telefonar-lhe</i>	<i>para faça o jantar.</i>
indicativo (presente ou futuro)/imperativo	presente do conjuntivo

frase principal	<i>para que</i> +F
<i>Fui telefonar-lhe</i>	<i>para que fizesse o jantar.</i>
pretérito do indicativo	imperfeito do conjuntivo

Os conectores *de forma a que*, *de maneira a que*, *de modo a que* à vezes ocorrem sem *a*, embora com menor frequência. Por isso podem ser confundidas com as orações resultativas. Nas orações reduzidas de infinitivo, contudo, esta preposição é sempre conservada:

Falou alto de modo (-) que todos ouvissem bem.

Preparei toda a bagagem de modo a podermos sair já . (oração resultativa)

As orações finais de enunciação explicam a finalidade de um acto de fala, sendo orientadas para o falante ou para o ouvinte. Comportam-se, sintacticamente, como orações periféricas e não como integradas e só admitem a segunda ou terceira pessoa do verbo finito, ou a primeira pessoa do singular do verbo infinitivo.

Para ser sincero, não gostei do filme.

Para que saibas, o Tiago está internado.

As orações resultativas ou as orações **consequenciais** exprimem um resultado, uma consequência (não quantificada) da proposição da oração principal. São introduzidas pela locução *de forma que*+ *indicativo* ou *porque*+ *indicativo* ou *por*+*infinitivo*. No caso dos conectores *de forma que*, *de maneira que*, *de modo que*, como foi acima referido, a preposição *a* nem sempre está presente nos conectores nas orações resultativas. O que é importante, contudo, é o uso do indicativo neste tipo de orações. Comparem-se as seguintes frases:

Falou em voz alta de forma que todos perceberam tudo. (oração resultativa)

Falou em voz alta de forma que todos percebessem tudo. (oração final)

Falou em voz alta de forma a que todos percebessem tudo. (oração final)

5.3.3.4. Orações concessivas

As orações concessivas equivalem a um adjunto adverbial de concessão, indicando um obstáculo (real ou hipotético) que não impede nem modifica o conteúdo proposicional da oração principal. Nas orações concessivas distinguimos as concessões factuais e concessivas não factuais, denominadas condicionais-concessivas. Apesar desta diversificada tipologia, sempre é usado o conjuntivo e nunca indicativo.

frase principal	<i>embora</i> + F
<i>Ela vai ajudar-me no trabalho</i>	<i>embora esteja cansada.</i>
indicativo (presente ou futuro)/imperativo	presente do conjuntivo

frase principal	<i>embora</i> + F
<i>Ela vai ajudar-me no trabalho</i>	<i>embora tenha trabalhado muito hoje.</i>
indicativo (presente ou futuro)/imperativo	conjuntivo pretérito/imperfeito

frase principal	<i>embora</i> + F
<i>Ela ajudou-me no trabalho</i>	<i>embora estivesse cansada..</i>
pretérito do indicativo	imperfeito do conjuntivo

frase principal	<i>embora</i> + F
<i>Ela ajudou-me no trabalho</i>	<i>embora tivesse trabalhado muito naquele dia.</i>
pretérito do indicativo	imperfeito do conjuntivo

As orações concessivas factuais, introduzidas por *embora*, *se bem que*, *ainda que*+ *conjuntivo*, *apesar de*+ *infinitivo*, *não obstante* + *infinitivo* encaram a situação descrita como verdadeira. Observe-se o seguinte exemplo:

Embora ela estivesse cansada, ajudou-me no trabalho.

Se bem que ele não saiba falar línguas estrangeiras, não tem problemas quando viaja.

Ainda que o professor não estivesse na escola, tivemos aulas.

Semanticamente, as orações concessivas aproximam-se das orações coordenadas adversativas, como se vê no seguinte exemplo:

Embora ela estivesse cansada, ajudou-me no trabalho.

Ela estava cansada mas ajudou-me no trabalho.

Tal como acontece nas orações finais, também as orações concessivas podem modificar um acto de fala, sendo orientadas para o falante ou para o ouvinte.

Embora não queiras, tens que ir ao médico.

Orações não factuais envolvem uma relação de condicionalidade. Ao contrário das orações concessiva factuais, a oração subordinada é apresentada como hipotética, facto, pelo que se aproximam das orações condicionais. As orações não factuais implicam que a realização da situação se realizará em quaisquer circunstâncias, como exemplificam as seguintes frases:

Mesmo que chame a polícia, não vou pagar nada.

Ainda que estivesse a chover, foram jogar futebol ao campo relvado.

frase principal	<i>mesmo que</i> + F
<i>Ela vai ajudar-me no trabalho</i>	<i>mesmo que esteja cansada.</i>
indicativo (presente ou futuro)/imperativo	presente do conjuntivo

frase principal	<i>mesmo que</i> + F
<i>Ela vai ajudar-me no trabalho</i>	<i>mesmo que tenha trabalhado muito naquele dia.</i>
indicativo (presente ou futuro)/imperativo	conjuntivo pretérito/imperfeito

frase principal	<i>mesmo que</i> + F
<i>Ela ajudou-me no trabalho</i>	<i>mesmo que estivesse cansada.</i>
pretérito do indicativo	imperfeito do conjuntivo

frase principal	<i>mesmo que</i> + F
<i>Ela ajudou-me no trabalho</i>	<i>mesmo que tivesse trabalhado muito naquele dia.</i>
pretérito do indicativo	imperfeito do conjuntivo

Estas orações podem ocorrer com os conectores como *mesmo que*, *mesmo se*, *ainda que*+ *conjuntivo*, como mostram os casos anteriores.

Também é possível exprimir a concessão não factual por uma **quantificação universal**, de acordo com as fórmulas abaixo mencionadas:

Por + quantificador	+ que + conjuntivo,	+ oração principal
<i>Por muito</i>	<i>que me peças,</i>	<i>não vou alterar a minha decisão.</i>
<i>Por pouco</i>	<i>que seja,</i>	<i>aceito a tua oferta.</i>
<i>Por pouco</i>	<i>que fosse,</i>	<i>aceitei a tua oferta.</i>

Por + advérbio/adjectivo (superlativo) + que + conjuntivo,	+ oração principal
<i>Por muito cansado</i>	<i>que esteja, nunca dorme.</i>
<i>Por pior</i>	<i>que esteja o tempo, saímos.</i>
<i>Por muito tarde</i>	<i>que chegasses, devias ligar-me.</i>

Por + quantificador + substantivo + que + conjuntivo,	+ oração principal
<i>Por mais dinheiro</i>	<i>que me ofereçam, não vendo a casa.</i>
<i>Por muitos livros</i>	<i>que tenha, nunca os lê.</i>
<i>Por mais dinheiro</i>	<i>que me oferecessem, não vendi a casa.</i>
<i>Por muitos livros</i>	<i>que tivesse, nunca leu nada. .</i>

Quem, a quem, de quem+ quer+ que + conjuntivo,	+ oração principal
<i>A quem</i>	<i>quer que fale, ninguém o ouve.</i>
<i>A quem</i>	<i>quer que falasse, ninguém o ouviu.</i>

Onde, por onde, para onde+ quer+ que + conjuntivo,	+ oração principal
<i>Por onde</i>	<i>quer que ele vá, sempre tropeça.</i>
<i>Por onde</i>	<i>quer que ele fosse, sempre tropeçava</i>

O que+ quer+ que + conjuntivo,	+oração principal
<i>O que quer que eu diga,</i>	<i>ninguém me ouve.</i>
<i>O que quer que eu dissesse,</i>	<i>ninguém me ouviu/ouvia.</i>

Quando+ quer+ que + conjuntivo,	+oração principal
<i>Quando quer que voltas,</i>	<i>telefona-me.</i>
<i>Quando quer que voltasses,</i>	<i>devias telefonar-me.</i>

Qualquer/quaisquer + que + conjuntivo,	+oração principal
<i>Qualquer</i>	<i>que seja a tua decisão, vou respeitá-la.</i>
<i>Qualquer</i>	<i>que fosse a tua decisão, sempre a respeitava.</i>

<i>Conjuntivo do presente +</i>	<i>(pr. relativo)</i>	<i>+do conjuntivo do pretérito</i>
<i>Chegue</i>	<i>a que horas</i>	<i>chegar,</i>
<i>Comas</i>	<i>o que</i>	<i>comeres,</i>
<i>Esteja</i>	<i>onde</i>	<i>estiver,</i>
<i>Faças</i>	<i>o que</i>	<i>fizeres,</i>
<i>Ouça</i>	<i>o que</i>	<i>ouvires,</i>
<i>Sejam</i>	<i>quantos</i>	<i>forem,</i>
<i>Vá</i>	<i>por onde</i>	<i>for,</i>
<i>Venha</i>	<i>quem</i>	<i>vier,</i>

Estas construções são denominadas **orações concessivas universais** ou **intensivas**. E para além destas, existem também orações **concessivas alternativas**, correspondentes às seguintes estruturas coordenadas alternativas, de acordo com as seguintes fórmulas:

Quer +(F) conjuntivo + quer não +(F) conjuntivo, +oração principal

Quer haja financiamento quer não haja, realizar-se-á o festival.
Quer houvesse financiamento quer não houvesse, o festival ia realizar-se.
Quer houvesse financiamento quer não houvesse, o festival realizar-se-ia.

Quer +(F) conjuntivo + quer não, + oração principal

Quer queiras quer não, tens que ir ao médico.
Quer quisesse quer não, tinha que ir ao médico.

(F) conjuntivo , (F) conjuntivo, + oração principal

Seja em minha casa, seja na tua, temos que festejar a vitória.
Fosse em minha casa, fosse na dele, tivemos que festejar a vitória.

5.3.3.5. Orações condicionais

As orações condicionais equivalem a um adjunto adverbial de condição ou hipótese e exprimem condição ou hipótese e é introduzida por um complementador *se, caso,* ou por uma locução conjuntiva *desde que, a menos que, a não ser que, dado que, contanto que, salvo se, quando,* etc. A oração condicional canónica encontra-se anteposta ou posposta à oração principal. No primeiro caso, a posição das orações condicionais é denominada **prótase**, no segundo caso, **apódose**.

As construções condicionais são classificadas consoante a proposição se tenha realizado, se realize no futuro ou não se tenha realizado. Quando a proposição se realizou, a condição tem uma interpretação **factual** ou **real**. Quando se poderá vir a realizar no futuro, a condição é **hipotética**. Quando não se realizou, a condição tem uma interpretação

contrafactual ou **irreal**. As seguintes frases ilustram claramente a diferença entre os três tipos de orações condicionais:

- Se o Rui estava doente, a mãe telefonava-lhe todos os dias.* (factual/real)
Se o Rui está doente, a mãe telefona-lhe todos os dias. (factual/real)
Se o Rui estiver doente, a mãe telefonar-lhe-á todos os dias. (hipotética)
Se o Rui estivesse doente, a mãe telefonar-lhe-ia todos os dias. (hipotética)
- II - - II - (contrafactual)
Se o Rui tivesse estado doente, a mãe ter-lhe-ia telefonado (contrafactual)

A combinação dos diferentes tempos e modos no período segue os seguintes quadros de compatibilidade formais:

F ⁺	
F ⁻	F ⁻
oração subordinada condicional factual/real	oração principal
indicativo	indicativo
<i>Se/caso o Rui estava doente,</i>	<i>a mãe telefonava-lhe todos os dias.</i>

F ⁺	
F ⁻	F ⁻
oração subordinada condicional hipotética localizada no futuro	oração principal
Se+conjuntivo do futuro	presente/futuro do indicativo
<i>Se/caso o Rui estiver doente,</i>	<i>a mãe telefonar-lhe-á todos os dias.</i>

F ⁺	
F ⁻	F ⁻
oração subordinada condicional hipotética localizada no presente	oração principal
Caso+conjuntivo do presente	presente/futuro do indicativo
<i>Caso o Rui esteja doente,</i>	<i>a mãe vai telefonar-lhe todos os dias.</i>

F ⁺	
F ⁻ oração subordinada condicional hipotética no futuro	F ⁻ oração principal
<i>Se+conjuntivo do imperfeito</i>	<i>futuro do passado (condicional) imperfeito do indicativo</i>
<i>Se o Rui trouxesse o filme (à tarde),</i>	<i>poderíamos vê-lo hoje à noite. podíamos vê-lo hoje à noite.</i>

F ⁺	
F ⁻ oração subordinada condicional contrafactual	F ⁻ oração principal
<i>Se+conjuntivo do imperfeito</i>	<i>futuro do passado (condicional) imperfeito do indicativo</i>
<i>Se o Rui estivesse doente,</i>	<i>a mãe telefonar-lhe-ia todos os dias. a mãe telefonava-lhe todos os dias.</i>

F ⁺	
F ⁻ oração subordinada condicional contrafactual	F ⁻ oração principal
<i>Se+conjuntivo do mais-que-perfeito</i>	<i>futuro do passado composto (condicional composto) pretérito mais-que-perfeito do indicativo eventualmente, imperfeito do indicativo condicional</i>
<i>Se o Rui tivesse estado doente,</i>	<i>a mãe ter-lhe-ia telefonado todos os dias. a mãe tinha-lhe telefonado todos os dias. a mãe telefonava-lhe todos os dias. a mãe telefonar-lhe-ia todos os dias.</i>

Existe um tipo de construções condicionais denominadas de **condição necessária**. São construções introduzidas pelos conectores condicionais *se, caso, no caso de*, precedido de um advérbio de focalização exclusiva, como *só, somente e apenas*, que pode ocorrer adjacente ao conector condicional ou intergarar a oração principal, como exemplificam os seguintes casos:

Vou perdoá-lo só se ele me pedir desculpa.

Só lhe empresto o carro, se conduzir devagar.

Tal como nos casos anteriores, também no grupo das orações condicionais existem as que são dirigidas ao falante ou ao ouvinte, sem influenciar o valor de verdade do conteúdo

proposicional da oração principal. Estas **estruturas de enunciação** estão ligadas à oração principal, formalmente, da mesma maneira como as orações condicionais. Não exprimem, porém, nenhuma condição ou hipótese. Funcionam antes como enquadreadores discursivos (pragmáticos), sem os quais não seria afectada a boa formação semântica. O locutor não se compromete em absoluto com a verdade do que diz:

Se bem me lembro, o João não gosta de ervilhas.

Se queres ouvir a minha opinião, não gostei de ele se ter portado assim.

Se amanhã chover, temos um outro programa.

Além dos tipos de condicionais acima apresentados, existem, ainda, as chamadas **orações condicionais de cortesia**. Trata-se de fórmulas ritualizadas, com elevado grau de fixidez, que ocorrem basicamente na oralidade, como ilustram os seguintes casos:

Se me permite, vou dizer a minha opinião.

Vá a outra caixa, se faz favor/se não se importa.

Quanto te custou este vestido?, se não é um segredo.

As orações subordinadas condicionais podem, ao mesmo tempo, ser reduzidas por infinitivo introduzido por *A*:

A continuar a chover desta maneira, não haverá piquenique.

No grupo semântico das orações subordinadas condicionais encontra-se a o período composto por coordenação em que a oração com interpretação condicional está sempre em posição inicial do período, ocorrendo nela a inversão de sujeito e predicado. As duas orações podem ser ligadas, facultativamente, pela conjunção aditiva *e*, como ilustram as seguintes frases:

Soubesse eu quanto custava esse vestido, não to pediria.

Soubesse eu quanto custava esse vestido e não to pediria.

Também outros tipos de construções coordenadas podem implicar uma relação condicional, como, por exemplo:

Não comes a sopa e eu não te levo ao cinema. =Se não comeres a sopa, não te levo ao cinema.

5.3.3.6. Orações de circunstância negativa

As orações de circunstância negativa são introduzidas pela preposição *sem* *que*+conjuntivo ou *sem*+infinitivo flexionado. Estas estruturas caracterizam-se por descreverem uma circunstância que não teve lugar e respeitam as mesmas regras de compatibilidade temporal como as concessivas:

A equipa da casa ganhou, sem que tivesse muitas ocasiões de golo.

frase principal	<i>sem que</i> + F
<i>A minha filha vai à discoteca</i>	<i>sem que me peça autorização,</i>
indicativo (presente ou futuro)/imperativo	presente do conjuntivo

frase principal	<i>sem que</i> + F
<i>A minha filha vai à discoteca</i>	<i>sem que me pedisse/tenha pedido autorização.</i>
indicativo (presente ou futuro)/imperativo	conjuntivo pretérito/imperfeito

frase principal	<i>sem que</i> + F
<i>Ela ajudou-me no trabalho</i>	<i>sem que quisesse..</i>
pretérito do indicativo	imperfeito do conjuntivo

frase principal	<i>sem que</i> + F
<i>Ela entregou-lhe a chave do escritório</i>	<i>sem que tivesse pedido autorização ao seu chefe.</i>
pretérito do indicativo	imperfeito do conjuntivo

5.3.3.7. Orações de modo

As orações de modo são tradicionalmente consideradas como orações modais que equivalem a um adjunto adverbial de modo, exprimindo a maneira, o meio, pelo qual se realizou o a proposição da oração principal.

De acordo com as teorias modernas, contudo, são caracterizadas como relativas com o antecedente implícito (relativas livres). Estas orações são introduzidas pelo conector *como*, o qual, implicitamente, contém o antecedente *maneira*.

O Rui fez tudo como lhe ensinaram.

O Rui fez tudo do modo como lhe ensinaram.

5.3.3.8. Orações de lugar

As orações de lugar, denominadas também como locativas, equivalem a um complemento adverbial de lugar e são introduzidas pelo advérbio locativo onde. Estas orações podem ser também analisadas como relativas livres, com o antecedente não expresso, mas implícito (lugar que).

Onde eu moro, toda a gente se conhece.

No sítio em que eu moro, toda a gente se conhece.

5.3.3.9. Orações conformativa e de comentário

As orações conformativas e de comentário exprimem, por meio de um verbo epistémico, que o falante e o ouvinte está envolvido no conteúdo proposicional da oração principal. São introduzidas pelos conectores *como*, *conforme*, *consoante* e *segundo*.

Nem todos têm, contudo, o mesmo comportamento sintáctico. Por exemplo, *como* não se pode utilizar com a estrutura relativa o que:

**Como o que sabes....*

contrariamente a

Segundo o que me disseram...

As orações conformativas aproximam-se das orações comparativas, como mostra o seguinte exemplo.

Cada um colhe conforme semeia.

A menina era, como dizia o pai, muito mimosa.

5.3.3.10. Orações contrastivas e contrapositivas

As orações contrastivas e contrapositivas implicam um valor semântico de contraste ou de oposição. São introduzidas pelo conector *enquanto (que)* que perdeu o seu valor semântico temporal, e *ao passo que*. A oração introduzida por *enquanto que* pode ser tanto anteposta como posposta à oração subordinante, contrariamente às construções com *ao passo que* que dificilmente podem ser antepostas, como manifestam os seguintes exemplos.

Enquanto que no português do Brasil o nome componente é dogénero masculino, no português europeu é bigenérico.

O André prefere café, ao passo que a Cristina gosta mais de chá.

As orações com *enquanto* podem ter um valor tanto contrastivo como temporal. É aconselhável utilizar *enquanto que* no sentido contrastivo e separar a oração contrastiva da oração subordinante por vírgulas, como nos casos acima mencionados.

As estruturas contrapositivas também podem ser introduzidas por *quando* não podendo, neste caso, encontrar-se na posição inicial:

O Martim achou o livro aborrecido, quando na realidade é um livro interessantíssimo.

5.3.3.11. Orações substitutivas e acrescentativas

As orações substitutivas e acrescentativas equivalem ao adjunto adverbial de troca ou de acréscimo. São introduzidas por *em vez de+infinitivo flexionado* (no caso das orações substitutivas) e por *(para) além de + infinitivo flexionado* (no caso das orações acrescentativas).

Em vez de ele ir para a escola, foi ao futebol.

Para além de saber falar francês, é capaz de comunicar em chinês.

5.3.4.Orações reduzidas de participio e de gerúndio

As orações adverbiais podem ser reduzidas por infinitivo, participio e gerúndio. Enquanto que mencionámos, ao longo do texto, construções reduzidas de infinitivo, incluímos, a parte da redução participial e gerundiva, num capítulo separado, por abrangerem um leque semântico mais vasto, muitas vezes não unívoco.

5.3.4.1.Orações participiais

As orações participiais têm a forma verbal no participio passado e equivalem a um adjunto averbial. Estas frases são acessórias e a sua omissão não afecta a boa formação semântica do período. Encontra-se, predominantemente, em posição inicial do período, sendo outras posições possíveis, mas não tão naturais com a posição inicial.

Como se vê nos exemplos abaixo mencionados, a estrutura argumental das orações participiais é semelhante à do verbo finito transitivo directo, ou seja, pode ter um sujeito e um objecto directo. Não são admitidas, no entanto, construções com clíticos, marcador adverbial de negação, verbos auxiliares ou semiauxiliares e sujeitos pronominais (*ele, ela, tu...*).

Quando os referentes dos sujeitos das duas orações do mesmo período são idênticos, o sujeito encontra-se expresso apenas na frase principal. Quando os dois sujeitos não são co-referentes, o sujeito da oração reduzida encontra-se em posição pós-verbal.

Chegado o momento certo, disse-lhe a verdade.

Caída em desuso, a festa do Corpo de Deus foi retomada no Porto há uns anos.

As orações participiais têm, tipicamente, uma interpretação temporal perfectiva, quando descrevem um evento concluído num intervalo de tempo anterior ao da oração principal. Não podem ser reduzidas as orações adverbiais com predicados aspectualmente atélicos, *como, lido o livro, passeada pelo parque.*

As orações participiais não pode ser introduzidas por conjunções. Podem, contudo, ser iniciadas pelas locuções *uma vez e depois de:*

Depois de terminada a reunião, vamos tomar um café.

As orações participiais podem reduzir três tipos de orações subordinadas: concessivas (reforçadas por *mesmo* ou *embora*), condicionais e temporais, como ilustram os seguintes casos:

Mesmo afastado o perigo, continuámos a ter medo. (concessivas)

Lido o romance, perceberás tudo. (condicional)

Cumprida a missão no estrangeiro, o Daniel voltou para o seu país. (temporal)

5.3.4.2. Orações gerundivas

As orações gerundivas, denominadas **adverbiais gerundivas**, ou podem substituir uma oração relativa ou adverbial. Quando têm um valor de subordinação relativa, encontram-se sempre em posição inicial. Já quando reduzem as orações adverbiais, encontram-se ou em posição inicial ou em posição final.

Quando ocorrem em posição inicial, são prosodicamente autónomas e são designadas **adverbiais gerundivas periféricas**. No segundo caso, quando ocorrem em posição final não são antecedidas de pausa e são designadas **adverbiais gerundivas integrantes**.

A estrutura argumental do verbo no gerúndio não é igual nas duas posições. Em posição inicial, o gerúndio pode ter o sujeito exposto obrigatoriamente na posição pós-verbal (quando os sujeitos do mesmo período não são correferentes), enquanto que em posição final do período o verbo ocorre obrigatoriamente sem o sujeito exposto.

Estando a Ana no hospital, decidimos visitá-la.

Resolvi o assunto telefonando ao meu chefe.

As orações adverbiais gerundivas podem exprimir diferentes valores temporais: o de anterioridade e sobreposição (eventualmente, posterioridade), devido à existência das duas formas: simples e composta:

Tendo escrito os trabalhos, os alunos puseram-se a descansar.

Estava a ouvir música dançando.

Além deste valor temporal, as adverbiais gerundivas podem exprimir valores semânticos causais, concessivos, condicionais (interpretação factual, não contrafactual) e de modo. Na ausência de um conector, contudo, a interpretação da oração gerundiva muitas vezes é ambivalente.

Tendo chegado atrasado, O João não conseguiu apanhar o início do filme. (v.causal)

Saindo da casa da Jenny, senti-me triste. (valor causal ou temporal)

Ouvindo bem o que te digo, vais saber tudo. (valor condicional)

Mesmo trabalhando, não consegue poupar dinheiro para poder comprar uma carrinha (valor concessiva)

A Maria conseguiu estudar toda a matéria preparando-se regularmente todos os dias. (valor de modo)

As orações adverbiais gerundivas não apresentam as mesmas restrições sobre o verbo como as orações participiais. Contrariamente às adverbiais participiais, as gerundivas apresentam as seguintes propriedades sintáticas:

- podem ocorrer com clíticos (tanto em próclise como em ênclise):

Em lhe cantando esta canção, sentiu-se melhor.

Em cantando-lhe esta canção, sentiu-se melhor

- podem com o negador “não”,

É um moinho de vento sem existência real, não correspondendo a nenhum dos modelos de construção europeia que estão efectivamente em debate . (negador não)

- admitem coordenação com outra gerundiva adverbial no mesmo período:

Não sendo a regionalização imposta pela história, nem pela geografia, não correspondendo a nenhuma aspiração profunda das populações, não sendo necessária do ponto de vista da integração europeia, que razão ou razões supervenientes de interesse público geral terá conduzido os mandatários políticos a retirar do arquivo esta reforma

- admitem construções com auxiliares ou semiauxiliares:

*Mas **tendo que** escolher entre os dois, confesso que não hesito: o dissidente é bem mais convincente que o regime .*

- Admitem sujeitos pronominais, como mostram os seguintes exemplos:

Estando a Ana no hospital, decidimos visitá-la.

As orações adverbiais gerundivas também podem aparecer em expressões consagradas pelo uso, como são as seguintes: *resumindo e concluindo, pensando melhor, parafraseando, sintetizando, etc...*

Em alguns dialectos do português, o gerúndio pode ser flexionado e apresentar desinências de pessoa e número: *eu vindo, tu vindes, ele vinde, nós vindomos, vós vindeis, eles vindem. Este gerúndio é chamado. gerúndio flexionado* e ocorre, mais comumente, no Sul de Portugal, sendo considerado como um regionalismo. Estas formas não pertencem à língua padrão.

Tu querendos , podemos namorar às escondidas.

Em sendem crescidos , levo-os a Lisboa.

Onde é que eles mesmo trabalhandem, em ganhando o dinheiro, podiam semear alguma coisinha para eles.

Quando sentindim outros animais, espantam-se.

E então, nessa altura, vieram dois rapazes, fazendem parte, rapazes novos, e eu e mais um outro é que éramos os velhosaquilo, se o homem não arrebrandando ...²⁷

²⁷ Maria Lobo Universidade (2000).

6. Pontuação

Pontuação é o recurso que permite expressar na linguagem escrita um espectro de matizes rítmicas e melódicas, características da língua falada, pelo uso de um conjunto sistematizado de sinais gráficos e não gráficos. Os sinais de pontuação são marcações gráficas que contribuem significativamente para a coesão e a coerência textual além de ressaltar especificidades semânticas e pragmáticas. Encontram-se, entre eles, os seguintes:

- Ponto (.) — Usa-se no final do período, indicando que o sentido está completo. É também usado nas abreviaturas (Dr., Exa., Sr.).

Exemplo: *Ele foi ao médico.*

- Vírgula (,) — Marca uma pequena pausa no texto escrito e também uma separação de membros de uma frase, nem sempre correspondente às pausas (mais arbitrárias) do texto falado. É usada como marca de separação para:
 - o aposto; o vocativo; o atributo;
 - os elementos de um sintagma não ligados pelas conjunções *e*, *ou*, *nem*;
 - as orações coordenadas assindéticas (não ligadas por conjunções);
 - as orações relativas;
 - as orações intercaladas;
 - as orações subordinadas e as adversativas introduzidas por *mas*, *contudo*, *todavia*, *entretanto* e *porém*.
- Ponto e vírgula (;) — Sinal intermediário entre o ponto e a vírgula, que indica que o sentido da frase será complementado. Representa uma pausa mais longa que a vírgula e mais breve que o ponto. É usado em frases constituídas por várias orações, algumas das quais já contêm uma ou mais vírgulas; também para separar frases subordinadas dependentes de uma subordinante; como substituição da vírgula na separação da oração coordenada adversativa da oração principal.
- Dois pontos (:) — Os dois pontos ou dois-pontos indicam um prenúncio, comunicam que se aproxima um enunciado. Correspondem a uma pausa breve da linguagem oral e a uma entoação descendente (ao contrário da entoação ascendente da pergunta). Anunciam: ou uma citação, ou uma enumeração, ou um esclarecimento, ou uma síntese do que se acabou de dizer..

- Ponto de interrogação (?) — Usa-se no final de uma frase interrogativa directa e indica uma pergunta.
- Ponto de exclamação (!) — Usa-se no final de qualquer frase que exprime sentimentos, emoções, dor, admiração, ironia, surpresa e estados de espírito.
- Reticências (...) — Podem marcar uma interrupção de pensamento, indicando que o sentido da oração ficou incompleto, ou uma introdução de suspense, depois da qual o sentido será completado.
- Aspas (“ ”) — Usam-se para delimitar citações; para referir títulos de obras; para realçar uma palavra ou expressão.
- Parênteses (()) — Marcam uma observação ou informação acessória intercalada no texto.
- Travessão (—) — Marca:
 - o início e o fim das falas em um diálogo, para distinguir cada um dos interlocutores;
 - as orações intercaladas; a
 - s sínteses no final de um texto.
- Meia-risca (–) — Separa extremidades de intervalos.
- Parágrafo — Constitui cada uma das secções de frases de um escritor; começa por letra maiúscula, um pouco além do ponto em que começam as outras linhas.
- Colchetes ([]) — utilizados na linguagem científica.
- Asterisco (*) — empregado para chamar a atenção do leitor para alguma nota (observação). Em linguística é usado para marcar uma frase agramatical.
- Barra (/) — aplicada nas abreviações das datas e em algumas abreviaturas.
- Hífen (–) — usado para ligar elementos de palavras compostas e para unir pronomes átonos a verbos (menor do que a Meia–Risca)

Separação dos elementos dentro de uma oração por vírgula

A vírgula indica uma pausa pequena, deixando a voz em suspenso à espera da continuação do período. Geralmente é usada:

- nas datas, para separar o nome da localidade;

p.ex: *São Paulo*, 25 de agosto de 2005.
- após os advérbios "sim" ou "não", usados como resposta, no início da frase;

p.ex: Gostou do vestido? *Sim*, adorei! *Não*, não gostei.
- após a saudação em correspondência (social e comercial);

p.ex: *Com muito amor,*

Respeitosamente,

- para separar os termos coordenados em enumeração; a conjunção "e" substitui a vírgula entre o último e o penúltimo termo;

p.ex: A casa tem *três quartos, dois banheiros, três salas e um quintal.*

- para destacar elementos intercalados, como:

a) um conector: Ex.: Estudamos bastante, *portanto*, merecemos descanso.

b) um adjunto adverbial: Ex.: Estas crianças, *com certeza*, serão aprovadas.

c) um vocativo Ex: Apressemo-nos, *Lucas*, pois não quero chegar atrasado.

d) um aposto: Ex. O João Vasco, *o nosso melhor aluno*, ganhou a corrida.

e) Uma expressão explicativa (*isto é, a saber, por exemplo, ou melhor, ou antes, etc.*)

Ex.: Preço do protótipo: 3,5 mil milhões de dólares, *isto é*, 536,5 milhões de contos.

- para separar termos deslocados da sua posição normal na frase;

Ex.: *O documento de identidade*, o senhor trouxe?

- para separar elementos paralelos de um provérbio;

Ex. *Tal pai*, tal filho.

- para destacar os pleonasmos antecipados ao verbo.

Ex.: As flores, eu recebi-*as* hoje.

- para indicar a elipse de um termo.

Ex: O Daniel ficou alegre; eu,(-) triste.

- para isolar elementos repetidos.

Ex.: Estão todos *cansados, cansados* de dar dó!

- para separar orações intercaladas.

Ex.: O importante, *insistiam os pais*, era a segurança da escola.

- para separar orações coordenadas assindéticas.

Ex.: *O tempo pára nas Sete Cidades, está toda a gente sentada nos bancos, ninguém faz nada, todos descansam.*

Para separar orações coordenadas adversativas, conclusivas, explicativas e algumas orações alternativas.

Esforçou-se muito, *porém* não conseguiu o prémio.

Vá devagar, *que o caminho é perigoso.*

Estuda muito, *pois será recompensado.*

As pessoas ora dançavam, ora ouviam música.

Embora a conjunção "e" seja aditiva, há três casos em que se usa a vírgula:

1) Quando as orações coordenadas têm sujeitos diferentes.

Ex.: *O homem* vendeu o carro, *e a mulher* protestou.

2) Quando a conjunção "e" é repetida com a finalidade de dar ênfase (polissíndeto).

Ex.: *E* chora, *e* ri, *e* grita, *e* pula de alegria.

3) Quando a conjunção "e" assume outro valor que não seja de adição (adversidade, consequência, por exemplo)

Ex.: Coitada! Estudou muito, *e* ainda assim não foi aprovada.

7 Referências bibliográficas:

- BARRETO, Mário. *De gramática e de linguagem, II*. Rio de Janeiro, 1922.
- BEČKA, Josef. *Slovo, jeho význam a užití*. SPN Praha, 1968.
- BECHARRA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37^a.edição, Rio de Janeiro, 2001.
- BLIKSTEIN, Izidoro. *Linguística e comunicação*. Cultrix, São Paulo, 1970.
- BUĎA, Jan. *Colocação do adjetivo*. Diplomová práce. FFMU, Brno, 2013.
- CAMARA, Mattoso Júnior. *Contribuição à Estilística Portuguesa*. São Paulo, 1997.
- CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. João Sá de Costa, Lisboa, 1999.
- FONSECA, Joaquim. *Linguística e texto/discurso. Teoria, descrição, aplicação*, Lisboa, 1992.
- FONSECA, Joaquim. *Pragmática Linguística. Introdução, Teoria e Descrição do Português*, Porto, 1994.
- FONSECA, Fernanda Irene. *Gramática e Pragmática. Estudos de Linguística Geral e de linguística Aplicada ao Ensino do Português*, Porto, 1993.
- GRADIM, Anabela. *Manual de Jornalismo, Livro de Estilo de Urbi et Orbi*. Universidade de Beira e Covilhã, 2000.
- GREPL, Miroslav. *Jak dál v syntaxi*. Brno : Host, 2011. [ISBN 978-80-7294-511-5](https://doi.org/10.1007/978-80-7294-511-5).
- GREPL, M. a kol., *Příruční mluvnice češtiny*. Praha: Nakladatelství Lidové noviny, 1995.
- HAMPL, Zdeněk. *Stručná mluvnice portugalštiny*, Praha, 1972.
- HRICSINA, Jan. *Vývoj modotemporálních paradigmat u portugalského verba finita z diachronního hlediska* (doktorská disertační práce). FF UK, Praha, 2006.
- HRICSINA, Jan. „O estudo diacrónico da evolução dos paradigmas modotemporais do verbo português“. *Écho des études romanes*, vol. IV/Num. 1, České Budějovice, 2008, (str. 87-88).
- HRICSINA, Jan. A posição do adjetivo no sintagma nominal no português contemporâneo: Análise corporal. AUC, Philologica 2/2013, Romanistica Pragensia XIX (Les langues romanes à la lumière des corpus linguistiques), 2013.
- HUDDLESTON, R., PULLUM, G.K. *Longman Grammar of Spoken and Written English*. Cambridge: CUP, (2002)
- JINDROVÁ, Jaroslava : “Modotemporální a aspektuální význam portugalského složeného perfekta. Studie z korpusové lingvistiky” in: *Korpusová lingvistika*. Praha, 2011, svazek 1 Intercorp, (s. 219 – 230).
- JINDROVÁ, Jaroslava. *Fázové perifráze v portugalštině*. Dizertační práce. FFUK v Praze, 2013.
- JINDROVÁ, Jaroslava. *Fázové perifráze v portugalštině*, FFUK, Praha, 2011,;
- KRČMOVÁ, Marie. “Mluvenost a psanost jako slohotvorní činitelé” in: *Linguistica online*. září, 2005. www.phil.muni.cz/linguistica/art/krcmova/.
- KURY, Adriano de Gama, *Novas lições da análise sintáctica*.
- LOBO, Maria. „Aspectos da sintaxe nas orações gerundivas do português dialectal.“ In: *Conngresso Internacional 500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil* Universidade de Évora, 2000.
- LUFTMANOVÁ, D. *Syntaktická realizace řečového aktu žádosti z hlediska překladu*. FF UK: Praha, 2000.
- NEVES, Maria Helena de Moura: *Guia de Uso do Português - Confrontando regras e usos*. São Paulo, Editora Unesp, 2003.
- MADEIRA, Ana. *Aquisição de L2*. In P. Osório e R. Meyer (coord.) *Português Língua Segunda e Língua Estrangeira*, Lisboa: Lidel – Edições Técnicas, 2008.
- OLIVEIRA, Fátima, "Questões sobre Modalidade em Português" in *Cadernos de Semântica* n.º 15, 1993.
- OLIVEIRA, Fátima, (coautoria com A. Lopes), "Tense and Aspect in Portuguese" in Thieroff, R. (org.) *Tense Systems in European Languages*, vol. II, Max Niemeyer Verlag, Tubingen, p. 95-115.

1995.

OLIVEIRA, Fátima, , "Domain Restrictions, Mental Models and Discourse Context" in *Atas do 1º Congresso de Linguística Cognitiva*. Porto Faculdade de Letras, p.165-180. 1999

OLIVEIRA, Fátima, , "Some Issues about the Portuguese Modals", in *Belgian International Journal of Linguistics*. 2000.

OLIVEIRA, Fátima, (em coautoria L.F. Cunha, S. Matos e A. Gonçalves) "Verbos de Operação Aspectual em PE e em PB: Semântica e Sintaxe" in *Atas do Colóquio especial "Português Europeu - Português Brasileiro: Unidade e Diversidade no virar do milénio"*, Abralín, Fortaleza, Brasil.,2002.

OLIVEIRA, Fátima, "Sobre os tempos do conjuntivo.", in *O fascínio de linguagem. Homenagem a Fernanda Irene Fonseca* (109-118), 2003.

OLIVEIRA, Fátima, "Sobre a iteração do Pretérito Perfeito Composto em Português Europeu" Fátima Oliveira iva, F. & Leal, A. – in *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto - Vol. 7 – 2012*.

RAMOS, Joaquim José de Sousa Coelho. *Introdução ao Português Jurídico*. Univerzita Karlova v Praze. Karolinum. 2012.

RAMOS, Joaquim José de Sousa Coelho. *Presença ou ausência de artigo nos sintagmas preposicionais complemento e/ou modificadores de nome*. Mestrado em Português Língua Estrangeira. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2012,

dos Santos, Ana Sofia Rodrigues. *A influência da L1 no processo de aquisição de L2*, XXIV Encontro Nacional da APL, Lisboa, 2008.

da SILVA, Cláudia Alexandra Moreira. *Contextos de (in)formalidade – os artigos indefinidos nas crónicas e nos chats*. Dizertační práce, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009.

RIFFATTERE, Michael. *Estilística estrutural*, São Paulo, 1973.

SOARES, Isabel Maria Pardal Hanemann. "Contextos de ocorrência do nome próprio com e sem artigo definido: Qual o estatuto do artigo?", em *Actas do XV encontro nacional da APL*, Faro,1999.

SPITZOVÁ, Eva. *Sintaxis española*, SPN, Praha, 1990.

SVOBODOVÁ, Iva. Os valores pragmático-estilísticos do artigo em português contemporâneo. Vol. IV. České Budějovice: Universitas Bohemiae Meridionalis, 2008. *Écho des études romanes, vol IV/ núm.2*.

SVOBODOVÁ, Petra. Verbální flexe v 1. os. j. č. minulého času prostého a její zeměpisné varianty na území kontinentálního Portugalska.

ŠEVČÍKOVÁ, Magda. *Funkce kondicionálu z hlediska významové roviny*. Praha : ÚFAL, 2009. 179 s.

TICHÝ, Oldřich. *Základy španělské mluvnice*, Praha SPN, 1958.

VILELA, Mário. *Gramática de Valências: Teoria e aplicação*.Coimbra, 1992.

ZAVADIL Bohumil. Čermák Petr. *Mluvnice současné španělštiny*. UK, Praha. 2010

Hromadná díla:

Áreas Críticas da Língua Portuguesa, João Andrade Peres, Telmo Mória. Lisboa, 1995.

Dicionário de Termos Linguísticos, Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa,1987.

Gramática da Língua Portuguesa, Maria Helena Mira Mateus, Ana Maria Brito, Inês Duarte, Isabel Hub Faria et col., Lisboa, Editorial Caminho – Coleção Universitária / Série LINGUÍSTICA), 1989,2003.

Gramática do Português, Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

Introdução à Linguística Geral e Portuguesa. FARIA, Isabel Hub, et. Alii Editorial Caminho, Lisboa, 1996.

Dicionário da língua portuguesa Contemporânea, Academia das Ciências de Lisboa e Lisboa, 2001.

Linguística. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, Porto, 2006.

Nova Gramática do Português Contemporâneo.Cunha, Celso a Cintra Lindley, Edições João Sá de Costa, Lisboa, 1985.

Pontuário Ortográfico e guia da língua portuguesa. Magnus Bergstrom, Neves Reis, Lisboa, 2002.

Jazykové korpusy:

www.linguateca.pt

www.corpusdoportugues.org.

www.intercorp.cz